UNIVERSIDADE FEDERAL DO ESTADO DO RIO DE JANEIRO
CENTRO DE CIÊNCIAS BIOLÓGICAS E DA SAÚDE
ESCOLA DE ENFERMAGEM ALFREDO PINTO
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM ENFERMAGEM - MESTRADO

"O DIA DA ENFERMEIRA" NAS PÁGINAS DA *REVISTA DA SEMANA* (1929-1930): ANNA NERY E OS LUCROS SIMBÓLICOS.

SIMONE DE AGUIAR DO NASCIMENTO
Orientador: Profº. Dr. FERNANDO PORTO

Rio de Janeiro
Agosto/2013

SIMONE DE AGUIAR DO NASCIMENTO

"O DIA DA ENFERMEIRA" NAS PÁGINAS DA *REVISTA DA SEMANA* (1929-1930): ANNA NERY E OS LUCROS SIMBÓLICOS.

Dissertação de Mestrado apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Enfermagem Mestrado, do Centro de Ciências Biológicas e da Saúde, da Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro, como requisito à obtenção do título de Mestre em Enfermagem.

Rio de Janeiro

Agosto/2013

Nascimento, Simone de Aguiar do.
N244 "O dia da enfermeira" nas páginas da Revista da Semana (1929-1930) : Anna Nery e os lucros simbólicos / Simone de Aguiar do Nascimento, 2013.
146 f. : 30 cm + 1 DVD

Orientador: Fernando Porto.
Dissertação (Mestrado em Enfermagem) – Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2013.

1. Nery, Anna Justina Ferreira, 1814-1880. 2. Enfermagem - História. 3. Dia do Enfermeiro Brasileiro. I. Porto, Fernando. II. Universidade Federal do Estado do Rio Janeiro. Centro de Ciências Biológicas e de Saúde. Curso de Mestrado em Enfermagem. III. Título.

CDD – 610.7309

“O DIA DA ENFERMEIRA” NAS PÁGINAS DA *REVISTA DA SEMANA*

(1929-1930): ANNA NERY E OS LUCROS SIMBÓLICOS.

SIMONE DE AGUIAR DO NASCIMENTO

Dissertação de Mestrado apresentada à Banca Examinadora como exigência do Curso de Mestrado em Enfermagem, da Escola de Enfermagem Alfredo Pinto, da Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro, em agosto de 2013.

BANCA EXAMINADORA:

_____

Profº. Dr. Fernando Porto

PRESIDENTE

_____

Profª. Drª. Tânia Maria de Almeida Silva

1º EXAMINADOR

_____

Profº. Drº. Wellington Mendonça de Amorim

2º EXAMINADOR

_____

Profº. Drº. Genival Fernandes de Freitas

1º SUPLENTE

_____

Profº. Drº. Carlos Roberto Lyra da Silva

2º SUPLENTE

Rio de Janeiro

Agosto/2013

DEDICATÓRIA

Ao meu amor, Renato de Azevedo pelo apoio e compreensão em todos os momentos, principalmente nos de incerteza, muito comuns para quem tenta trilhar novos caminhos. Sem você nenhuma conquista valeria a pena.

As mulheres da minha vida, minha mãe Zilda de Aguiar Silva e irmã Sandra Carvalho Arinelli que por uma vida de dedicação, amor e trabalho sempre me possibilitaram a oportunidade de realizar sonhos e conquistas.

AGRADECIMENTOS

"Aqueles que passam por nós, não vão sós, não nos deixam sós.
Deixam um pouco de si, levam um pouco de nós."
Antonie de Saint-Exupery.

Agradecer é algo que me emociona, pois é nele que tenho a oportunidade de demonstrar minha gratidão a todos àqueles responsáveis direta ou indiretamente por essa conquista e por isso os agradecimentos aqui envolvem muito mais do que simples obrigados.

Assim, primeiramente agradeço a Deus pela paz da tua presença, pela certeza de que nada passa despercebido pelos seus olhos, pela segurança da tua justiça que não falha, pela graça que me orientou sempre para o melhor caminho.

A minha querida mãe Zilda de Aguiar por todos os esforços dispendidos para me ensinar o sentido de família, para me tornar enfermeira e por ter me criado com dignidade e muito carinho.

Ao meu pai, Severino Gomes, que apesar do pouco estudo que possui, hoje reconhece a importância dele, e sei que torce pela minha ascensão profissional.

A minha irmã Sandra Carvalho, amiga de todas as horas e momentos. Outra grande responsável por minhas conquistas tanto pelos vários incentivos dados, como nas questões financeiras, abnegando muitas vezes coisas para si para me manter na Universidade enquanto acadêmica.

Ao meu grande amor, amigo e companheiro Renato de Azevedo por ter vivido comigo todas as dificuldades enfrentadas no processo de construção dessa dissertação

como também de parte de minha vida. Peço desculpa pelas ausências, distâncias, por tanto tempo em frente ao computador necessários para a organização das minhas ideias, situação que às vezes o incomodava, por preocupação com minha saúde, mas esse esforço foi imprescindível para essa conquista.

A Coordenadora da Fiscalização do COREN-RJ, Ana Teresa de Souza, e amigas fiscais Danielli Ciuffo, Érika Machado e Greice Molim pelas ajudas, incentivos durante todo o meu processo de mestrado.

Ao meu grupo de pesquisa do LACENF construído pelas Doutorandas Mercedes Neto, Sangra Goulart e Andreia Neves; Mestre Luciane Araújo; Mestrandos Pedro Nassar, Tainara Veraldo, Francisco Gomes, Claudia Cruz, Lisandra Risi e Pedro de Jesus; Enfermeiro Renato Phillipe; Acadêmicos Vinicius Sidney, Juliana Aguiar, Daiana Miranda, Jéssica Paiva e Leandro Ludson. Agradeço imensamente a todos pelos diversos debates e discussões que ocorreram no grupo de pesquisa e que me auxiliaram na construção dessa dissertação; além disso, todo o carinho oferecido a mim.

Agradecimento especial para a acadêmica Juliane Aguiar, Vinícius Sidney e Alex que apesar de estarem no término da graduação com os diversos créditos a cumprir, não mediram esforços para o auxilio na construção do vídeo para minha apresentação.

As Mestres Anna Karina Deslandes e Elaine Franco por todas as ajudas e incentivos.

Aos professores integrantes do LAPHE, Wellington Mendonça de Amorim, Almerinda Moreira e Osnir Claudiano da Silva Júnior, pelo apoio e pelas contribuições importantes na realização dessa pesquisa.

Aos professores que fizeram parte da Banca Examinadora, pela atenção e contribuições imprescindíveis na construção deste estudo.

Ao meu querido amigo e orientador Fernando Porto, pelo seu carinho, incentivo, paciência e ideias fundamentais para a construção deste trabalho. Quando crescer, desejo ser igual a você.

E aqueles que torceram e torcem por mim.

Muito obrigada a todos!

RESUMO

NASCIMENTO, Simone de Aguiar do. "O dia da Enfermeira" nas páginas da *Revista da Semana* (1929-1930): Anna Nery e os lucros simbólicos – Dissertação (Mestrado em Enfermagem). Centro de Ciências Biológicas e da Saúde, Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro – UNIRIO. Rio de Janeiro. 2013. 146 p.

Trata-se de um estudo na perspectiva histórico-semiótica que tem como objeto os efeitos simbólicos para a enfermagem brasileira por meio dos ritos institucionais em comemoração à enfermeira, veiculados nas páginas da *Revista da Semana* no período de 1929 e 1930, delimitação que antecede o período de publicação do Decreto nº 2.956/1938 que institui o Dia do Enfermeiro Brasileiro. Os objetivos traçados foram: descrever a luta simbólica em prol da mitificação de Anna Nery entre as Instituições de Ensino formadoras de enfermeiras; analisar os ritos institucionais e suas representações objetais veiculadas na imprensa ilustrada em comemoração à enfermeira brasileira e discutir os efeitos simbólicos dos ritos institucionais em comemoração à enfermeira para a enfermagem brasileira. O foco de análise foram seis *fac-símiles* publicados na *Revista da Semana*, além dos documentos escritos localizados em bibliotecas, centros de documentação e acervos documentais da cidade do Rio de Janeiro. Como referencial teórico foram adotadas noções à luz do pensamento do sociólogo Pierre Bourdieu, evidenciando relações de *habitus*, campo e capital simbólico. A discussão do estudo ocorreu através de três capítulos: Anna Nery: mitificação e símbolo usado para legitimar o poder das Escolas de Enfermagem; Ritos institucionais veiculados pela imprensa ilustrada em comemoração a Enfermeira brasileira (1929-1930) e Efeitos simbólicos dos ritos institucionais veiculados pela imprensa ilustrada em 1929 e 1930 para a enfermagem brasileira. Conclusão: Decifrar os signos presentes nos *fac-símiles* analisados permitiu conhecer Anna Nery como um poderoso mito brasileiro, na qual seus lucros simbólicos foram utilizados pelas Instituições de Ensino formadoras de Enfermeiras à época, com forma de conquistar visibilidade, poder e prestígio perante a sociedade, sendo o dia da enfermeira um recurso utilizado para tal objetivo.

Descritores: História da Enfermagem; Fotografia; Enfermagem.

ABSTRACT

NASCIMENTO, Simone de Aguiar do. "The Nurse's Day" in the pages of the Week Magazine (1929-1930): Anna Nery and the symbolic profit – Dissertation (Masters in Nursing). Center of Biological and Health Sciences, Federal University of the State of Rio de Janeiro – UNIRIO. Rio de Janeiro. 2013. 146 p.

It is a study under the historical-semiotic perspective which has as the object the symbolic effects for the Brazilian Nursing by means of the institutional ceremonies in honor of the nurse, transmitted in the pages of the Week Magazine covering the period between 1929 and 1930, delimitation that precedes the period of publication of the Decree nº 2.956/1938, that institutes the Brazilian's Nurse Day. The traced goals were: describing the symbolic fight for the sake of Anna Nery's mystification among the teaching institutions which qualified the nurses; analyzing the institutional ceremonies and their object representations transmitted by the illustrated press while praising the Brazilian nurse and discussing the symbolic effects of the institutional ceremonies in honor of the nurse regarding the Brazilian Nursing. The focus of the analysis was six *facsimiles* published in the Week Magazine, and also the written documents from libraries, documentation centers and documental collections of the city of Rio de Janeiro. As a theoretical referential, notions in the light of thought of the sociologist Pierre Bourdieu were adopted, making evident relations of *habitus*, field and symbolic capital. The study is divided into three chapters: Anna Nery: mystification and symbol used to legitimate the power of Nursing schools; Institutional ceremonies transmitted by the illustrated press in honor of the Brazilian Nurse (1929-1930) and the Symbolic effects of these institutional rituals transmitted by the illustrated press in 1929 and 1930 to the Brazilian Nursing. Conclusion: Decoding the signs presented in the facsimiles analyzed made it possible to recognize Anna Nery as a powerful Brazilian myth, in which the symbolic profits were used by the Teaching Institutions which qualified the nurses at that time, as a way to acquire visibility, power and prestige in front of the society, as the Nurse's day was a resource used for such objective.

Descriptors: Nursing History; Photography; Nursing.

RESUMEN

NASCIMENTO, Simone de Aguiar do. "El dia de la enfermera " en las páginas de la Revista de la Semana (1929-1930): Anna Nery y los beneficios simbólicos - Tesis (Maestría en Enfermería). Centro de Ciencias Biológicas y de la Salud de la Universidad Federal del Estado de Río de Janeiro - UNIRIO. Rio de Janeiro. En 2013. 146 p.

Se trata de un estudio de la semiótica perspectiva histórica tiene como objeto los efectos simbólicos para la enfermería brasileña a través de ritos institucionales que conmemoran la enfermera, que se sirve en las páginas de la Revista de la Semana para el período 1929-1930, antes de la delimitación periodo de publicación del Decreto n º 2.956/1938 establece el día de las enfermeras brasileñas. Los objetivos fueron: describir la lucha simbólica por el bien de la mistificación Anna Nery entre las instituciones educativas que forman enfermeras, analizar los ritos institucionales y sus representaciones de objetos en la prensa ilustrada en la conmemoración de la enfermera brasileña y discutir los efectos de los ritos simbólicos institucionales conmemorando la enfermera para la enfermería brasileña. El foco de análisis fueron seis facsímiles publicados en el Diario de la semana, además de los documentos escritos ubicados en bibliotecas, centros de documentación y colecciones documentales de la ciudad de Rio de Janeiro. Los conceptos teóricos se han adoptado a la luz del pensamiento de Pierre Bourdieu, que muestra las relaciones de *habitus*, campo y capital simbólico. La discusión del estudio se produjo a través de tres capítulos: Anna Nery: mistificación y el símbolo utilizado para legitimar el poder de las Escuelas de Enfermería; Ritos institucionales transmitidos por la prensa ilustrada conmemora la enfermera brasileña (1929-1930) y los efectos de los ritos simbólicos transmitidos por instituciones ilustrado prensa en 1929 y 1930 para la enfermería brasileña. Conclusión: Descifrar los signos presentes en facsímiles permitido conocer Anna Nery analizada como un poderoso mito brasileño, en el que sus beneficios simbólicos fueron utilizados por las instituciones de educación encargados de enfermeras de la época, con forma de ganar visibilidad, poder y prestigio en la sociedad, siendo el dia de la enfermera un recurso utilizado para este propósito.

Descriptores: Historia de la Enfermería; Fotografía; Enfermería.

LISTA DE SIGLAS

CVB – Cruz Vermelha Brasileira.

DNSP – Departamento Nacional de Saúde Pública.

EPEAP - Escola Profissional de Enfermeiras Alfredo Pinto

EEDNSP – Escola de Enfermeiras do Departamento Nacional de Saúde Pública.

EPECVB – Escola Prática de Enfermeiras da Cruz Vermelha Brasileira.

LACENF – Laboratório de Abordagens Científicas em Enfermagem.

LAPHE – Laboratório de Pesquisa em História da Enfermagem.

COFEN – Conselho Federal de Enfermagem.

COREN-RJ – Conselho Regional de Enfermagem do Rio de Janeiro.

SUMÁRIO DE *FAC-SÍMILES*

Fac-símile nº 1: Visita ao túmulo de Anna Nery.....74

Fac-símile nº 2: Visita ao túmulo de Anna Nery.....75

Fac-símile nº 2 A : Identificação dos uniformes.....77

Fac-símile nº 3: As novas legionárias da caridade.....80

Fac-símile nº 4: Momento da entrega do diploma as Novas Legionárias da Caridade...86

Fac-símile nº 5: Momento da entrega do Braçal a uma das alunas da Cruz Vermelha Brasileira.....88

Fac-símile nº 6: Aspecto do salão em que as enfermeiras que terminaram o curso e entrega da medalha D. Anna Nery à aluna mais distinta.....92

Fac-símile A: Zona de localização da imagem.....39

Fac-símile B: Decreto nº 17.268 de 31 de março de 1926.....67

Fac-símile C: Senhora Washington Luís inaugurando as novas dependências do Instituto Médico Cirúrgico (...) da comemoração a enfermeira.....94

Fac-símile D: Mãe do Mundo.....112

Fac-símile E: Selo da série III Conferência Pan-americana da Cruz Vermelha no Rio de Janeiro.....112

Fac-símile F: Torre do Palácio da Cruz Vermelha Brasileira – Órgão Central – Rio de Janeiro.....113

Fac-símile G: Estátua de Anna Nery.....114

Fac-símile H: O dia da enfermeira – 1929.....121

Fac-símile I: O dia da enfermeira – 1930.....121

SUMÁRIO DE QUADROS DEMONSTRATIVOS

Quadro nº 1: Fac-símiles da Revista da Semana analisados no estudo.....37

Quadro nº 2: Comparativo entre Anna Nery e Cruz Vermelha.....58

Quadro nº 3: Síntese da formação e ratificação do mito Anna Nery.....69

Quadro nº 4: Representações objetais utilizadas por alunas e enfermeiras nos Ritos Institucionais em comemoração a Enfermeira Brasileira.....101

SUMÁRIO DE GRÁFICOS DEMONSTRATIVOS

Gráfico nº 1: Representações objetais ostentadas na parte superior do corpo das alunas e enfermeiras das Escolas de enfermagem em homenagem a enfermeira brasileira.....108

Gráfico nº 2: Representações objetais ostentadas na parte médica do corpo das alunas e enfermeiras das Escolas de enfermagem em homenagem a enfermeira brasileira.....115

Gráfico nº 3: Representações objetais ostentadas nos membros superiores das alunas e enfermeiras das Escolas de enfermagem em homenagem a enfermeira brasileira.....116

ESQUEMA SINÓPTICO

Esquema sinóptico sobre a influência de Anna Nery nas comemorações da enfermeira em 1929 e 1930 e seus efeitos para a enfermagem brasileira.....125

SUMÁRIO

SEÇÃO 1

Considerações Iniciais

1.1 Motivação, objeto de estudo, suas delimitações e problematização.....16
1.2 Justificativa e relevância.....27

SEÇÃO 2

Aspectos metodológicos e noções de base

2.1 Perspectiva dos estudos, os documentos e referencial teórico.....31

2.2 Organização do Estudo.....44

SEÇÃO 3

Anna Nery: mitificação e símbolo usado para legitimar o poder das Escolas de Enfermagem.....48

3.1 Anna Justina Ferreira Nery, Guerra do Paraguai e formação do mito brasileiro.....49

3.2 Utilização do mito Anna Nery.....52

SEÇÃO 4

Ritos Institucionais veiculados pela imprensa ilustrada em comemoração à enfermeira brasileira (1929 – 1930).....71

SEÇÃO 5

Efeitos simbólicos das comemorações à enfermeira veiculadas na imprensa ilustrada em 1929 e 1930 para a enfermagem brasileira.....96

SEÇÃO 6

Considerações Finais.....126

REFERÊNCIAS.....134

APENDICE A: Matriz de Análise.....143

ANEXOS

ANEXO A: O dia da enfermeira – *Revista da Semana* – 25/05/1929.....145

ANEXO B: O dia da enfermeira – *Revista da Semana* – 07/06/1930.....146

SEÇÃO 1

CONSIDERAÇÕES INICIAIS

1.1. Motivação, objeto de estudo, suas delimitações e problematização.

A **motivação** para a realização dessa pesquisa ocorreu devido a algumas circunstâncias, dentre elas, pelo fato de retornar para construção do conhecimento cientifico com meus pares na área da História da Enfermagem, iniciado no ano de 2002 enquanto acadêmica de Enfermagem, quando frequentava o Laboratório de Pesquisa em História da Enfermagem (LAPHE) da Escola de Enfermagem Alfredo Pinto/UNIRIO.

No ano de 2011, tive o primeiro contato com o acervo de imagens da *Revista da Semana* do Profº Fernando Porto, quando solicitei a sua bolsista de iniciação científica, cópia das imagens, sendo-me fornecidas todas aquelas coletadas do lapso temporal do projeto matriz intitulado "A Imagem Pública da Enfermeira Brasileira (1916-1931)".

O projeto matriz, até esse momento, já havia rendido frutos de outras pesquisas e por isso meu olhar nas imagens foi para as da década de 1920. Analisando uma a uma e com certo conhecimento nas legislações brasileiras, as manchetes de 1929 e 1930 sob o título "O dia da enfermeira" me chamaram atenção pelo fato desse dia somente ter sido oficializado em 1938 no Brasil.

Outra motivação foi pela minha atuação profissional como Enfermeira Fiscal do Conselho Regional de Enfermagem do Rio de Janeiro (COREN-RJ), pois nessa função necessito buscar, aprender, compreender e aplicar, nas minhas ações profissionais, os dispositivos legais, seja eles específicos ou afins para enfermagem.

Esta busca e aprendizado ao longo dos tempos, devido às diferentes situações de atuação fiscal do COREN-RJ, foram reveladores de ambição em maiores buscas, conhecimento e satisfação mediante aos meus instrumentos de trabalho – as legislações. Assim, trazer algumas questões legais da enfermagem, como o Decreto 2.956/1938 para essa pesquisa, tem por significado investimento profissional de acúmulo de capital intelectual para o qual me proponho.

Aliado as questões legais, está o fato dessa pesquisa também envolver ritos institucionais, pois no 2º semestre de 2004, foi a mim conferido, num momento ritualístico, o título de Dama da Lâmpada da Escola de Enfermagem Alfredo Pinto, devido aos meus méritos como acadêmica de enfermagem, como também pela minha postura ética nas relações interpessoais no âmbito acadêmico.

Esse rito, na qual fui protagonista principal, pode ser entendido como um rito institucional repleto de simbolismo para profissão enfermagem, como foram às comemorações à enfermeira brasileira veiculadas nas páginas da *Revista da Semana* em 1929 e 1930.

Desta forma, apresento como **objeto** deste estudo os efeitos simbólicos para a enfermagem brasileira por meio dos ritos institucionais em comemoração à enfermeira, veiculados nas páginas da *Revista da Semana*. A delimitação temporal se revelou mediante as buscas na *Revista da Semana*, quando se identificou duas matérias publicadas, uma no mês de maio de 1929 e outra, em junho de 1930, ambas intituladas "O Dia da Enfermeira".

Cabe destacar que a delimitação antecede o período de publicação do Decreto nº 2.956/1938, assinado pelo presidente do Brasil, à época Getúlio Vargas, que instituía o

dia do Enfermeiro, a ser celebrado em 12 de maio, na qual deveriam ser prestadas homenagens, em todos os hospitais e escolas de enfermagem do país, à memória de Anna Nery – enfermeira que se voluntariou à Guerra do Paraguai (1864 a 1870) para cuidar dos feridos do confronto e que se tornou mito para a enfermagem brasileira (BATISTA, 2005).

O ato de celebrar ou comemorar é algo típico das sociedades humanas, que significa festejar um acontecimento. Não há país que, no seu processo de construção da identidade nacional, não tenha promovido e cultuado fatos e acontecimentos relevantes a serem lembrados à posteridade, seja pelos registros de suas histórias, na edificação de monumentos, na celebração de datas comemorativas e em rituais cívicos (ÓRIA, 2012).

No Brasil, a proposta de comemorações não ocorreu de forma diferenciada, entretanto além da construção da identidade nacional, a instituição de datas, para trazer à memória de fatos da sociedade brasileira, perpassou pelo jogo de interesses entre as elites políticas e intelectuais com o objetivo de exaltação Estatal, situação indispensável para o contexto político, e por isso foram determinadas datas que os brasileiros deveriam comemorar como forma de imprimir no povo a importância de fatos a serem lembrados pela população da história do Brasil (ÓRIA, 2012).

Nessa perspectiva, ao mergulhar na história do Brasil e retornar o período Imperial Brasileiro (1822 a 1889), logo após a emancipação política, de 7 de setembro de 1822, a monarquia encarregou-se de marcar alguns dias de festividade nacional em

todo Império, por meio da publicação da lei de 9 de setembro de 1826[1], conforme versou seu artigo 1º:

> Art. 1° Serão de festividade nacional em todo o Império os dia 9 de Janeiro, 25 de Março, 3 de Maio, 7 de Setembro, e 12 de Outubro (BRASIL, 1826).

Cabe perguntar, de início, que fatos históricos significativos e importantes à época do Império ocorreram nessas datas para que fossem dignas de serem lembradas e festejadas no país?

Responder não se trata de uma tarefa fácil, mas uma delas se refere ao dia 7 de setembro. Essa data desde o início de sua festividade, em 1826 até a atualidade, possui o sentido de comemoração, dito em outras palavras, de festejar a Independência do Brasil, sendo a possibilidade de entender como se deu o processo de emancipação política do território brasileiro, do Reino Unido de Portugal, Brasil e Algarves, no início do século XIX, e com isso o Brasil Império. (ÓRIA, 2012; KOSHIBA & PEREIRA, 1996).

As demais datas comemorativas nesse contexto significavam o Dia do "Fico" em referência a 9 de janeiro de 1822, data em que o príncipe regente D. Pedro de Alcântara foi contra as ordens das Cortes Portuguesas, que exigiam seu retorno a Lisboa, **ficando**[2] no Brasil. 25 de março foi a data em que aconteceu a outorga da primeira Carta Constitucional Brasileira, necessária em virtude da formação de um novo Estado e 3 de maio celebrava-se a chegada de Pedro Álvares Cabral ao Brasil[3] sendo estabelecida

[1] Cabe ressaltar que não houve esquecimento na digitação do número da lei, pois esse inexiste. Tratava-se da lei de 9 de setembro de 1826, dispositivo legal que marcava no período do imperial os dias a serem comemorados no País.
[2] Grifo do pesquisador.
[3] Apesar dos livros de história do Brasil revelar o descobrimento do Brasil em abril de 1500, como o autor Boris Fausto em sua obra intitulada "História Concisa do Brasil", no dispositivo legal Brasileiro, se comemorava a descoberta do Brasil em 03 de maio.

como a data anual dos trabalhos do Parlamento e 12 de outubro como data natalícia de D. Pedro I e de sua aclamação como defensor perpétuo e imperador do Brasil (BRASIL, 1826; ÓRIA, 2012).

Assim, percorrendo a história do Brasil, após a mudança da forma de governo brasileiro ocorrida em 15 de novembro de 1889 (Proclamação da República), se deixou para traz 57 anos de prevalência do poder monárquico no país, para se exaltar a República Brasileira. (ÓRIA, 2012; LENSA, 2009).

Da mesma maneira, devido aos interesses do governo republicano como também da sociedade e grupos organizados, um dos primeiros atos do governo provisório foi a publicação do Decreto nº 155-B, de 14 de janeiro de 1890, instituidor das festas públicas merecedoras de registro e comemorações no país, sendo elas: 1º de janeiro para se comemorar a fraternidade nacional; 21 de abril em homenagem a Joaquim José da Silva Xavier –Tiradentes – morto nessa data em virtude de suas ideias republicanas e de libertação durante o Brasil monárquico; 3 de maio em referência a descoberta do Brasil; 13 de maio consagrado às comemorações da fraternidade dos brasileiros; 14 de julho para festejar a república, a liberdade e independência dos povos americanos; 7 de setembro em menção a independência do Brasil; 12 de outubro para a descoberta das Américas; 2 de novembro em comemoração geral aos mortos e 15 de novembro, para as comemorações à pátria brasileira (BRASIL, 1890).

É possível perceber aumento no número de datas dignas de comemorações no contexto republicano, como também a permanência de três delas já comemoradas no governo anterior (3 de maio, 7 de setembro e 12 de outubro) na qual somente a última sofreu mudança de significado. Isto se deve como uma estratégia de repulsar vestígios

do Império, pois retratava da comemoração do dia do nascimento de D. Pedro I, que na República, passou a ter significado articulado aos festejos da descoberta das Américas (ÓRIA, 2012; BRASIL, 1890).

No contexto republicano, tornou-se essencial e imprescindível uma nova carta Constitucional para o Estado, e em 24 de fevereiro de 1891 foi promulgada a Constituição Republicana Brasileira, contendo nas normas referentes, vários aspectos da esfera pública e privada, como forma de governo, organização dos poderes públicos, distribuição de competências e direitos e deveres dos cidadãos (CONSTITUIÇÕES BRASILEIRAS, 2005).

Após a promulgação e/ou publicação da nova Carta Magna, o Decreto nº 3 de 28 de fevereiro de 1891, estabeleceu mais uma data comemorativa, 24 de fevereiro em menção primeira Constituição Republicana Brasileira (BRASIL, 1891).

No decorrer dos tempos, outras datas comemorativas foram incorporadas no calendário cívico do país, como 25 de dezembro para as festividades natalinas, conforme o Decreto nº 4.497 de 19 de janeiro de 1922. Dois anos após, o Decreto nº 4.859, de 26 de setembro de 1924, instituiu o dia 1º de maio, consagrado para a confraternidade universal das classes operárias e as comemorações dos mártires do trabalho (BRASIL, 1922; 1924).

Vale ressaltar que nos dispositivos legais, os criadores dessas duas últimas datas, declaram-nas como feriado nacional, situação não retratada para as datas anteriores, que eram tratadas em seus dispositivos legais como festividades nacionais.

Na busca de entender a motivação para a distinção de festividades nacionais articulados ao feriado, foram feitas buscas à literatura, que resultou na carência de explicação para designação em apreço.

Devido a ausência da clareza explicativa da designação, se fez necessário retornar ao ano de 1826, ao se pautar na lei de 9 de setembro, que tratou dos dias de festividade nacional em todo o Império, em particular, no entendimento referente as datas: 9 de janeiro, 25 de março, 3 de maio, 7 de setembro e 12 de outubro atribuindo o significado de demonstrações públicas próprias de festividades. Nesta perspectiva, pode-se entender que havia a suspensão dos trabalhos para se festejar, indicando dias destinados como feriados.

Com a Proclamação da República, as festas nacionais (Decreto nº 155 B – de 14 de janeiro de 1890) tiveram outro tratamento, por exemplo, no *caput* do Decreto é possível identificar a marcação dos sentimentos fraternais e solidariedade que não podia ser desenvolvido sem um sistema de festas públicas destinadas a comemorar a continuidade e solidariedade de todas as gerações humanas, sendo assim entendido como dias de feriados nacionais.

Na década de 1930, o presidente Getúlio Vargas, sobre as datas comemorativas passou a fazer sua distinção em caráter de feriado. Em outras palavras, o dia a ser comemorado pela população deveria ser aquele com ausência de atividade trabalhista para se comemorar. Isto conduziu por meio do presidente à época, como marco de distinção as datas comemorativas com designação de feriado, que, assim deveriam ser tratadas.

Mediante ao exposto, torna-se iminente que além da construção da identidade nacional, as datas comemorativas foram utilizadas como um dos recursos com a finalidade de estabelecer laços com o povo, de forma que eles se identificassem com as datas.

Isso encontra explicação na concepção cunhada por Hobsbawn e Ranger (2008), denominada de tradição inventada, decodificando, trata-se "essencialmente de um processo de formalização e ritualização, caracterizado por referir-se ao passado mesmo que apenas pela imposição da repetição" (HOBSBAWN & RANGER, 2008).

De acordo com essa explicação, depreende-se que era de interesse do regime republicano brasileiro a exaltação de outras datas, e quando não foi possível atribuí-la significação diferenciada com o objetivo de "apagar" da memória coletiva ideologias preconizadas pela monarquia, lançou-se mão de trazê-las como feriado. Isto conduz ao entendimento que as datas comemorativas utilizadas pelo governo brasileiro, cada qual com seus objetivos, possuíam significados importantes demarcando a história do país.

Dessa maneira, até o final da década de 1920, o calendário cívico do país contava com 12 datas comemorativas, até que em 1930, o presidente do país, Getúlio Vargas, pelo Decreto nº 19.488 de 15 de dezembro, declarou as datas: 1º de janeiro, 1º de maio, 7 de setembro, 2 e 15 de novembro e 25 de dezembro[4] com os mesmos significados atribuídos pela República, considerando-as como feriados nacionais (BRASIL, 1930).

[4] Os seus significados foram: 1º de janeiro, consagrado à comemoração da fraternidade universal; 1º de maio, à confraternidade universal das classes operárias; 7 de setembro, à comemoração da Independência do Brasil; 2 de novembro, consagrado à comemoração dos mortos; 15 de novembro, à comemoração do advento da República; 25 de dezembro, à comemoração da unidade espiritual dos povos cristãos.

Cabe ressaltar pela verificação das datas comemorativas no período republicano, observou-se a aproximação da Igreja nesse novo contexto através da demarcação de datas religiosas comemorativas como o dia de finados (02 de novembro), situação não verificada no Estado Imperial em virtude da dominação e poder que essa Instituição possuía naquele momento histórico.

A Enfermagem Brasileira iniciou sua oficialização no ensino profissional meses após a Proclamação da República, em 27 de setembro de 1890, por meio do Decreto nº 791, na qual foi criada a Escola Profissional de Enfermeiros e Enfermeiras, e anos mais tarde, em 1938, foi instituído o Dia do Enfermeiro pelo Decreto nº 2.956 com a seguinte redação, assinado pelo Presidente do país Getúlio Vargas:

> Art. único – Fica instituído o "Dia do Enfermeiro", que será celebrado a 12 de maio, devendo nesta data serem prestadas homenagens especiais à memória de Ana Neri, em todos os hospitais e escolas de Enfermagem do País (BRASIL, 1938).

Como se pode observar às comemorações para o dia 12 de maio eram/são destinadas à Anna Nery. Por outro lado, a marcação do dia/data se refere ao nascimento de Florence Nightingale, conhecida como Dama da lâmpada, por ter se destacado nos atendimentos aos feridos na Guerra da Criméia (PORTO, 2009).

Ademais, o dispositivo não faz menção à data como feriado, mas somente como comemorativa no entendimento de cultuar a Anna Nery, mesmo que seja estranho pelo dia marcado.

Mas qual o significado para o governo da década de 1930 e sociedade, em instituir uma data específica para o enfermeiro? Porque prestar homenagens a Anna Nery em data de marcação ao nascimento de Florence Nightingale? Trata-se nessa

perspectiva em instituir símbolos, ícones, heróis como mais um auxílio em legitimar o contexto político a época?

Ao mergulhar na historiografia da enfermagem na tentativa de buscar as possíveis respostas, o estudo de Dieckson de Oliveira Batista revelou que Anna Nery foi identificada como mito poderoso formado na sociedade, devido às diversas homenagens prestadas a ela (BATISTA, 2005).

Assim, à medida que as buscas avançavam se pode perceber lacunas na historiografia sobre a data de comemoração em prol do enfermeiro brasileiro. Essas lacunas aumentaram quando foi possível o acesso ao arquivo pessoal de imagens da *Revista da Semana*, do Pesquisador Fernando Porto, oriundo da Biblioteca Nacional, em especial dos anos de 1929 e 1930, na qual duas manchetes me chamaram a atenção pelo título – "O Dia da Enfermeira", o que possibilitou fazer crer que as comemorações já existiam antes mesmo de sua oficialização na década de 1930, pelo Decreto nº 2.956/1938.

Ao visualizar essas manchetes da *Revista da Semana*, foi possível identificar duas Escolas de Enfermagem envolvidas nas imagens que acompanhavam a matéria, sendo elas: Escola Prática de Enfermeiras da Cruz Vermelha Brasileira e Escola de Enfermeiras do Departamento Nacional de Saúde Pública.

Cabe ressaltar que à época das manchetes, Escolas/Cursos de Enfermagem promoviam o ensino da enfermeira em prol do seu desenvolvimento. No Rio de Janeiro, sabe-se que pelo menos três Instituições de Ensino concorreram para enunciarem à imagem pública da enfermeira sendo elas: a Escola Profissional de Enfermeiras Alfredo Pinto (EPEAP), Escola Prática de Enfermeiras da Cruz Vermelha Brasileira (EPECVB)

e Escola de Enfermeiras do Departamento Nacional de Saúde Pública (EEDNSP) (PORTO, 2009).

A Escola Profissional de Enfermeiras Alfredo Pinto, por meio da obra utilizada de Adolfo Possolo (1920), trouxe com citação direta homenagem a Anna Nery. A Escola Prática de Enfermeiras da Cruz Vermelha Brasileira tinha/tem Anna Nery como sua precursora Institucional e, a Escola de Enfermeiras do Departamento Nacional de Saúde Pública, conhecida após 1926, popularmente, como Escola de Enfermeiras D. Anna Nery, ou seja, assumindo-a como patronesse Institucional. Contudo, percebesse uma aproximação das Escolas de Enfermagem a Anna Nery na manutenção do mito por meio de homenagens, o que possivelmente se viria a constituir na luta simbólica pelo poder de fazer ver e fazer crer no pioneirismo do mito.

Nesse período de veiculação das matérias na *Revista da Semana*, espera-se poder se o efeito simbólico da luta nas páginas da imprensa ilustrada, entre as duas Escolas de Enfermagem (EEDNSP e EPECVB) no sentido de concorrência pela enunciação oficial de data comemorativa em prol da enfermeira brasileira, contribuindo de forma empreendedora na construção do mito Anna Nery, fato que guiou para as seguintes questões norteadoras: Qual foi a possível datação de comemoração em prol da enfermeira brasileira nos anos de 1929 e 1930? Quais foram os possíveis significados dessas comemorações para a enfermagem brasileira, anteriormente à publicação do Decreto 2.956 de 10 de agosto de 1938?

Assim, esses questionamentos deixam transparecer lacunas na História da Enfermagem, que envolve a data de comemoração em prol da enfermeira brasileira, que instigou e trouxe a possibilidade, por meio deste estudo, investigar nas matérias

veiculadas pela *Revista da Semana* sobre as comemorações desta profissional enunciado nas páginas da imprensa ilustrada antes da oficialização da datação em apreço, na qual seus significados podem ser reveladores de novos fatos para a história da profissão.

Mediante ao exposto, apresenta-se como **objetivos** do estudo:

- Descrever a luta simbólica em prol da mitificação de Anna Nery entre as Instituições de Ensino formadoras de enfermeiras;
- Analisar os ritos institucionais e suas representações objetais veiculadas na imprensa ilustrada em comemoração à enfermeira brasileira e;
- Discutir os efeitos simbólicos dos ritos institucionais em comemoração à enfermeira para a enfermagem brasileira.

1.2 Justificativa e relevância

Esse estudo encontra-se inserido no projeto de pesquisa intitulado ”A imagem Pública da Enfermeira Brasileira (1916-1931)” inscrito no Departamento de Pesquisa da Pró-Reitoria de Pós Graduação e Pesquisa da Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro e as pesquisas já realizadas, frutos do mesmo projeto, careceram de análise, até o momento, das imagens sob o título “O Dia da Enfermeira”, ambas veiculadas pela *Revista da Semana* em 1929 e 1930.

Como pesquisa, corroborando com o fato exposto, os questionamentos envolvendo a presente comemoração anteriormente ao seu dia oficial brasileiro, decretado em 1938 pelo chefe de governo à época, fez-se observar a possibilidade de demonstrar quiçá nova versão e interpretação, por meio da imagem, produto intelectual sobre da profissão, na tentativa de preencher uma de suas lacunas e contribuir para a

historiografia da enfermagem brasileira, fato que fortaleceria as pesquisas que se utilizam de documentos fotográficos instaurando essa fonte de pesquisa como documentação promissora de modo a incentivar outros pesquisadores afins, para este tipo de estudo a ser apresentado na metodologia.

Ademais, essa investigação também tem a proposta de asseverar a linha de pesquisa da História da Enfermagem Brasileira, como também promover debates e aprofundar outros estudos do Laboratório de Pesquisa da História de Enfermagem (LAPHE) e Laboratório de Abordagens Científicas da História da Enfermagem (LACENF), ambos da Escola de Enfermagem Alfredo Pinto (EEAP)/UNIRIO, contribuindo, desta maneira, para a investigação científica na área de enfermagem.

Nesta perspectiva, o estudo mediante seu desenvolvimento e minha convivência com o grupo de pesquisa com meus pares, possibilitaram a produção de:

- Artigos:

    1. **Aplicação da semiótica na análise de *fac-símiles*: pesquisa documental**. Autoria: Mercedes Neto, Fernando Porto e Simone Aguiar. Publicado em dezembro de 2012 na Online Brazilian Journal of Nursing. Disponível em: http://www.objnursing.uff.br/index.php/nursing/article/view/3705.

    2. **Contribuições Legais para a distinção da Profissão Enfermagem para os Cuidadores**. Autoria: Simone Aguiar, Fernando Porto, Pedro Nassar, Tainara Veraldo, Juliane Rocha. Publicado em janeiro de 2013 na Revista de enfermagem UFPE Online. Disponível em:

http://www.revista.ufpe.br/revistaenfermagem/index.php/revista/article/view/3327/pdf_1859.

3. **A imagem do cuidado prestado pelas Enfermeiras de Saúde Pública veiculada na Revista da Semana (1929)**. Autoria: Anna Karina, Fernando Porto, Mercedes Neto e Simone Aguiar. Publicado em janeiro de 2013 na Revista Latino Americana de Enfermagem. Disponível em http://www.scielo.br/scielo.php?pid=S0104-11692013000100017&script=sci_arttext&tlng=pt.

4. **Canal Saúde: Entrevista sobre a História da Enfermagem, Profissionalização e Legislação**. Autoria: Fernando Porto, Mercedes Neto, Sandra Goulart, Pedro Nassar, Simone Aguiar, Tainara Veraldo. Publicado em fevereiro de 2013 na Revista de enfermagem UFPE Online. Disponível em: http://www.revista.ufpe.br/revistaenfermagem/index.php/revista/article/view/3264/pdf_2104.

5. **Cursos e Pesquisas na área de Nutrição nas páginas do Boletim do SAPS (Serviço de alimentação da Previdência Social) (1944-1946)**. (Prelo). Autoria: Sandra Goulart, Fernando Porto e Simone Aguiar. Revista de Pesquisa: Cuidado é Fundamental Online.

6. **Enfermeiras no Rito de Passagem de Getúlio dos Santos (1929)**. (Em avaliação). Autores: Simone Aguiar, Tainara Veraldo, Claudia Cruz, Sandra Goulart e Fernando Porto. Revista Cogitare.

7. **Condições sanitárias e os Cuidados prestados na Guerra do Paraguai veiculados no Jornal EL Centinela.** (Em avaliação). Autores: Pedro Nassar, Fernando Porto, Simone Aguiar, Juliane Aguiar e Jéssica Paiva. Revista Aquichan.

8. **Condições climáticas, sanitárias e o Hospital de Sangre na Guerra da Tríplice Aliança.** (Em avaliação). Autores: Pedro Nassar, Fernando Porto, Simone Aguiar, Tainara Veraldo e Daiana Miranda. Revista Enfermagem UERJ.

- Vídeos Veiculados nas Redes Sociais:

1. **Gripe Espanhola**. Disponível em: http://www.youtube.com/watch?v=vXtZ54j4qsc.

2. **Cuidados com o Recém-Nascido no século XIX**. Disponível em: http://www.youtube.com/watch?v=6BVqY6cQnQg.

- Produção de um Post intitulado **Dia da Enfermeira Brasileira: Comemorações anterior ao Decreto nº 2.956/1938**. Disponível em: http://lacenfunirio.blogspot.com.br/

Para tanto, por se entender que chegou o momento de apresentar os resultados desta pesquisa, seguem as laudas adiante.

SEÇÃO 2

ASPECTOS METODOLÓGICOS E NOÇÕES DE BASE

2.1 Perspectiva do Estudo, os Documentos e Referencial Teórico.

Trata-se de um estudo na perspectiva histórico-semiótica. Semiótica é uma disciplina moderna que se ocupa do estudo do mundo dos signos, sendo essa terminologia denominada pelo filósofo Charles Sanders Peirse nos Estados Unidos (PEREIRA, 2012).

O signo tem sua origem no latim *signum*, de onde surgiram outras palavras na língua portuguesa como sinal, senha, sino, insígnia, designar e etc, que possuem como significado sinalizar, indicar, representar alguma coisa. O signo é algo que esta no lugar de outra coisa. Assim, ele representa algo que necessitará ser interpretado, analisado e compreendido, para que a comunicação aconteça, pois é através dela que se torna possível à vida em sociedade (PEREIRA, 2012) e será presumível compreender por meio da interpretação das imagens veiculadas na *Revista da Semana* de 1929 e 1930, os significados do "O Dia da Enfermeira", à época.

Sobre a comunicação, de um modo geral e simples, ela é composta de três elementos: emissor, mensagem e receptor. O emissor é qualquer ser capaz de produzir e transmitir uma mensagem, e aquele que recebe e interpreta a mensagem trata-se do receptor. A mensagem é qualquer coisa que o emissor envie com a finalidade de passar uma informação e os signos são elementos dessa mensagem, e o receptor, somente a entenderá se souber interpretar o signo, ou melhor, o que ele representa. Nesta perspectiva, a interpretação do signo (imagens) é essencial para que se entenda a mensagem e a comunicação aconteça (PEREIRA, 2012).

Vários são os signos existentes no mundo, como, por exemplo, os signos não verbais (aliança no dedo) e os signos visuais (fotos e desenhos), na qual eles representam e significam alguma coisa que é exterior a ele, como o estado civil da pessoa para a aliança no dedo e pessoa fotografada para a foto (PEREIRA, 2012).

A fotografia, conforme Mauad-Andrade cita em sua tese de doutoramento intitulada "Sob o signo da imagem. A produção fotográfica e o controle dos códigos de representação social da classe dominante do Rio de Janeiro da primeira metade do século XX", também é um signo não-verbal, um artefato histórico produzido pelo homem e que possui existência autônoma quer seja como relíquia, lembranças ou quaisquer outras denominações possíveis nessa lógica. A foto também pode ser entendida como uma mensagem que transmite significados relativos à própria composição da fotografia (MAUAD-ANDRADE, 1991).

Nessa perspectiva e avançando no conhecimento do signo (foto), ele possui duas faces, ou melhor, dois aspectos: o sensível e o inteligível. No primeiro, o signo é chamado de significante, algo perceptível e captado pelos sentidos, ou seja, aquilo que visualizamos na fotografia na qual somos capazes de descrevê-lo, entretanto sua interpretação é o significado do signo, o inteligível, semântico, o que esta além da descrição. O signo existe pele composição desses dois aspectos, eles não se separam, porém se distinguem. Vários significados podem ter os significantes, e vice-versa e a esse fenômeno denomina-se polissemia (PEREIRA, 2012). Assim, nesse entendimento, a fotografia pode possuir vários significados e eles irão surgir à medida que o receptor consiga decifrar os signos contidos nela.

Dessa forma, compreende-se quando Kossoy afirma a fundamental importância da fotografia, enquanto possibilidade inovadora de informações e conhecimentos para as pesquisas nos diferentes campos da ciência (KOSSOY, 2001), por ela ser um signo e revelar informações implícitas.

Por essa perspectiva sobre os signos e fotografia, que esse estudo foi desenvolvido na perspectiva histórico-semiótica. Histórico por se tratar das comemorações a enfermeira brasileira no final da década de 1920 e inicio de 1930, e semiótico pelo *corpus* documental dessa pesquisa ser as imagens veiculadas pela *Revista da Semana* sob o título "O dia da enfermeira" em 1929 e 1930, na qual trazem fotografias de ritos institucionais das Escolas de Enfermagem em comemoração a enfermeira, ou melhor, signos diversos, e possivelmente com múltiplos significados.

Assim, qual seria o(s) significado(s) dos ritos institucionais das Escolas de Enfermagem (signos) que foram veiculados pela *Revista da Semana* para se comemorar o dia da enfermeira brasileira no final e início da década de 1930? Qual era a intenção dos emissores (Escolas de Enfermagem) em transmitir a mensagens (imagens dos ritos = signos) para os receptores (sociedade), e qual foi o reflexo dessas comemorações para a enfermagem brasileira?

Os documentos fotográficos oriundos da *Revista da Semana* foram encontrados no acervo particular do Professor Fernando Porto, advindos da busca na Biblioteca Nacional e Arquivo Geral da Cidade do Rio de Janeiro e totalizaram 6 (seis). Esse total deve-se a seleção mediante a presença de mulheres com atributos pessoais de enfermeira (touca, véu, símbolo da cruz, uniforme).

A *Revista da Semana*, de onde foram retiradas as imagens para o presente estudo, foi fundada por Álvaro de Tefé[5]. Na literatura sobre a origem dessa revista, foram encontrados dados divergentes. Alguns registros apontam que ela teria surgido em 1899, outros afirmam sua existência em 1900 e outros ainda em 1901 (TABOADA, NERY & MARINHO, 2004).

A tecnologia utilizada na revista soube acompanhar, da mesma forma que acompanhou os avanços da fotografia na virada do século XX. Desde então, começou a lançar reportagens repletas de fotos e se tornando mais elegante e feminina. Sua linha editorial era voltada, principalmente, para as atualidades sociais, políticas e policiais. As reportagens de rua também tomavam lugar em suas páginas: segundo "Revista em Revistas", da Editora Abril, as únicas imagens existentes da "Revolta da Vacina", em 1904, foram publicadas na "*Revista da Semana*" (TABOADA, NERY & MARINHO, 2004), demonstrando seu destaque na sociedade.

Segue abaixo um trecho do editorial da Revista da Semana de 1920 que revelou seu público alvo:

> "O nosso empenho estará todo em impôrmo-nos à sua attenção e á sua estima, em fazer com que a Revista da Semana seja a revista necessária em toda família brasileira, tão indispensavel a curiosos espiritos que nella busquem sobretudo a chronica illustrada dos sucessos contemporaneos, como as formosas senhorinhas, preocupadas com os ultimos dictames da moda, e a travêssas crianças, querendo apenas alguns momentos de distracção" (REVISTA DA SEMANA, 1920, editorial).

Por essa característica feminina da Revista, ela se tornou uma fonte acertada para se conseguir visualizar imagens, à época, sobre a enfermagem brasileira, visto ser

[5] Álvaro de Tefé von Hoonholtz era filho de Antônio Luís von Hoonholtz, o Barão de Tefé, com Maria Luísa Dodsworth. Irmão de Nair de Tefé, a primeira caricaturista brasileira, que iniciou sua carreira na Revista Fon-Fon, concorrente direta da Revista da Semana (MUSEU HISTÓRICO NACIONAL, 2013).

uma profissão dirigida às mulheres, sendo essa a primeira argumentação para sua escolha nesse estudo.

Além de veicular a enfermagem brasileira em suas páginas, outro critério de seleção dessa imprensa ilustrada à época ocorreu, por ser uma das mais lidas a partir dos resultados obtidos em exploratório pela pesquisadora Ana Maria Mauad Andrade, que em seu estudo identificou as 4 (quatro) revistas dentre as mais lidas: a *Revista da Semana*. As demais foram a Revista *Fon-Fon, Careta e O Cruzeiro*.

Outro fato foi por essa imprensa ilustrada ter sido a mesma utilizada pelos estudos dos pesquisadores Fernando Porto e Anna Karina de Matos Deslandes, intitulados respectivamente como "Os ritos institucionais e a imagem pública da enfermeira brasileira na imprensa ilustrada: o poder simbólico no click fotográfico (1919 – 1925)" e Cuidado e enfermeiras na *Revista da Semana* no âmbito da Reforma Sanitária.

A última argumentação foi por esse estudo, como já sinalizado em páginas anteriores, fazer parte do projeto matriz, que utiliza dentre as imprensas ilustradas como foco de análise, a *Revista da Semana*.

Importante ressaltar que sendo a *Revista da Semana* concorrente da *Fon-Fon*, também foi visualizada as imagens veiculadas por ela nos anos de 1929 e 1930, e não foi verificada nenhuma publicação em comemoração a enfermeira brasileira pela Revista, no mesmo período.

A partir de então, iniciaram-se as buscas de instrumentos e documentos de maneira a circunstanciar a análise das fotos e se conhecer a linguagem da imagem fotográfica, ou seja, seus signos para se inferir os possíveis significados visíveis e

invisíveis sobre as comemorações para a enfermeira e com isso acrescentar um novo fato na história da enfermagem brasileira.

Cabe ressaltar que as fotos publicadas na Revista são cópias editoradas que se pode denominar *fac-símile*, termo do *latim*, e tem como significado em fazer semelhante no sentido de cópia exata de documento impresso, podendo ser obtido por diversos meios de reprodução, dentre eles, fotomecânico, eletrônico e eletrostático (PORTO, 2009; FONSECA & PORTO, 2010).

O *corpus* documental (signos), utilizado para análise nesse estudo, para se compreender, sobre as comemorações da enfermeira brasileira e seus efeitos para a enfermagem se encontram resumidamente no quadro de número 1.

Quadro nº 1 – *Fac-símiles* da *Revista da Semana* analisados no presente estudo.

Fac-símile **Número**	**Data**	**Página**	**Título**	**Instituição**	**Atributos pessoais**
1	25.05.1929	29	O Dia da enfermeira – Visita ao túmulo de Anna Nery	Escola de Enfermeiras do Departamento Nacional de Saúde Pública (EEDNSP)	Uniforme: vestido e touca.
2	25.05.1929	29	O Dia da enfermeira – Visita ao túmulo de Anna Nery.	EEDNSP	Uniforme: vestido e touca.
3	25.05.1929	29	O Dia da Enfermeira – Grupo em que figuram as Novas legionárias da caridade.	Escola Prática de Enfermeiras da Cruz Vermelha Brasileira (EPECVB)	Uniforme: vestido, véu, gorro e símbolo da cruz.
4	25.05.1929	29	O Dia da Enfermeira – Entrega do diploma das alunas que concluíram o curso de Enfermeira	EPECVB	Uniforme: vestido, véu, gorro e símbolo da cruz.
5	07.06.1930	16	O Dia da Enfermeira – Entrega do Braçal a uma das alunas da Cruz Vermelha Brasileira.	EPECVB	Uniforme: vestido, véu, gorro e símbolo da cruz.
6	07.06.1930	16	O Dia da Enfermeira – Entrega da medalha Anna Nery a aluna mais distinta.	EPECVB	Uniforme: vestido, véu, gorro e símbolo da cruz.

Fonte: Revista da Semana, 1929, p. 29 e 1930, p. 16.

Mas como conhecer o que os signos representam, ou melhor, em outras palavras, o que esses *fac-símiles* sobre as comemorações estão representando, trazendo como mensagem e tornando presente para a sociedade brasileira?

Com o entendimento que a articulação entre significante e significado traz como resultado o signo, o significante de cada *fac-símile* foi extraído pela matriz de análise, instrumento que vem sendo utilizado nos estudos do projeto matriz, ora descrito em parágrafos anteriores sendo composta de 4 (quatro) itens principais: Dados de identificação das fotografias, Plano de expressão, Plano de conteúdo e Dados complementares obtidos de outras imagens (Apêndice A).

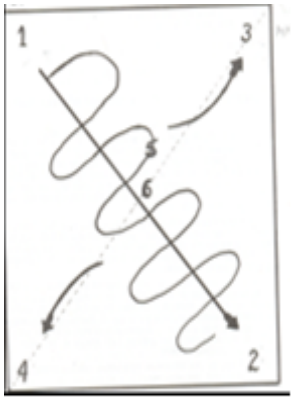
Os dados de identificação da fotografia aludem para a localização do seu acervo, onde foi veiculado, seu exemplar, página data e titulo que acompanha da fotografia. O plano de expressão (registro de crédito da imagem, legenda, tipo de foto, formato, sentido e localização da imagem na página) e de conteúdo (local e pessoas retratadas, tema da imagem, descrição dos atributos pessoais e de paisagem) foi desenvolvido com base em dois conceitos da semiótica: o primeiro (plano de expressão) refere-se à manifestação desse conteúdo como um sistema de significação verbal, não verbal ou sincrético, enquanto que o segundo (plano de conteúdo), ao significado do texto, ou seja, o que o texto relata e como ele faz para dizer o que diz - a mensagem (PIETROFORTE, 2004). A quarta parte da matriz refere-se aos dados complementares, obtidos de outras imagens, seja ela avulsa ou já publicada.

A aplicação da matriz nos *fac-símiles* (signos) desse estudo ofereceu uma abordagem de análise qualitativa dos signos, fundamental para a extração dos significados sobre as comemorações da enfermeira brasileira.

Vale destacar, que os itens utilizados na matriz de análise já foram testados em outros estudos, dentre eles: "A câmara discreta e o olhar indiscreto: a persistência da liderança norte-americana no ensino da enfermagem na capital do Brasil (1928-1938)" de autoria de Tânia Cristina Franco Santos (1998), "O Mundo do trabalho em Imagens: a fotografia como fonte histórica" de Maria Ciavatta (2002), "Enfermeiras na Mira do Click fotográfico (1919-1925)" de Fernando Porto (2007).

Esse instrumento de pesquisa continuou sendo utilizado e validado nos estudos oriundos do projeto matriz, a saber: "Fatos e Fotos da Cruz Vermelha Brasileira na Gripe Espanhola: A imagem Pública da Enfermeira (1918)" de Amanda Coury (2010), "A produção da crença na imagem da Enfermeira da Cruz Vermelha Brasileira no período da Primeira Guerra Mundial (1919-1918)" de autoria de Mercedes Neto (2011) e "Cuidado e Enfermeiras na Revista da Semana no âmbito da Reforma Sanitária" de Anna Karina de Matos Deslanges (2012).

A matriz de análise dos estudos ora descritos, foi um dos recursos utilizados para análise na perspectiva da semiótica, para se atentar aos detalhes (significantes) da imagem que num todo foram formadores de vários significados para o entendimento da História da Enfermagem.



Fac-símile A: Zona de localização da imagem

Os possíveis significados dos *fac-símiles* se chegaram pela reunião dos significantes, os detalhes de todas as imagens, como também pela localização de cada imagem dos ritos Institucionais dispostos na página da revista pelo esquema de zona de visualização de imagens proposto por Rafael Souza Silva (*fac-símile* A). Por esse esquema, a zona

primária ou principal (1) contém elementos de forte atração para chamar à atenção do leitor.

Como a visão instintivamente se desloca com rapidez em diagonal para o lado inferior oposto (zona morta - 4), a rota básica da vista se projeta do lado superior esquerdo (zona morta - 3) para o lado inferior direito (zona secundária - 2). Neste sentido, a importância do centro ótico (5) e geométrico (6) da página necessita oferecer aspectos atrativos para que a leitura seja ordenada, com racionalidade, sem o deslocamento brutal da visão.

Assim, por esse esquema de localização das imagens nas páginas da *Revista da Semana*, foi realizada a ordem de análise dos *fac-símiles* que estão dispostos no quadro nº 1, na qual pela localização de cada um, os significados emergiram de modo a maior compreensão do fenômeno a ser estudado.

Outra maneira foi identificar nos *fac-símiles* da trama das comemorações a enfermeira brasileira realizada pelas Escolas de Enfermagem, aquilo que, Charles S. Peirce chamou Índice, Ícone e Símbolo sendo essa a classificação dos signos ocorrida em virtude da sua numerosidade e variedade. No índice, o signo e o seu referente estão em uma ligação direta, um aponta para o outro. Já no ícone, o signo possui uma relação de semelhança com seu referente enquanto que no símbolo o signo e o referente tem uma relação convencional, às vezes arbitrária, imposta pela sociedade (PEREIRA, 2012).

Entretanto, conforme Pereira (2012) toda a classificação dos signos tem suas falhas devido à existência de casos ambíguos, signos de classificação dupla, situação

ocorrida nessa pesquisa com Anna Nery que foi índice e símbolo como repertório que possibilitou revelar os significados.

Os significados também foram interpretados conforme a perspectiva de análise do sociólogo Pierre Bourdieu como forma de explicação do fenômeno social, identificando e desvendando influências, inter-relações e mecanismos dos grupos sociais envolvidos.

Assim, mediante ao preenchimento das matrizes de análise para a obtenção dos significantes nos *fac-símiles*, os atributos pessoais e de paisagem foram decodificados como elementos do rito institucional, *hexis* corporal e representação objetal, que para Bourdieu (1998 e 1972) são entendidos como um ato de comunicação capaz de consagrar, sancionar e santificar um estado de coisas, uma ordem estabelecida quando se refere ao rito institucional e *hexis* corporal como um esquema postural sendo ao mesmo tempo, singular e sistemático, pois é solidário de todo um sistema de técnicas do corpo e de instrumentos, carregado de uma miríade de significações e de valores sociais.

Destarte, Bourdieu iluminou o entendimento de representação objetal como emblemas, bandeiras, insígnias etc, ou atos, estratégias interessadas de manipulação simbólicas tendentes a determinar a representação mental que os outros podem construir a respeito tanto dessas propriedades como de seus portadores (BOURDIEU, 1998).

Estas representações objetais ao serem identificadas foram decodificadas à luz da literatura da moda, estética, linguagem corporal, incluindo os estudos já realizados na mesma perspectiva analítica oriundo do projeto matriz.

Além da aplicação das noções de rito institucional, representações objetais e *hexis* corporal, utilizou-se no estudo outras noções do mesmo autor no sentido de

iluminar os resultados obtidos da aplicação das matrizes de análise, que se destacaram no *habitus*, campo e capital simbólico.

O *habitus* foi entendido como sistema de disposição durável e estruturado de acordo com o meio social dos sujeitos, que seria predisposto a funcionar como sistema estruturante, isto é como princípio gerador e estruturador das práticas e das representações (BOURDIEU, 2003a). Essa noção de *habitus* foi identificada no contexto da possível disputa pelo uso do mito de Anna Nery pelas Escolas de Enfermagem do período delimitado no estudo.

Por sua vez, a noção de *campo* utilizado pelo sociólogo pode ser percebida como áreas de posicionamento sociais nos quais determinados tipos de bens são produzidos, utilizados e definidos por categoria (BOURDIEU, 1998). A imprensa ilustrada, *Revista da Semana*, se apresentou como o *campo* para as Escolas de Enfermagem ao demonstrarem seus bens produzidos – uniformes com suas representações objetais, na qual o véu e o símbolo da Cruz Vermelha foi o bem hierárquico da Escola Prática de Enfermeiras da Cruz Vermelha Brasileira, enquanto que a touca e o avental foi o da Escola de Enfermeiras do Departamento Nacional de Saúde Pública se encontrando no jogo a enunciação da comemoração em apreço no estudo.

No que se refere ao capital simbólico, pode-se defini-lo como aquele que diz respeito ao prestígio ou a boa reputação que um indivíduo possui num campo específico ou na sociedade em geral para assegurar determinada posição no espaço social (NOGUEIRA & MARTINS NOGUEIRA, 2009), visualizado no estudo por meio da corrida das Escolas de Enfermagem à época, pelo poder e prestígio de Anna Nery, que ao ter o símbolo Anna Nery para si, incorporaria seu respeito e prestígio na sociedade.

Ademais, os significados dos documentos imagéticos, nessa pesquisa se apoiaram nos escritos oriundos de relatórios institucionais, livros e artigos que se aproximam do objeto de estudo localizados no acervo Enfermeira Maria de Castro Phamphiro, situado na Escola de Enfermagem Alfredo Pinto (EEAP)/UNIRIO, recurso virtual de Instituições de Ensino como as dissertações de mestrado disponíveis online produzidas pela EEAP, Acervo da Escola de Enfermagem Anna Nery e Biblioteca Nacional.

Cabe destacar que os *fac-símiles* numerados foram destinados à análise e os identificados por letras são para serem entendidos sem a pretensão analítica, mas sim como documentos articuladores para a interpretação.

Destarte, que ao se articular os resultados obtidos dos documentos imagéticos (*fac-símiles* numerados), por meio da matriz de análise, os significantes, à documentação escrita e aplicação do referencial teórico de Pierre Bourdieu, foram construídas seções que seguem nas laudas adiantes, o que se entendeu como a triangulação dos dados.

Essa técnica possibilita abranger a máxima amplitude na descrição, explicação e compreensão, considerando que sustenta a impossibilidade de conceder a existência isolada de um fenômeno social, sem raízes históricas, sem significados culturais e sem vinculações estreitas e essenciais com macrorrealidade social (TRIVINOS, 1994).

Nessa perspectiva, a técnica de triangulação de dados foi entendida no sentido de visar à garantia da confiabilidade dos dados coletados, por meio de uma combinação de procedimentos ou metodologias no estudo do mesmo fenômeno, sendo usados vários

pontos de referência para determinar característica do objeto de estudo para ampliar a confiabilidade.

Por essa razão, houve a busca de diferentes tipos de dados, ou em diferentes documentos que estavam relacionados ao mesmo fenômeno. Ademais, houve a possibilidade de oferecer credibilidade dos resultados e conclusões, ao transmitir confiança dos dados na perspectiva específica para o estudo, bem como potencializou a probabilidade das descobertas realizadas durante a pesquisa, sendo necessário à utilização de múltiplos referentes para a qual, se pôde, ao final dos dados, a conclusão acerca daquilo que se constitui em afirmativa momentânea. (PORTO & SANTOS, 2006).

2.2 Organização do Estudo

A inferência dos resultados da triangulação dos dados resultou na discussão e análise a luz da literatura já apresentada em parágrafos anteriores, as quais convergiram para a aderência ao objeto de estudo, o que possibilitou a organização do estudo nas seções, a saber:

- **Seção 3** – Anna Nery: mitificação e símbolo usado para legitimar o poder das Escolas de Enfermagem. Essa seção foi descrita pelos resultados obtidos em outros estudos sobre Anna Nery, Escola Prática de Enfermeiras da Cruz Vermelha Brasileira (EPECVB) e Escola de Enfermeiras do Departamento Nacional de Saúde Pública (EEDNSP), que pela articulação dos seus achados, foi possível inferir uma luta simbólica em prol da ratificação do mito Anna Nery e a disputa pelo uso

do seu *habitus* e mito pela Enfermagem Brasileira (EPECVB e EEDNSP) como recurso legítimo de poder.

- **Seção 4** – Ritos institucionais veiculados pela imprensa ilustrada em comemoração a Enfermeira brasileira (1929-1930). Essa seção foi descrita a partir do entendimento do alcance de achados que um texto fotográfico pode proporcionar, e assim revelar fatos implícitos da história da enfermagem brasileira, como por exemplo, as comemorações à enfermeira brasileira, realizadas antes do dispositivo legal instituindo seu dia, que ocorreu em 1938, pelo Decreto nº 2.956, como demonstraram as manchetes veiculadas pela *Revista da Semana* em 1929 e 1930. O veiculado, entendido como *campo*, sinaliza a EPECVB e EEDNSP (as duas escolas que na seção anterior revelou uma disputa entre elas pelo uso do mito Anna Nery), divulgando seus ritos institucionais em comemoração as enfermeiras brasileiras. Assim, a seção realizou análise desses ritos, inferindo seus possíveis significados.

- **Seção 5** – Efeitos simbólicos das comemorações a enfermeira veiculadas pela imprensa ilustrada em 1929 e 1930 para a enfermagem brasileira. Essa seção inicialmente revelou os bens produzidos, consumidos e classificados produzidos no *campo* de disputa pelas Escolas de Enfermagem, que após sua análise demonstra as principais representações objetais inculcadas na mente social. Tudo para o entendimento final da trama organizada pelas Escolas de Enfermagem, revelada a partir da elaboração de um esquema sinóptico das três seções

> anteriores e que ao final revelou o possível efeito simbólico das comemorações a enfermeira para a enfermagem brasileira: o poder do mito Anna Nery e uma data provável de dia da enfermeira brasileira nessa época.

As seções supramencionadas se encontram em organização no sentido de atender os objetivos propostos no estudo.

Por último, para o presente momento, destaca-se que as imagens utilizadas são de domínio público em virtude ao que rege a Lei número 9.610/1998 que altera, atualiza e consolida a legislação sobre direitos autorais no Estado Brasileiro.

Em seu Capítulo III – Dos direitos autorais do autor e outras providências – o artigo 44 versa que o prazo de proteção aos direitos patrimoniais sobre obras audiovisuais e fotográficas são de setenta anos, a contar de primeiro de janeiro subsequente ao de sua divulgação.

Assim, os direitos autorais do autor das páginas da Revista da Semana veiculadas em maio de 1929 e junho de 1930 sob o título "O Dia da Enfermeira" que serão analisadas nesse estudo, já expiraram em virtude do tempo.

Ademais, a pesar das imagens fazerem parte do domínio público, houve o respeito quanto à referência do artigo 46 do capítulo IV do mesmo dispositivo legal:

> Art. 46. Não constitui ofensa aos direitos autorais:
>
> I. Reprodução:
>
> a) na imprensa diária ou periódica, de notícia ou de artigo informativo, publicado em diários ou periódicos, com a menção do nome do autor, se assinados, e da publicação de onde foram transcritos;
>
> III - a citação em livros, jornais, revistas ou qualquer outro meio de comunicação, de passagens de qualquer obra, para fins de estudo, crítica ou

> polêmica, na medida justificada para o fim a atingir, indicando-se o nome do autor e a origem da obra.

Conforme o exposto, sobre a legalidade dos direitos autorais, complementa-se que o estudo não ofendeu os princípios contidos na Resolução número 196/1996, do Ministério da Saúde.

SEÇÃO 3

ANNA NERY: MITIFICAÇÃO E SÍMBOLO USADO PARA LEGITIMAR O PODER DAS ESCOLAS DE ENFERMAGEM.

Esta seção foi desenvolvida a partir da capacidade de troca, intercâmbio de ideias, conhecimentos, habilidade de comunicação de alguns autores por seus estudos realizados sobre a História da Enfermagem. A veiculação e o acesso de suas informações permitiram a articulação de seus achados e consequentemente remeteram a uma possível interpretação deflagradora de significados, sendo a descrição desses, o objetivo dessa seção.

À luz de José Haroldo Pereira, a ocorrência, inicialmente, desse fenômeno ocorreu devido à presença dos três elementos básicos da comunicação: emissor, mensagem e receptor. O conhecimento dos estudos analisados, para a escrita dessa seção, pode ser revelado para o autor como um signo, entendido como algo que se vê, ou se lê, ou se toca, ou seja, algo que é captado pelos sentidos, algo perceptível. Assim, o conteúdo dos estudos analisados seria o aspecto sensível do signo, chamado de significante enquanto os seus significados, o inteligível, ou semântico (PEREIRA, 2012).

A partir dessa premissa, a articulação e interpretações dos significantes (estudos realizados) sobre Anna Nery, Cruz Vermelha Brasileira/Escola Prática de Enfermeiras da Cruz Vermelha Brasileira e Escola de Enfermeiras do Departamento Nacional de Saúde Pública, balizaram como um dos possíveis significados, uma luta simbólica em prol da ratificação do mito Anna Nery e a disputa pelo uso do seu mito pela enfermagem brasileira como recurso legítimo de poder.

Assim, para se compreender essa possível disputa e ratificação do mito, torna-se necessária uma retrospectiva pelas histórias dos principais atores envolvidos, para que ao final, os entendimentos possam surgir e as conclusões possam ser depreendidas com argumentos lógicos e coesos.

Cabe ressaltar que não há a intenção que essa pesquisa venha repetir os diversos estudos realizados sobre esses temas, e sim uma apresentação de fatos passados dos envolvidos, imprescindíveis para a correlação e entendimento ao final dessa pesquisa, sobre os efeitos simbólicos do dia da enfermeira e suas comemorações ocorridas em 1929 e 1930, objeto de pesquisa dessa dissertação. Dessa maneira, iniciaremos pela protagonista principal: Anna Nery.

3.1 Anna Justina Ferreira Nery, Guerra do Paraguai e formação do mito brasileiro.

Foi em um cenário bélico, a guerra do Paraguai ocorrida em 1864, o berço do nascimento do futuro mito brasileiro (BATISTA, 2005) na figura de uma mulher que se voluntariou para prestar assistência aos soldados desse confronto internacional, na qual seu país participava: referimo-nos a Anna Justina Ferreira Nery.

Anna Nery, como conhecida, era baiana e nasceu em 13 de dezembro de 1814. Casou-se aos 23 anos de idade com o capitão-tenente da Marinha Brasileira, Isidoro Antônio Nery com quem teve três filhos. O seu voluntariado a guerra além de dar assistência aos feridos, também ocorreu em virtude de acompanhar seus filhos e parentes convocados ao conflito internacional, sendo sua proposta aceita pelo Presidente da província da Bahia à época – Manuel Pinto de Souza Dantas. Assim foi contratada

como a primeira enfermeira[6], na qual aprendeu lições de enfermagem, no Rio Grande do Sul, com as irmãs de Caridade de São Vicente de Paulo, além de desenvolver um curto período de estágio em hospitais para convalescentes da guerra, na Argentina (LIMA, 1977; CARDOSO, 1996; BATISTA, 2005; PORTO & OGUISSO, 2011).

Assim, o cenário de atuação de Anna Nery - Guerra do Paraguai (1864-1870) - foi o local onde ocorreu a mais longa e sangrenta das guerras ocorridas na América do Sul. Durante cinco anos, o Brasil, a Argentina e o Uruguai, denominados com a tríplice aliança, apoiados financeiramente pela Inglaterra, fizeram uma guerra suja, que tinha por meta a destruição do Paraguai (KOSHIBA & PERREIRA, 1996).

A origem do conflito foi durante o processo de independência da região do Prata, uma possessão espanhola, na qual a Argentina, o Uruguai e o Paraguai faziam parte. No início do século XIX, os países tornaram-se independentes, sendo o primeiro a Argentina, que tinha o interesse em manter a unidade sob sua direção (KOSHIBA & PERREIRA, 1996).

Devido a esse interesse da Argentina, o Paraguai então desenvolveu uma política interna, a fim de depender o mínimo do exterior, pois sua localização no interior do Prata o desfavorecia por não ter acesso direto ao mar, e sob o ponto de vista paraguaio, a independência do Uruguai era a melhor garantia de manter o livre trânsito no estuário do Prata, ou seja, sua saída para o mar (KOSHIBA & PERREIRA, 1996).

Entretanto, o Brasil e Argentina, os países mais poderosos da região e com grandes interesses, tinham no Paraguai um ponto muito sério de atrito. Com o passar do

[6] A época assim era denominada às mulheres que cuidavam dos doentes e feridos, apesar de algumas terem certas noções, por meio do ensino de higiene aplicado ao corpo e ambiente.

tempo e com sua política adotada, o Paraguai havia se tornado, à sombra da rivalidade entre o Brasil e Argentina, numa potência respeitável e desafiadora com uma economia sólida e uma força militar considerável (KOSHIBA & PERREIRA, 1996).

Esse fato fez com que o Brasil e a Argentina esquecessem momentaneamente suas diferenças, e se uniram para impedir a emergência de uma terceira potência no Prata, eclodindo a Guerra, na qual após cinco anos de luta, o Paraguai foi derrotado (KOSHIBA & PERREIRA, 1996).

Nessa guerra, aproximadamente 130 mil pessoas morreram nos quatro países envolvidos no mais sangrento conflito do continente, cenário no qual Anna Nery cuidou dos feridos e foi homenageada como "Mãe dos Brasileiros" (BATISTA, 2005).

Assim, devido sua atuação no conflito internacional, inúmeras homenagens foram prestadas à Anna Nery com o seu retorno ao Brasil, em 06 de maio de 1870 ao Rio de Janeiro, conforme cita o professor Fernando Porto em suas pesquisas, como diplomas, álbum, medalha, retrato pintado a óleo, coroa de folhetos dourados e discursos. Mesmo após sua morte, que ocorreu em 20 de maio de 1880, as homenagens, a mãe dos brasileiros, continuaram em forma de lápide em seu túmulo, trajetória de vida e notícias do sepultamento publicadas na imprensa, nomes de rua, dentre outros (PORTO, 2009; PORTO & OGUISSO, 2011b).

Todas essas homenagens, no estudo de Dieckson de Oliveira Batista (2005), traduziram significados diversos para determinados grupos, mas ao final convergiram para o fato: a formação de um mito poderoso na sociedade - o mito Anna Nery (BATISTA, 2005).

3.2 Utilização do Mito Anna Nery

Partindo-se da premissa que mito é uma realidade complexa, podendo ser abordada e interpretada através de perspectivas múltiplas (ELIADE, 2002), é descrito nessa seção uma das possíveis interpretações sobre o mito formado em torno de Anna Nery.

Nesse sentido, uma das inferências seria que a cada vez que determinado grupo da sociedade brasileira referenciava Anna Nery com homenagens, eles confirmavam e alimentavam a figura do mito perante a sociedade como estratégia para posterior utilização de acordo com seus objetivos.

Dentre os grupos vislumbrados pode-se citar a sociedade feminina, as formas de governo brasileiro e as escolas de enfermagem – Escola Prática de Enfermeiras da Cruz Vermelha Brasileira e Escola de Enfermeiras do Departamento Nacional de Saúde Pública.

O Estado Imperial, forma de governo brasileiro à época da guerra do Paraguai, foi o primeiro a usar Anna Nery, ou melhor, seus lucros simbólicos adquiridos no conflito internacional, para produzir na sociedade os princípios do patriotismo, iniciando dessa maneira o processo de mitificação da denominada Mãe dos Brasileiros.

Nessa perspectiva, Anna Nery poderia ser comparada a uma propaganda política voltada para a glorificação das conquistas militares da Guerra do Paraguai, como forma de enaltecer a monarquia que mostrava sua fragilidade. Assim, Anna Nery foi congratulada pelo Governo Imperial com duas medalhas: uma de 2ª classe por serviços humanitários durante a guerra e outra de “Campanha” com passador de ouro e ainda uma pensão anual de um conto e duzentos mil réis (LIMA, 1977).

No Estado Republicano, a partir de 1889, a nova forma de governo necessitava de personagens importantes, que ocupassem lugar de destaque no imaginário da sociedade, e Anna Nery foi empregada, nesse contexto, para traduzir os ideais republicanos que foram: o otimismo cientificista e a figura feminina (BATISTA, 2005).

No que tange a sociedade feminina, à época do conflito internacional, as mulheres elitizadas cabiam apenas o cumprimento dos seguintes deveres: obedecer ao marido e cuidar dos filhos (BATISTA, 2005).

Entretanto, a inserção de Anna Nery na Guerra deve ter sido facilitada por ser dama da sociedade devido à posição favorável de seu esposo como militar de alta patente. Seu ato e retorno ao país, possivelmente contribuíram para desmistificar o conceito que a classe social feminina mais elitizada possuía quanto a sua condição de mulher e mãe, e valorizando essa possível mudança de conceitos, essas mulheres, principalmente as baianas, prestaram diversas homenagens a Anna Nery como, por exemplo, a Coroa de Louros[7] que ela recebeu das famílias ilustres de sua cidade natal, por ocasião do seu regresso contribuindo como forma emblemática para a formação de um mito na figura de uma mulher, representando coragem, patriotismo e humanidade (BATISTA, 2005).

Desta forma, depreende-se que às homenagens à Anna Nery ocorreram em virtude de sua participação na Guerra do Paraguai, e devido aos interesses tanto da elite feminina, como das duas formas de governo – Monarquia e República foram estratégias utilizadas por esses grupos para a formação de um mito perante a sociedade, que ao formá-lo, capitalizou com seus lucros simbólicos, utilizando-os cada qual a sua maneira

[7] Essa "Coroa de Louros" é cravejada de brilhantes, folheada a ouro de 18K, medindo 35 cm de diâmetro, rematada por larga fita de gorgulhão, onde ainda se lê "À Heroína da Caridade, as baianas reconhecidas"

de acordo com seus objetivos. A luz de Bourdieu (1998), esse fato pode ser justificado como a formação de capital social, pois esse consiste de recursos baseados em contatos e participação em grupos, como também simbólicos em virtude do prestígio ou boa reputação que um indivíduo possui na sociedade.

Na enfermagem brasileira, a ratificação do mito e a utilização dos lucros simbólicos de Anna Nery, já presentes na sociedade, ocorreram de forma semelhante, porém ela tornou-se objeto de disputa entre as Instituições de Enfermagem, inferência realizada pela articulação dos resultados das pesquisas dos pesquisadores Fernando Porto (2007) e Dieckson de Oliveira Batista (2005).

A utilização do poder e prestígio, resultantes dos lucros simbólicos de Anna Nery na Enfermagem Brasileira, iniciou em 1918, com a proposta de ereção do monumento em homenagem à Anna Nery no I Congresso da Cruz Vermelha Brasileira, em São Paulo (PORTO, 2009).

O avanço da Internacionalização da Cruz Vermelha, que chegou ao Brasil em 1908, emergiu no cenário internacional de guerra - Primeira Guerra Mundial (1914 – 1918) - que teve como atores de disputa dois sistemas de aliança rivais, um entre a união da Alemanha, Austrio-Hungria e Itália (Tríplice Aliança) e a outra formada pelo império Russo, França e Inglaterra (Tríplice Entente) apoiada desde o início pelos Estados Unidos da América. Essa Instituição fez surgir mais um componente para a profissionalização da enfermagem brasileira: o Curso de Enfermeiras Voluntárias (1914), e o Curso de Enfermeiras Profissionais, sendo que esse ultimo deu origem e foi ministrado na Escola Prática de Enfermeiras da Cruz Vermelha Brasileira, ambos em 1916 (AQUINO et al, 1995; NETO, 2011).

Essa Instituição foi um dos produtos de sua matriarca, a Cruz Vermelha Internacional, criada em 1864, a partir da Convenção de Genebra, definida pelo conjunto de organizações de países e que tinha por objetivo a mobilização e organização do voluntariado para assistência aos feridos de guerra e nas calamidades (HISTÓRICO DO MOVIMENTO INTERNACIONAL DA CRUZ VERMELHA, s/d, 02; PAIXÃO, 1969; PORTO, 2009).

Nessa perspectiva, a Escola Prática de Enfermeiras da Cruz Vermelha Brasileira tinha por objetivo a formação de enfermeiras para o cuidado aos feridos de guerra e nas calamidades. Era dirigida pelo militar e professor Dr. Getúlio dos Santos que publicou no mesmo ano de criação da Escola, 1916, o livro intitulado: "O livro do Enfermeiro e da Enfermeira" destinado àqueles que cuidavam de doentes como também para a profissão enfermagem (NETO, 2011).

Malgrado a obra de Getúlio dos Santos fazer menção ao gênero masculino e feminino, o diretor fazia objeções quanto à presença de homens na Escola com a justificativa que eles possuíam uma ambição sem limites para essa instrução, defendendo que a enfermagem deveria ser exercida por mulheres, pois elas eram mais sinceras e de ações bem mais contidas, capazes de exercer, sem exorbitar e dentro de suas atribuições e suas funções (SANTOS, 1928).

Depreende-se das justificativas de Getúlio dos Santos, certo receio sobre a figura masculina na Enfermagem em relação ao seu controle, o que não se verificava com as mulheres, situação possível de objeto de análise para outros estudos.

Apesar de não ter interesse direto na expansão do processo de profissionalização da enfermagem brasileira, a escolha desse viés ocorreu com um objetivo maior: oferecer

visibilidade à sociedade acerca da Instituição, reproduzindo uma crença criada pela Cruz Vermelha Internacional, e foi a mulher na figura de enfermeira, o objeto desse jogo de interesses (NETO, 2011; PORTO & SANTOS, 2007).

Desta forma, se a enfermeira era a agente mensageira da Cruz Vermelha Brasileira (PORTO, 2007), como ela se apresentou para a sociedade para dar maior visibilidade a Instituição?

A resposta está na imagem mental de caridade e bondade que as enfermeiras deveriam transmitir à sociedade através das representações objetais dos seus uniformes que eram o véu, o símbolo da cruz na cor vermelha e o braçal, assinando imageticamente a Instituição perante a sociedade (PORTO, 2007).

Sua visibilidade transpareceu com a veiculação de suas imagens nos ritos institucionais da Cruz Vermelha Brasileira, como ocorreu, por exemplo, na *Revista da Semana*, pioneira em publicar fotografias na imprensa ilustrada com fotos posadas e flagrantes dos eventos sociais. Essa veiculação foi estratégia para dar visibilidade à boa enfermeira brasileira, que por meio dessas, firmavam a crença da Cruz Vermelha na sociedade (PORTO, 2007).

Essa crença foi ampliada durante a atuação dessas enfermeiras na Gripe Espanhola, que ocorreu logo após a Primeira Guerra Mundial, em 1918. Esse fato traduziu em credibilidade social de moral elevada e valores culturais, onde seus efeitos simbólicos perpetuaram durante séculos, condicionado ao gênero feminino e a imagem da enfermeira brasileira, demonstrando o poder e o prestígio da Instituição Cruz Vermelha perante a sociedade brasileira (COURY, 2010).

E foi no âmbito desse poder e prestígio firmado durante a Gripe Espanhola, que a Cruz Vermelha Brasileira em seu Congresso, em 1918 – São Paulo fez a proposição de homenagem a Anna Nery: ereção de um monumento a uma mulher que se voluntariou a Guerra do Paraguai num campo conflituoso por sua natureza, para prestar cuidados aos feridos, deixando para traz o abrigo do seu lar, condição nobre para a mulher da sociedade brasileira àquela época[8] (BATISTA, 2005; PORTO, 2009).

Destarte, que a apresentação de alguns aspectos da trajetória de vida e post mortem de Anna Nery demonstram a formação do mito social difundido na sociedade. Nesta perspectiva, seria possível, se depreender as razões pela qual a Cruz Vermelha Brasileira, em seu Congresso em São Paulo, em 1918, lança a proposta de ereção de um monumento em homenagem a Anna Nery.

Ademais, para intensificar o raciocínio dessas razões, foi possível realizar um comparativo (quadro nº 2) entre a Instituição Cruz Vermelha e o mito Anna Nery e verificar suas semelhanças quanto a suas origens, gênero, e voluntariado.

[8] Destaca-se que Anna Nery não foi a única mulher a se encontrar na Guerra do Paraguai, bem como não era a primeira vez que uma mulher tinha destaque no cuidado. Para tanto consultar, dentre os estudos intitulados: Os elementos simbólicos do monumento a Anna Nery no Rio de Janeiro, Brasil (2011); Enfermagem: Cruz Vermelha Brasileira e Anna Nery (2009) e História da enfermagem (2010).

Quadro nº 2 – Comparativo entre Anna Nery e Cruz Vermelha

	Cenário	**Gênero**	**Enfermeira**	**Voluntariado**
Anna Nery	Guerra do Paraguai. Atuou nos cuidados aos feridos do confronto.	A denominada mãe dos brasileiros era mulher.	Anna Nery tornou-se enfermeira - "a primeira".	Voluntariou-se para a Guerra do Paraguai.
Cruz Vermelha	Cruz Vermelha Internacional como também a Brasileira emergiram em virtude de cenários de confrontos: Batalha de Solferino e Primeira Guerra Mundial, respectivamente.	A mulher foi o gênero escolhido por Getúlio dos Santos – Presidente da Cruz Vermelha Brasileira e professor da Escola Prática de enfermeiras da Cruz Vermelha – para ingressar na Escola de Enfermagem.	A enfermeira foi a agente mensageira escolhida pela Cruz Vermelha para dar visibilidade a Instituição perante a sociedade.	O voluntariado é um dos princípios da Cruz Vermelha.

Fonte: NETO, 2011; SANTOS, 1928 e BATISTA, 2005.

Como se pode perceber, muitos eram os atributos, creditados a Anna Nery e que espelhava a Instituição Cruz Vermelha. Além disso, anteriormente ao surgimento da Instituição, Anna Nery tornou-se um mito brasileiro pelas diversas homenagens que recebeu da sociedade brasileira (NETO, 2011; SANTOS, 1928; BATISTA, 2005).

Acompanhando o pensamento do sociólogo Pierre Bourdieu (1983), pode-se compreender que a Cruz Vermelha ao tentar correlacionar o "*habitus*" adquirido por Anna Nery perante sua participação na Guerra do Paraguai e retorno ao país, com o da Instituição, estaria ela tentando conquistar prestígio social com o mesmo "*habitus*" em virtude do seu poder perante a sociedade, por ele funcionar como estrutura estruturante, isto é, como princípio gerador e estruturado das práticas e das representações.

Assim para manter, ou melhor, fortalecer o poder e o prestígio da Cruz Vermelha brasileira, além da veiculação das imagens na imprensa ilustrada de suas enfermeiras anônimas perante a sociedade, pode-se inferir, a partir das elucidações, que Anna Nery seria a materialização da união dos principais elementos representativos da Instituição. Dessa maneira, articular a Instituição à memória de Anna Nery, prestando-lhe homenagens alimentaria o mito, e estaria a Cruz Vermelha Brasileira se beneficiando também dos lucros simbólicos deixados por ela.

Seria essa uma justificativa coerente para a Cruz Vermelha Brasileira lançar a proposta de ereção do monumento em homenagem a Anna Nery?

A resposta à pergunta pode estar implícita com o fato de Anna Nery ter sido apontada como a pioneira da Enfermagem no Brasil e precursora da Cruz Vermelha nas Américas pela Liga das Sociedades da Cruz Vermelha Americana, um ano após a prestação da primeira homenagem a ela pela Instituição (CARDOSO, 1996). Nesse sentido, a Cruz Vermelha Brasileira ratificava o mito Anna Nery na perspectiva da enfermagem brasileira para a sociedade em virtude de seus objetivos.

Após homenagear Anna Nery como precursora da Cruz Vermelha, e anterior ao discurso de Maria Rennontte[9], que ocorreu em 1924 com a pauta de ereção do monumento a Anna Nery, foi criada, em 1922, a Escola de Enfermeiras do Departamento Nacional de Saúde Pública (PORTO & SANTOS, 2007).

Cabe ressaltar que em 1919, o Congresso Nacional Brasileiro, votou e aprovou a criação do Departamento Nacional de Saúde Pública. Ademais, a não organização sanitária brasileira diminuiria as implicações do Brasil como país exportador de alimentos e receptor de imigrantes (PORTO & SANTOS, 2007).

Para tanto no início da década de 20, período designado como Primeira República, o país tinha como chefe do poder executivo, o senhor Epitácio Pessoa, no qual seu mandato ocorreu de 28 de julho de 1919 a 15 de novembro de 1922 (KOSHIBA & PEREIRA, 1996).

Foi nesse período que ocorreu a expressão dos grandes fazendeiros de café e do predomínio de dois estados: São Paulo e Minas Gerais na chamada política do "café com leite" que se revezavam no poder sem grandes transtornos. Nesta perspectiva ocorreram novas valorizações de café, desenvolvimento da industrialização pelos efeitos da primeira guerra mundial, dentre outros, como a gripe espanhola no setor saúde e a criação do Departamento Nacional de Saúde Pública (KOSHIBA & PEREIRA, 1996; PORTO & SANTOS, 2007).

Carlos Chagas - cientista de renome internacional que durante a gripe Espanhola organizou hospitais e postos de emergência e conseguiu adesão de grande

[9] Médica e professora que lutou pelos menos favorecidos, dedicou-se à causa da fundação de uma filial da Cruz Vermelha em São Paulo e da criação de uma escola de enfermeiras.

maioria dos clínicos cariocas - foi chamado para dirigir esse novo órgão sanitário, o Departamento Nacional de Saúde Pública (DNSP) (PORTO & SANTOS, 2007; DESLANDES, 2012).

Como contribuição na Reforma Sanitária no país, o primeiro diretor do Conselho Internacional de Saúde da Fundação Rockefeller no Brasil, Lewis Wendell Hackett, incentivou Carlos Chagas a conhecer a contribuição das enfermeiras americanas nas campanhas profiláticas dos Estados Unidos, e intermediou as negociações com a Fundação Rockefeller para a vinda de uma missão de enfermeiras norte-americanas para o Brasil (SAUTHIER & BARREIRA, 1999).

Desta forma, em 1922, por meio do Decreto 15.799 de 10 de novembro, foi criada a Escola de Enfermeiras do Departamento Nacional de Saúde Pública (EEDNSP), implantando desta maneira um modelo de enfermagem moderna no país, por meio do modelo anglo-americano, e que teve como principal mentora a Enfermeira Ethel Parson (LIMA & BAPTISTA, 2000).

Ethel Parson tinha como objetivo mudar o conceito que a sociedade fazia da enfermagem. Sua estratégia foi atrair elementos de estratos aquinholados, com a preocupação do padrão das enfermeiras modernas, com capital social e cultural, com base na: racionalidade do trabalho, a padronização de condutas e atitudes da enfermeira em relação à sociedade. (PEREIRA NETO, 2001).

Como forma de dar visibilidade a uma enfermagem moderna no país, a nova escola de enfermagem também veiculou na imprensa ilustrada seus ritos institucionais, demonstrando nos uniformes das enfermeiras, suas representações objetais como a touca – maneira de produzir a crença na modernização da profissão. A crença foi

marcada pela distinção a visão de uma nova proposta para a imagem da enfermeira brasileira. (PORTO & SANTOS, 2007).

Para Bourdieu, essa foi uma forma de classificação que convergiu para a definição da identidade da Escola de Enfermeiras do Departamento Nacional de Saúde Pública, ou seja, a touca foi uma relação de força material e simbólica que teve como estratégia arbitrária a imposição (BOURDIEU, 1998).

Nos ritos institucionais veiculados, pela Escola Prática de Enfermeiras da Cruz Vermelha Brasileira e Escola de Enfermeiras do Departamento Nacional de Saúde Pública, a presença de autoridades era uma marca (PORTO & SANTOS, 2007) que se justificava para legitimar o poder instituído, pois o rito não pode ser auto administrado, ele necessita de autoridade superior para legitimar a transmissão do capital cultural, como uma magia, que nomeia oficialmente e em público o título obtido (BOURDIEU, 1996).

Nesse sentido, é possível verificar, com o surgimento da Escola de Enfermeiras do Departamento Nacional de Saúde Pública, a formação do que Bourdieu denomina de *campo* entendido como certos espaços de posições sociais, nas quais, determinado tipo de bem é produzido, consumido e classificado (BOURDIEU, 1983), ou seja, nesse momento observa-se na imprensa, uma disputa de visibilidade as suas enfermeiras.

Nessa perspectiva, depreende-se que a disputa entre as escolas era de preservar – no caso da Escola Prática de Enfermeiras da Cruz Vermelha Brasileira - o poder e o prestígio até o momento firmado, através da veiculação da imagem de suas enfermeiras como caridosas e bondosas que ostentavam em seus uniformes elementos simbólicos da Instituição (cruz, véu e braçal) para fortalecer esses adjetivos, como também pela

utilização do mito da enfermagem brasileira – Anna Nery, intitulando-a como a precursora da Instituição de maneira a ratificar e majorar todo o *status* social adquirido por ela até o momento na sociedade.

A Escola de Enfermeiras do Departamento Nacional de Saúde pública (EEDNSP) surgiu no *campo* social com a proposta de modernizar a enfermagem brasileira, trazendo seu atributo pessoal nos uniformes das enfermeiras como forma de distingui-las – a touca - na qual suas enfermeiras deveriam ter um padrão relacionado a capital social e cultural; também veicula suas imagens na imprensa ilustrada e com isso disputa no campo da imprensa ilustrada, com sua concorrente, pela imagem da enfermeira brasileira e por seu espaço perante a sociedade (PORTO & SANTOS, 2007).

Ademais, sobre a imagem de suas enfermeiras, a EEDNSP visava em reconfigurar à imagem mental da enfermeira associada a distribuição de esmolas e/ou como camareira, isso porque essas eram uma das atividades das enfermeiras da Escola Prática de Enfermeiras da Cruz Vermelha Brasileira (RJ) e da Escola Profissional de Enfermeiras Alfredo Pinto, o que não cabe julgar nesse momento o mérito. Assim, a proposta de imagem para a enfermeira de saúde pública era defendida por Ethel Parsons a serem entendidas como reformadora social (PORTO & SANTOS, 2007).

Essa proposta de modernização da enfermagem brasileira, com uma representação objetal diversa da já existente e possivelmente, conhecida pela sociedade, sendo entendida como reformadora social pode ser compreendida como uma forma de reconhecimento da nova Instituição pela definição de sua identidade, como também ameaçadora daquela que desde a sua criação manteve-se no campo com superior visibilidade e consequentemente poder e prestígio.

Vale ressaltar que apesar da época existir três escolas de enfermagem, sendo elas a Escola Prática de Enfermeiras da Cruz Vermelha Brasileira (1916), Escola Profissional de Enfermeiras Alfredo Pinto (1920) sendo essa a secção feminina da Escola Profissional de Enfermeiros e Enfermeiras da Assistência a Alienados criada em 1890 e a Escola de Enfermeiras do Departamento Nacional de Saúde Publica (1922), nos estudos consultados[10] sobre a temática, a Escola Profissional de Enfermeiras Alfredo Pinto também veiculou a imagem de suas enfermeiras na imprensa ilustrada, porém a expressiva disputa pela visibilidade de suas enfermeiras ocorreu com as demais. (PORTO & SANTOS, 2007).

Devido a esse contexto foi possível compreender os motivos pela qual a Cruz Vermelha Brasileira um ano antes, em 1924, de ocorrer à formatura da primeira turma da Escola de Enfermeiras do Departamento Nacional de Saúde Pública, iniciou uma corrida pela retomada às homenagens proferidas a Anna Nery, com o discurso de Maria Rennotte para ereção do monumento a Anna Nery em São Paulo (PORTO, 2009), na qual, provavelmente, esse ato foi uma provável estratégia de permanecer com suas agentes mensageiras como referência no *campo* social de disputa mais uma vez utilizando aquela que refletia a Instituição e de elevado mito para a sociedade.

Desta forma, o discurso proferido por Maria Rennotte foi questionador e crítico às homenagens que até então tinham sido prestadas a Mãe dos Brasileiros, como retribuição à sua abnegação e seus serviços prestados à nação, enfocando que um

[10] Os estudos foram: "A enfermeira brasileira na mira do *click* fotográfico", de autoria de Fernando Porto e Tânia Cristina Franco Santos (2008) e " A produção da crença na imagem da enfermeira da Cruz Vermelha Brasileira no período da Primeira Guerra Mundial (1917-1918)", de Mercedes Neto (2011).

monumento erguido em São Paulo destinado à perpetuação a sua memória, estaria à altura de seus feitos (PORTO, 2009).

Também, nessa perspectiva, seja compreensível a primeira visita ao túmulo de Anna Nery pela Cruz Vermelha Brasileira em 1925, cobrindo-o de flores e com um discurso de aclamação a beira do seu túmulo que ocorreu após a publicação, na *Revista da Semana* em 1924 por Luiz Gastão d´Escragnole Dória, de matéria apelativa à sociedade para que houvesse homenagens à beira de seu túmulo, no dia 20 de maio, dia do seu passamento (PORTO & SANTOS, 2005).

Esse ato foi veiculado pela imprensa escrita. Nesse mesmo ano, ocorreu também a inauguração da tela pintada a óleo de Anna Nery no salão nobre do Palácio da Cruz Vermelha Brasileira (PORTO, 2009).

Depreende-se pela visita ao túmulo de Anna Nery, uma assertiva da Instituição, que deve ter obtido grande destaque na sociedade pelo seu gesto, rendendo-lhe lucros de poder e prestígio.

Esse entendimento tornou-se possível em virtude da Escola de Enfermeiras do Departamento Nacional de Saúde Pública ter assumido a continuidade desse rito institucional no ano seguinte, 1926 e que se perpetuou até 1970, quando os restos mortais da homenageada foram transferidos para o Estado do seu nascimento - Bahia.

Conclui-se, nesse momento, a disputa pelo uso do mito Anna Nery pelas escolas de enfermagem. Bourdieu ilumina esse instante pelas suas concepções acerca do que denomina de *campo*, pois a determinação do seu funcionamento ocorre na medida em que se estimulam as pessoas, fazendo-as a disputar por um novo produto nesse campo (BOURDIEU, 2004), nesse caso a EEDNSP.

Cabe ressaltar, que ao analisar esse contexto que envolve Anna Nery, sob a ótica da teoria da comunicação de José Haroldo Pereira, a Mãe dos Brasileiros pode ser entendida como um signo, devido à titulação estar representando a pessoa. Entretanto, devido à ocorrência de casos ambíguos nas classificações dos signos, Anna Nery também pode ser entendida como símbolo, por ter sido imposta, através das diversas homenagens por determinado grupo a sociedade para a formação do mito. (PEREIRA, 2012).

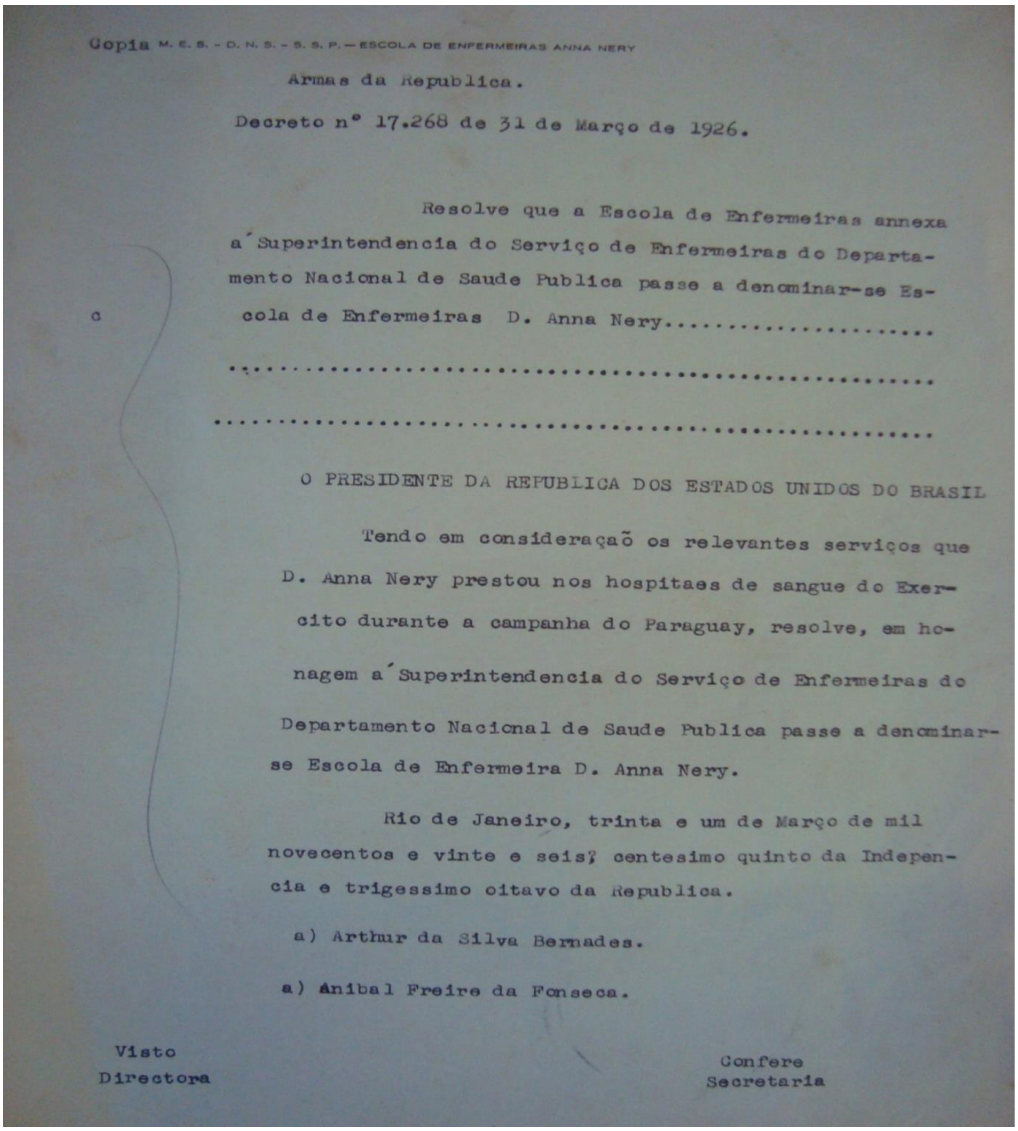
Assim, ao considerar Anna Nery como um símbolo, é possível ratificar mais uma vez, os motivos da disputa pelo uso do mito pelas Escolas de Enfermagem, pois Bourdieu ilumina, em sua obra referenciando que o poder necessita de um símbolo, por não haver poder simbólico sem uma simbologia do poder (BOURDIEU, 1998), e Anna Nery foi um deles criados para legitimar o poder daquela que a detêm.

Retomando a disputa pelo mito, cabe um questionamento: Como a Escola de Enfermeiras do Departamento Nacional de Saúde Pública passou a realizar o rito institucional de romaria ao túmulo de Anna Nery, visto a iniciadora ter sido a Escola Prática de Enfermeira da Cruz Vermelha Brasileira?

Talvez esse fato possa ser respondido em virtude ao publicado em diversos estudos[11] sobre Anna Nery, na qual relatam que ela tornou-se patrona da Escola de Enfermeiras do Departamento Nacional de Saúde Pública, pelo Decreto 17.268 de 31 de março de 1926, alterando sua denominação para Escola de Enfermeiras Donna Anna

[11] Os estudos foram: "Enfermagem: Cruz Vermelha Brasileira e Anna Nery (1935-1956)" de Fernando Porto (2009); "Formalidades na arte de cuidar/atuar na enfermagem: independência versus interdependência profissional" de Gisella de Carvalho Queluci (2005); "O curso de auxiliar de enfermagem no Brasil: criação e legalização" de Mariane Cardoso Batalha (2005) e "A expansão das Escolas de Enfermagem no Brasil na primeira metade do século XX" de Marcelo Medeiros, Ana Clara Ferreira Veiga Tipple e Denise Bouttelet Munari (1999).

Nery, conforme se pode observar no *fac-símile* B extraído do Centro de Documentação da Escola de Enfermagem Anna Nery, que não foi sancionado pela Presidência da República a época, sendo assim considerado nesse entendimento um ato sem efeitos.



Copia M. E. S. - D. N. S. - S. S. P. — ESCOLA DE ENFERMEIRAS ANNA NERY

Armas da Republica.

Decreto nº 17.268 de 31 de Março de 1926.

Resolve que a Escola de Enfermeiras annexa a Superintendencia do Serviço de Enfermeiras do Departamento Nacional de Saude Publica passe a denominar-se Escola de Enfermeiras D. Anna Nery.....

.....

.....

O PRESIDENTE DA REPUBLICA DOS ESTADOS UNIDOS DO BRASIL

Tendo em consideraçaõ os relevantes serviços que D. Anna Nery prestou nos hospitaes de sangue do Exercito durante a campanha do Paraguay, resolve, em homagem a Superintendencia do Serviço de Enfermeiras do Departamento Nacional de Saude Publica passe a denominar-se Escola de Enfermeira D. Anna Nery.

Rio de Janeiro, trinta e um de Março de mil novecentos e vinte e seis; centesimo quinto da Independencia e trigessimo oitavo da Republica.

a) Arthur da Silva Bernades.

a) Anibal Freire da Fonseca.

Visto
Directora

Confere
Secretaria

Fac-símile B: Decreto 17.268 de 31 de março de 1926

Fonte: EEAN - Centro de Documentação- Mód. A, cx 08, Documento n° 12, 1926.

Entretanto, mesmo na falta de assinatura do Presidente Brasileiro, se foi à busca da veracidade do documento e ao realizar busca no sítio eletrônico do Planalto

Nacional[12], local onde estão os Decretos Brasileiros, desde o Estado imperial até a atualidade, o Decreto nº 17.268/1926 não se apresenta, e somente em 1931 com a publicação do Decreto nº 20.109, que se identifica a alteração do nome da Escola para Escola de Enfermeira Anna Nery.

Apesar da dúvida da existência ou não desse dispositivo legal específico que supostamente revelaria a mudança na denominação da Escola de Enfermeiras do Departamento Nacional de Saúde Pública, observa-se a proximidade dessa Escola a Anna Nery, dito em outras palavras, ao símbolo de poder, tanto no que tange na substituição do seu nome quanto em também prestar homenagens, realizando visita ao seu túmulo no mês de seu passamento. Nessas estratégias pôde-se ratificar o mito criado por aqueles que antecederam essa Escola, como também, na assertiva de utilizá-la para maior visibilidade, o que consequentemente propiciaria prestígio e poder social, pois caso contrário, outras estratégias para os seus objetivos teriam surgidos.

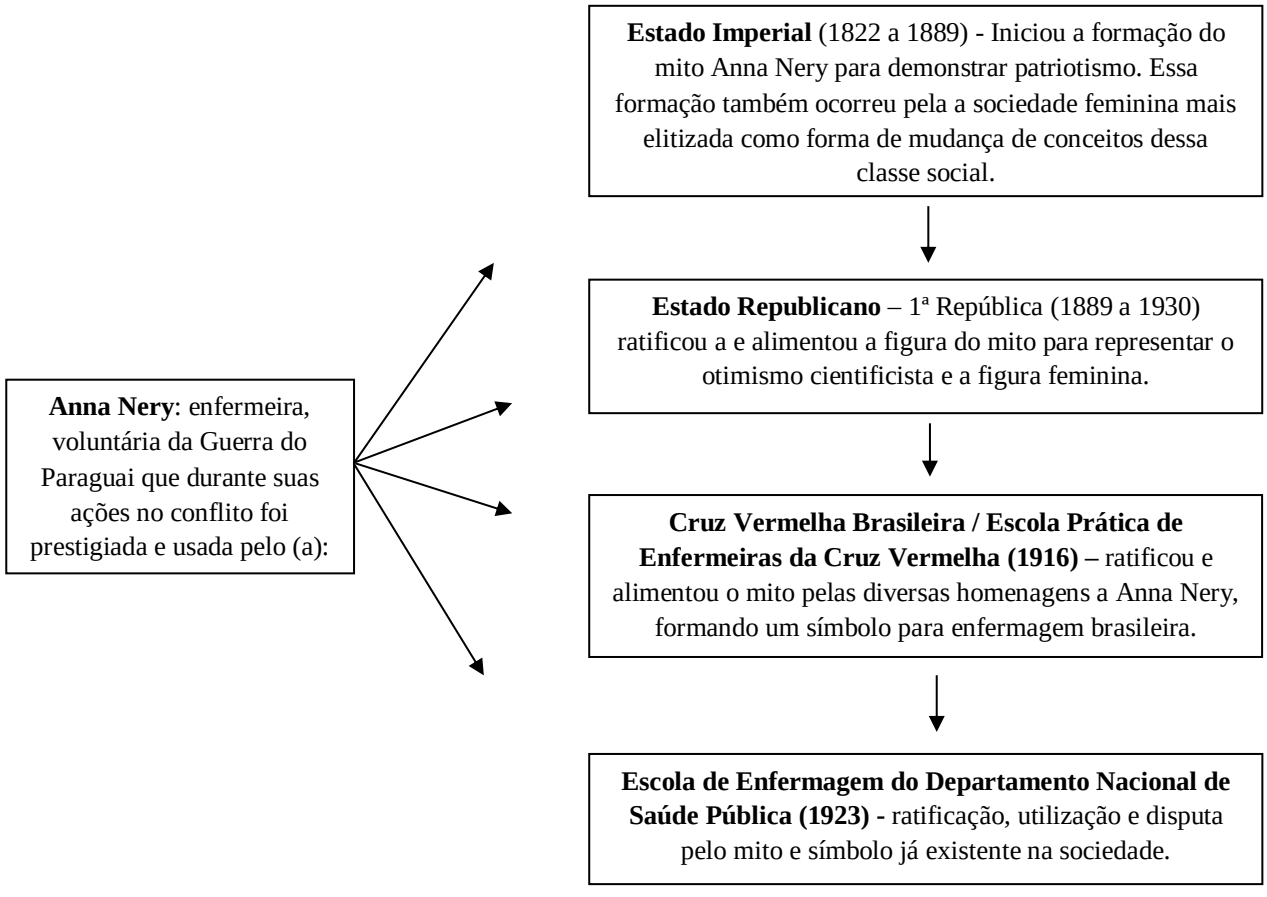
Com as articulações e interpretações realizadas nos estudos dos pesquisadores Dieckson de Oliveira Batista (2005) e Fernando Porto (2007 e 2009), tornaram-se verossímil que aqueles – a elite feminina, o governo imperial e republicano, as escolas de enfermagem mais precisamente da Escola de Enfermeiras do Departamento Nacional de Saúde Pública e Escola Prática de Enfermeiras da Cruz Vermelha Brasileira – por meio de seus interesses, fizeram de Anna Nery um mito poderoso pelas várias homenagens prestadas resultando a ela, ao longo dos anos, significados simbólicos, utilizados cada qual a sua maneira por seus criadores, como as Escolas de Enfermagem que enalteceram a figura da enfermeira se utilizando de Anna Nery, pois ela foi

[12] Sítio eletrônico: <http://www4.planalto.gov.br/legislacao/legislacao-1/decretos1/decretos1/anteriores-a-1959#content>. Acesso em 29 jul. 2012.

considerada a primeira enfermeira e vitoriosa da Guerra, dito de outra maneira, as Escolas utilizaram o *habitus* adquirido por Anna Nery, beneficiando a imagem de suas enfermeiras: a agente mensageira, no caso da Cruz Vermelha Brasileira e a enfermeira moderna, em se tratando da Escola do Departamento Nacional de Saúde Publica e por isso a disputa entre elas pelo uso do mito.

Desta maneira, em síntese foi apresentado uma síntese dos principais elementos reveladores dessa interpretação realizada, por essa seção, no entorno da figura de Anna Nery, que capitalizou prestígios na sociedade brasileira por suas ações durante a guerra do Paraguai e que esses se revelaram objetos simbólicos usados pela enfermagem brasileira em função do poder que proporcionavam.

Quadro nº 3 – Síntese da formação e ratificação do mito Anna Nery.



Fonte: PORTO, 2007 e BATISTA, 2005.

Como já sinalizado, a utilização simbólica de Anna Nery para permanecer ou adquirir poder e prestígio perante a sociedade brasileira, foi um dos objetos disputados para se legitimar o poder das Escolas de Enfermagem. Outro, foi a imprensa ilustrada na qual veiculou imagens das enfermeiras dessas Instituições, como também, as homenagens feitas a Anna Nery. Entretanto, algumas imagens publicadas, em especial pela *Revista da Semana* sob o título "O Dia da Enfermeira", se mostraram reveladoras de significados que, implícita e explicitamente, se correlacionam com os resultados dessa seção e as comemorações à enfermeira. Por isso, essas imagens serão foco de análise na seção seguinte.

SEÇÃO 4

RITOS INSTITUICIONAIS VEICULADOS PELA IMPRENSA ILUSTRADA EM COMEMORAÇÃO À ENFERMEIRA BRASILEIRA (1929-1930).

A disputa pelo monopólio de se fazer ver, de se dar a conhecer e de se fazer reconhecer (BOURDIEU, 2003b) pelas Escolas de Enfermagem, também ocorreu no campo da imprensa ilustrada, na qual as diversas homenagens feitas pelas Escolas à Anna Nery foram veiculadas à sociedade. Outra forma ocorreu pela divulgação das comemorações das Escolas, por meio dos ritos institucionais nas revistas à época, como estratégia enunciar um modelo de imagem de enfermeira no sentido de se obter visibilidade e prestígio perante a sociedade.

A estratégia das Escolas mencionada foi sinalizada pelo Professor Dr. Fernando Porto, em sua tese de doutoramento, que revelou a luta simbólica entre as Escolas de Enfermagem – Escola Profissional de Enfermeira Alfredo Pinto, Escola Prática de Enfermeiras da Cruz Vermelha Brasileira e a Escola de Enfermeiras do Departamento Nacional de Saúde Pública - pela análise das imagens veiculadas na *Revista da Semana* no período de 1919 a 1925 (PORTO, 2007).

Além da revelação de uma das páginas da história da enfermagem brasileira, o estudo demonstrou o alcance de achados dos textos fotográficos, que pelo seu potencial de comunicação e simbolização permitiram a apreensão do significado de luta, as quais talvez não ficassem tão claros, apenas com a utilização de documentos escritos ou orais (SANTOS, BARREIRA & SAUTHIER, 1999; PORTO, 2007).

Partindo dessa premissa, a seção anterior foi oriunda da descrição analítica dos documentos, que permitiram sentido sobre profundas articulações da Enfermagem com

Anna Nery. Nessa, pelo alcance dos achados que o texto fotográfico pode proporcionar, serão analisados os ritos institucionais veiculados em 1929 e 1930 pela *Revista da Semana* sob o título de "O dia da enfermeira".

Cabe ressaltar que essas imagens, ao serem analisadas, retrataram as enfermeiras da Cruz Vermelha Brasileira (CVB) e do Departamento Nacional de Saúde Pública (DNSP). Essa afirmativa tornou-se possível devido a outros autores já terem se debruçado na análise das imagens, dessas enfermeiras veiculadas pela Revista e seus resultados revelaram elementos simbólicos ostentados em seus uniformes identificadores da Instituição que elas representavam, que eram: véu, símbolo da Cruz na cor vermelha e o braçal, utilizados pelas enfermeiras da CVB e a touca e o avental para as do DNSP (PORTO, 2007; NETO, 2011).

Esses elementos simbólicos, presentes nos uniformes das enfermeiras, ao mesmo tempo assinavam imageticamente à Instituição de origem de cada enfermeira, como também instituíam a imagem da enfermeira brasileira, sendo esse o meio de suas criadoras em conseguir espaço, poder e prestígio perante a sociedade (PORTO, 2007).

Para atingir tal objetivo, cada Instituição veiculou a imagem de suas enfermeiras cada qual com seus elementos simbólicos num contexto de ritualidade. Ao analisar o fato, a partir das perspectivas de Bourdieu, os ritos institucionais criados pelas Escolas de Enfermagem ocorreram no sentido de consagrar a distinção entre elas e se legitimar perante a sociedade por meio do seu poder e prestígio.

Nesta perspectiva, o rito é capaz de instituir, ou melhor, consagrar, sancionar e santificar um estado de coisas, uma ordem estabelecida, cuja eficácia simbólica reside

no poder que lhe é próprio de agir sobre o real ao agir sobre a representação do real (BOURDIEU, 1998).

Esse poder, que o rito possui, estaria presente nos ritos institucionais realizados pelas Escolas de Enfermagem, que foram veiculados pela imprensa em comemoração a enfermeira? O que eles estariam consagrando, santificando e sancionando no contexto da enfermagem brasileira?

Para tanto, 6 (seis) *fac-símiles* numerados, das duas páginas da *Revista da Semana* veiculadas sob o título "O Dia da Enfermeira" datadas de maio de 1929 e junho de 1930 foram analisados apoiados pelo instrumento da matriz de análise, e 9 (nove) *fac-símiles* com letras auxiliaram o texto e contexto para que ao final fosse possível se ter respostas aos questionamentos suscitados.

Inicialmente por uma coerência cronológica, a análise foi feita na imagem da manchete publicada em 25 de maio de 1929, e após a de 07 de junho de 1930.

De cada manchete, se utilizou a lógica de localização da imagem na página da Revista pelo esquema de zona de visualização, detalhadamente descrito na seção 2 desse estudo.

Os dois primeiros *fac-símiles* (nº 1 e 2) analisados referem-se à visita ao túmulo de Anna Nery, que pelo esquema de visualização da imagem, elas se encontram localizadas na zona 4 - denominada como morta, ou seja, não pelo contexto das imagens, e sim porque elas são imediatamente visualizadas após a saída da visão da zona principal.



Fac-símile nº 1 – Visita ao túmulo de Anna Nery (REVISTA DA SEMANA, 25/05/1929).

Esse *fac-símile* revela a continuidade do ritual em homenagem à Anna Nery, iniciado no ano de 1925 pela Cruz Vermelha Brasileira – Órgão Central - intitulado pela instituição como visita, em virtude do apelo ocorrido em 1924, pelo jornalista d´Escragnole Dória em matéria publicada na *Revista da Semana* com o título "Anna Nery (20 de maio de 1880)", solicitando à sociedade, que em todos os meses de maio, o túmulo de Anna Nery fosse recoberto de flores. No ano seguinte (1926), a Escola de Enfermagem do Departamento Nacional de Saúde Pública por meio de uma romaria passou a realizar o ato, (PORTO & SANTOS, 2005), que, no estudo, foi entendido como uma possível disputa pela apropriação de uma figura heroica de guerra e símbolo da enfermagem brasileira entre as Escolas.

Ao visualizar o *fac-símile* nº 1, observa-se que o mesmo é do tipo posado, plano conjunto, com sentido horizontal, formato arredondado pequeno. Relatou um grupo

composto de aproximadamente 20 (vinte) mulheres, no qual 1 (uma) trajava roupa social, 6 (seis) uniformes (chapéu escuro, vestido escuro de manga curta com detalhe claro na gola e nas mangas). As demais trajavam outro tipo de uniforme (touca e vestido na cor clara). Todas se encontravam em torno do túmulo de Anna Nery.

O cenário foi externo e ao fundo, havia árvores. À frente de todas as pessoas retratadas havia plantas, e flores. A romaria ocorreu no Cemitério São Francisco Xavier no Rio de Janeiro, Brasil.



Fac-símile nº 2 - Visita ao túmulo de Anna Nery (REVISTA DA SEMANA, 25/05/1929).

Logo abaixo ao *fac-símile* número 1, encaixa-se o número 2, que mostrou de forma panorâmica, as pessoas presentes no Cemitério São Francisco Xavier no Rio de Janeiro, prestando homenagens à Mãe dos Brasileiros, com um quantitativo diferente da imagem anterior, na qual a lente fotográfica somente registrou parte delas, o que facilitou a identificação das fotografadas.

Dessa forma, nesse *fac-símile*, observa-se de maneira geral a presença de 53 (cinquenta e três) mulheres. Ao centro, uma em traje social. Três trajavam uniformes contendo chapéu aba larga escuro, vestido escuro de mangas compridas com detalhes de cor clara na gola e nos punhos e mais uma gravata escura saindo da gola, meias e sapatos escuros (uniforme 1). Cinco mulheres próximas ao centro da imagem com uniforme diferenciado: chapéu de aba larga, vestido de manga comprida com detalhe claro na gola e punho, braçadeira clara com a cruz de malta no braço esquerdo, meias e sapatos escuros e uma com meia e sapatos claros (uniforme 2). Um grupo de 24 (vinte e quatro) mulheres estavam com chapéu de aba larga, vestido escuro de mangas curtas com detalhes claros na gola e nas mangas, meias e sapatos claros (uniforme 3), as outras mulheres trajavam outro tipo de uniforme: touca, vestido de manga curta, meias e sapatos claros (uniforme 4) e algumas com touca com friso escuro (uniforme 5).

Como se pode observar diferentes foram os uniformes e/ou vestimentas usados pelas mulheres que compõem a imagem. Estes cinco tipos de trajes diversos foram responsáveis por certos embaraços ao tentar distingui-los, nos quais suscitaram questionamentos quanto aos seus significados e os porquês da sua existência.

Para as devidas respostas foram consultados estudos cujos parágrafos são referenciados, como forma de comparar os elementos distintivos de relevo de cada uniforme presente nos *fac-símiles* e o que eles traziam, assim como seus significados para a Escola de Enfermeira do DNSP, entretanto, devido à ampla gama de detalhes e diferenças, em alguns momentos, as informações contidas nesses estudos se contradiziam.

Dessa maneira, o apoio principal visando à identificação dos uniformes ocorreu no artigo intitulado "Significado dos uniformes de enfermeiras nos primórdios da enfermagem moderna" de autoria de Maria Angélica de Almeida Peres e Ieda de Alencar Barreira, 2003, devido a sua especificidade quanto à temática, o primeiro dos consultados. Ademais, para melhor identificação, abaixo é apresentado novamente o *fac-símile* demarcando os 5 (cinco) tipos de uniformes.



Fac-símile nº 2A – Identificação dos Uniformes

Assim, ao visualizar o *fac-símile* nº 2A da esquerda para direita observa-se: as três primeiras que trajavam o uniforme 1, ora descrito, sendo alunas visitadoras de higiene, cabendo destacar que o DNSP também oferecia esse curso. Essas alunas assistiam aulas com as alunas do curso de enfermeiras nos primeiros quatro meses. (PERES & BARREIRA, 2003).

Ao lado das alunas visitadoras de higiene, observam-se as da Escola de Enfermeiras do DNSP da fase preliminar, que trajavam vestidos de mangas curtas, meias e sapatos claros (brancos) e não utilizavam o braçal (uniforme 3), diferentemente das visitadoras, que trajavam vestidos de mangas compridas e braçal do mesmo tom do vestido, meias escuras (pretas) e sapatos da mesma cor (PERES & BARREIRA, 2003).

Após a fase preliminar[13], daquela que ingressava na Escola de Enfermeiras do DNSP, as alunas faziam exames para entrar no primeiro ano do curso, quando se iniciava o estágio hospitalar. Assim, as alunas, como forma de aptidão para sua entrada no âmbito hospitalar, recebiam as insígnias – touca, broche como também o avental, caracterizando nesse momento a mudança do seu uniforme (PERES & BARREIRA, 2003). Essas alunas são as que estão trajando o uniforme 4, localizadas no *fac-símile* da direita para esquerda.

Ao centro da imagem, se observam duas mulheres, como citado anteriormente, com a braçadeira na cor clara (branca) e da mesma tonalidade do colarinho de seu uniforme (uniforme 2). Trata-se das Enfermeiras de Saúde Pública. Sua distinção ocorreu em virtude da braçadeira ser exclusiva das visitadoras e enfermeiras de saúde pública, sendo diferenciadas pela tonalidade: das alunas era no mesmo tecido do vestido, enquanto que das enfermeiras era confeccionada em tecido claro (branco) (PERES & BARREIRA, 2003).

Entre as Enfermeiras de Saúde Pública, há uma figura feminina trajando roupa social escura, que apesar da falta de nitidez da imagem, infere-se que seja a

[13] Fase preliminar: período onde eram ensinadas matérias básicas (PERES & BARREIRA, 2003).

Superintendente do Serviço de Enfermagem do Departamento Nacional de Saúde Pública, Senhora Ethel Parson. A possibilidade de ser a enfermeira norte-americana também ocorreu por ela, nos estudos consultados, estar sempre ao centro da imagem.

Atrás das alunas da fase preliminar como também das alunas em estágio hospitalar, estão as enfermeiras diplomadas, identificadas pelo atributo de sua touca em formato de bico e com friso escuro (preto) (uniforme 5) (PERES & BARREIRA, 2003).

As convergências nos estudos analisados, quanto à distinção de alunas ou enfermeiras, ocorreram com as visitadoras de higiene que foram identificadas ora como visitadoras sociais (PORTO & SANTOS, 2005), ora portando a braçadeira clara (branca) (DESLANDES, 2012).

Assim, como se pode perceber, havia uniformes de alunas e enfermeiras, tanto hospitalar, quanto para o trabalho em saúde pública. Sob esta perspectiva, o significado dos uniformes usados por alunas e diplomadas servia para distingui-las entre si, dos demais exercentes de enfermagem e para diferenciar sua posição hierárquica (PERES & BARREIRA, 2003). Mas será que com tantas diferenciações, a sociedade conseguia no seu imaginário fazer a distinção entre elas naquela época?

Retornando à visita ao túmulo de Anna Nery, as Enfermeiras do Departamento Nacional de Saúde Pública, como relatado anteriormente, a denominaram como romaria, entendido como uma forma de distinção e imposição da nova Escola que passou a homenageá-la. Ademais, romaria remete-se a um grande número de pessoas que vão para um lugar em forma de peregrinação religiosa. Assim nesse contexto ritualístico, foi entendido que o propósito e estratégia da Escola foi o de sacralizar Anna Nery, trazendo o poder do rito de maneira a santificá-la para a sociedade.

Outra perspectiva da Escola de Enfermeiras do Departamento Nacional de Saúde Pública, talvez fosse consagrar a lembrança de uma vitória, daquela que retornou dos campos de batalha vitoriosa por suas ações frente aos feridos de guerra, ou melhor, confirmá-la perante a sociedade com mais uma homenagem.

Outro estudo consultado, intitulado "A romaria ao túmulo de D. Anna Nery (1925-1926): uma tradição inventada pela enfermagem brasileira", de Fernando Porto e Tânia Cristina Franco Santos (2005), para a distinção dos uniformes da Escola, classificou a romaria ao túmulo de Anna Nery como um ritual inventado pela enfermagem brasileira, que aproveitou essa tradição imaginada pelo jornalista d´Escragnolle Dória dirigido à sociedade, e se apropriou dela, de maneira a prestar mais essa homenagem à Anna Nery. Essa estratégia pode ser entendida como forma de sacralizar, consagrar, confirmar a Mãe dos Brasileiros perante a sociedade e mais, fortalecer o mito criado para ela.



Fac-símile nº 3 – As novas legendárias da Caridade (REVISTA DA SEMANA, 25/05/1929).

Além da homenagem prestada à Anna Nery, as novas enfermeiras diplomadas formadas pela Escola Prática de Enfermeiras da Cruz Vermelha Brasileira também foram mencionadas, conforme retrata o *fac-símile* de nº 3.

Esse *fac-símile*, na disposição de todos que compõe a matéria (Anexo a), é aquele de maior elevação na página da revista, sendo essa disposição entendida em virtude do seu poder e prestígio já instituído e inculcado na sociedade pela instituição, como também pelo seu status internacional de grande relevância.

Vale ressaltar, que a legenda trazida pela manchete, era única para os três *fac-símiles* que retratavam a comemoração à enfermeira, sendo ela:

> "O dia da enfermeira foi comemorado com a visita ao túmulo de D. Anna Nery, de que se vêem dois aspectos e com a entrega de diplomas às alunas que concluíram o curso, do qual publicamos a gravura que se vê ao alto sob um grupo em que figuram as novas legionárias da caridade". (Revista da Semana, 1929).

A visita ao túmulo de Anna Nery foi retratada pelos *fac-símiles* números 1 e 2, ora descritos. Já o que se refere à entrega de diplomas às alunas que concluíram o curso, será analisado a seguir, constituindo o *fac-símile* de nº 4. Nesse momento, a atenção é dada ao grupo em que figuravam as novas legionárias da caridade, *fac-símile* nº 3.

O *fac-símile* nº 3 é do tipo posado, formato irregular, sentido horizontal e retratou um grupo de 22 (vinte e duas) pessoas sendo 2 (dois) homens e 20 (vinte) mulheres. Os dois homens sentados trajam terno escuro. Das 20 (vinte) mulheres, há 2 (duas) que estão sentadas, uma trajando uniforme (gorro com cruz, vestido de manga curta de cor clara), a outra em trajes social (chapéu e vestido de manga comprida na cor escura). As demais mulheres estão de pé, com uniforme (véu com cruz, vestido de

manga comprida, com cruz ao peito, meias e sapatos claros) e nas mãos, papel enrolado com fita.

O cenário foi externo. Ao fundo há parede, portas, degraus de uma escada e na frente das pessoas aproximadamente 5 (cinco) corbelhas de flores.

Percebe-se, a partir da legenda vinculada ao *fac-símile*, a adjetivação dada a essas enfermeiras da Cruz Vermelha Brasileira como legionárias. Legionário tem como significado um soldado de uma legião, ou melhor, aquele que se incorpora a um movimento para consecução de um ideal coletivo (HOLANDA, 2001).

Sabe-se por estudos anteriores, que a Cruz Vermelha Internacional surgiu com o objetivo de mobilizar e organizar voluntários para prestação de cuidados aos feridos de guerra e em calamidades. No Brasil, a forma de atingir tais objetivos, foi através da formação de enfermeiras pela Instituição brasileira num contexto de conflito internacional – 1ª Guerra Mundial – em virtude da iminência do Brasil em participar da guerra e foram veiculadas para a sociedade como caridosas e bondosas (PORTO, 2007; NETO, 2011).

Assim, na perspectiva de legionárias da caridade, a formação das enfermeiras da Cruz Vermelha também pode ser entendida, além de agentes caridosas, bondosas e mensageiras da instituição (PORTO, 2007), como uma forma de constituição de "soldadas" da Cruz Vermelha, que no contexto de guerra possuíam um ideal coletivo: prestação de cuidados aos feridos de guerra e em calamidades.

Dessa maneira, o *fac-símile* nº 3, apresentando as **novas**[14] legionárias da caridade através de um rito, estaria confirmando, ou melhor, ratificando para a sociedade que a Instituição continuava pronta para o contexto de atender aos feridos, em virtude de estar "aumento seu exército como as novas legionárias da caridade".

Essa assertiva também encontra argumento pelo fato da presença de autoridades no *fac-símile*, dentre elas, a Senhora Washington Luiz, esposa do presidente da República Brasileira à época, que se encontra sentada em trajes de tom escuro. Para tanto, o rito demonstra *status* de maior poder quando ele traz a presença de uma instância de legitimação, uma autoridade, superior do poder relativo à manifestação (SEGALEN, 2002).

As legionárias, que na verdade são formandas do curso de enfermeiras voluntárias, devido ao uso do véu e que se encontram de pé, oferecem luminosidade à imagem, em virtude da cor clara de seus uniformes. Esses tipos de uniformes ostentados pelas enfermeiras e circunstanciando uma pessoa ou objeto na cor escura produz o efeito de claridade, dando maior destaque as autoridades na imagem (PORTO & SANTOS, 2007) e consequentemente fortalecendo o poder do rito.

Nesse contexto, alguns questionamentos podem ocorrer: se o rito demonstra poder daquele que o institui, nesse caso da Cruz Vermelha Brasileira, com a presença de autoridades, qual(is) era(m) a(s) autoridade(s) presente(s) no *fac-símile* de nº 1 e 2 para também demonstrar o poder da Escola de Enfermeiras Departamento Nacional de Saúde Pública?

[14] Grifo do pesquisador

Além da possível presença de Ethel Parson, enfermeira norte-americana enviada pela Fundação Rockefeller, responsável pela enfermagem moderna no país e Superintendente do Serviço de Enfermagem do Departamento Nacional de Saúde Pública; se pensarmos na lógica trazida na seção 3 desse estudo, na qual Anna Nery tornou-se um mito na sociedade brasileira, pode-se inferir que ela, também fornecia o status de poder do rito institucional em romaria ao seu túmulo.

Retornando a análise do *fac-símile* nº 3, a outra mulher sentada, provavelmente não se trata de uma formanda devido ao destaque dado a ela na imagem. Infere-se ser Enfermeira Profissional em virtude do uso do gorro e/ou professora da Instituição ou instrutora. Ainda nessa perspectiva, observa-se da direita para esquerda, atrás da terceira legionária, o aparecimento de somente parte do véu ou gorro. Mas por que estaria escondida? Talvez não fosse uma nova legionária e sim professora, e por já haver na imagem uma em destaque, não houve a necessidade de seu aparecimento.

O *fac-símile*, ainda, é revelador de uma diferenciação étnica entre as formandas. Há entre as novas legionárias, mulheres negras – na qual na imagem aparecem com seus rostos borrados – e outras, com o tom de pele mais clara, sendo assim, possível visualizar seus rostos, fatos não observados nas alunas da Escola de Enfermeiras do Departamento Nacional de Saúde Pública, possivelmente justificados pelo perfil de escolha das candidatas, a alunas de enfermagem da Instituição eram de classe mais elevada, com maior capital social, refletindo na exenquilibilidade do curso (PORTO & SANTOS, 2007).

Sobre as questões éticas e raciais brasileira, a educação para uma criança negra e pobre, nesse contexto, possuía grandes discrepâncias para aquelas intituladas brancas e

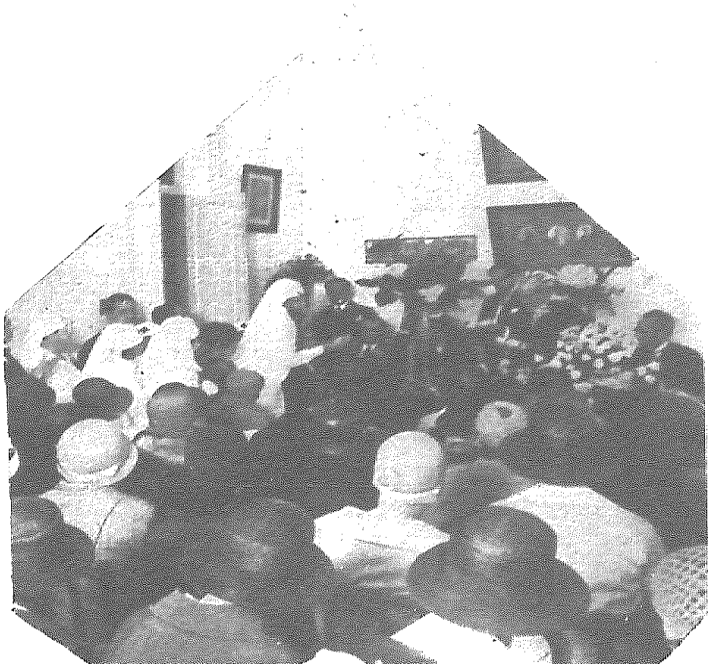
ricas. Apesar de ambas entrarem na escola com a mesma idade, entre seis e sete anos de idade, os pobres/negros não eram ensinados a ler. O seu primeiro ano era o tempo de ajuste na escola; não havia a preocupação de ensinar e isso fazia com que elas repetissem o primeiro ano. A consequência desse ato eram crianças inquietas e que acabavam por abandonar as escolas, pois se ficassem eram estigmatizadas como lentas ou crianças-problema; e para aqueles alunos negros e pobres que permaneciam, aprendiam a ler somente quando os ricos e brancos já estavam no terceiro ano. (DÁVILA, 2006).

Com todas as dificuldades na educação negra e pobre brasileira no início da década de 1930, ao visualizar uma mulher negra dentre as formandas, a enfermeira da Cruz Vermelha Brasileira, se pode inferir que se trata de uma negra diferencial. Isso pode ser explicado por ela fazer parte da mesma turma de formandas de mulher de etnia branca e por ter superado e conseguido aprender a ler e escrever, além de outros requisitos estipulados pela Escola Prática de Enfermeiras da Cruz Vermelha como critério para o ingresso, a saber, conforme Porto (2009):

- Idade de 18 a 30 anos;
- Atestado de boa conduta, conferido por autoridade competente ou por pessoas idôneas;
- Atestado médico declarando não sofrer de nenhuma moléstia crônica nem contagiosa, assim como não ter defeito físico incompatível com a profissão e;
- Provar saber ler e escrever a língua portuguesa e fazer as quatro operações aritméticas.

Ainda, sobre as novas legionárias da caridade, o *fac-símile* nº 4 retratou a entrega do diploma das alunas que concluíram o curso de enfermeira voluntária da Escola Prática de Enfermeira da Cruz Vermelha Brasileira.

Cabe ressaltar que, antes de prosseguir na análise do próximo *fac-símile* (nº 4), a Cruz Vermelha Brasileira formava dois tipos de enfermeiras: as voluntárias e profissionais. Uma das formas de diferenciá-las era através de atributos pessoais: véu e gorro que elas ostentavam em seus uniformes. O véu era destinado ao uso das enfermeiras voluntárias e o gorro pelas profissionais, (NETO, 2011) e, por esse conhecimento, está sendo possível fazer a distinção entre elas, como repertório adquirido por análises anteriores.



Fac-símile nº 4 – Momento da entrega do diploma as novas legionárias da Caridade (REVISTA DA SEMANA, 29/05/1929).

Assim, prosseguindo, o *fac-símile* nº 4 é do tipo instantâneo – momento da entrega do diploma – no formato irregular, plano centralizado e sentido horizontal. O

local retratado, não diferente do *fac-símile* anterior, trata-se do prédio da Cruz Vermelha Brasileira no Rio de Janeiro, Brasil.

Há um grupo aproximado de 19 pessoas, sendo 8 mulheres e 11 homens. Das mulheres, 4 trajavam uniformes – perfil – véu, vestido de manga comprida na cor clara, e as demais se encontravam de costa na imagem com visualização somente dos chapéus. Os homens trajavam ternos. Ao fundo do texto fotográfico, observam-se paredes, mesas e flores, além de possíveis detalhes da arquitetura e 4 quadros.

Os homens retratados provavelmente, como também algumas mulheres são os mesmos presentes no *fac-símile* anterior, em virtude deste, retratar o mesmo rito, porém em momentos diferentes. O *fac-símile* nº 3 demonstra as novas legionárias da caridade, o que pode ser entendido como momento final do rito de formatura, na qual as alunas já saíram dessa condição e passaram para a de enfermeiras diplomadas, enquanto que o de nº 4 retrata esse momento de transição.

Esse fenômeno, da entrega do diploma, pode ser entendido como margem – um dos três estados sequenciais de um rito de passagem[15] - estando entre o estado de separação (na condição de aluna) e agregação (enfermeira diplomada) (SEGALEN, 2002).

Dentre o período de estudo do projeto matriz, o qual esse se encontra inserido, os *fac-símiles* acima descritos foram os primeiros a retratarem ritos em comemoração a enfermeira brasileira, na qual se observa no *campo* ilustrado a presença das Escolas da

[15] Van Gennep, cita SEGALEN (2002), estudou os ritos em sua sequência de consecução, e não isolados na aparente desordem dos costumes. Para ele era necessária análise de todas as sequências de um mesmo cerimonial. Esse método de sequências é o que ele considerou capaz de dar sentido, sendo esse o rito de passagem. Assim, o rito de passagem é aquele que procura recompor a ordem social que é questionada a cada nova etapa do ciclo biológico do homem.

Cruz Vermelha Brasileira e do Departamento Nacional de Saúde Pública, ratificando o mito Anna Nery e apresentando a sociedade seu novo "exército" de enfermeiras respectivamente, e, com isso, implicitamente demonstrando a luta simbólica existente entre elas.

No ano seguinte, especificamente no dia 7 de junho de 1930, mais uma vez a *Revista da Semana* veiculou ritos institucionais em comemoração à enfermeira, sendo demonstrada essa comemoração pelos *fac-símiles* n^{os} 5 e 6.



Fac-símile nº 5 – Momento da entrega do Braçal a uma das alunas da Cruz Vermelha Brasileira

(REVISTA DA SEMANA, 07/06/1930).

O *fac-símile* trazia como legenda os seguintes dizeres:

> "Senhora Washington Luis (...) braçal em uma das enfermeiras da Cruz Vermelha. À direita vemos os Srs. Vianna do Castello, ministro da justiça, Senador A. Azevedo, vice-presidente do Senado e o general Dr. Ivan Santos, presidente da Cruz Vermelha Brasileira. " (REVISTA DA SEMANA, 7/6/1930)

Observa-se que pela segunda vez consecutiva, a Cruz Vermelha Brasileira, como forma de homenagem à enfermeira brasileira, trouxe o rito institucional de formatura de suas enfermeiras, de maneira a consagrar e sancionar para a sociedade. As mais novas, apesar de não serem mencionadas nesta manchete desta forma, mas com o entendimento previamente analisado, eram consideradas legionárias da caridade.

O *fac-símile* nº 5 é do tipo instantâneo, formato irregular, plano centralizado e sentido horizontal. Ao fundo, observa-se parede com aparecimento de parte de uma moldura de quadro e ao centro, mesa com flores e corbelhas de flores no chão. Retrata um grupo de aproximadamente 20 pessoas, sendo 8 mulheres e 12 homens. Das 8 mulheres, 1 estava em traje social (chapéu e vestido) e as demais, uniformizadas (véu com cruz, vestido de manga comprida com a cruz no peito, meias e sapatos claros), vale salientar que uma destas recebeu o braçal e segura uma bandeira do pavilhão nacional. Os homens trajam ternos de cor escura.

Dos homens presentes, 3 (três) podem ser identificados em função da legenda trazida pelo *fac-símile*, sendo os mesmos autoridades brasileiras de renome: Sr.Vianna do Castelo – Ministro da Justiça, Sr. A. Azevedo, senador e vice-presidente do Senado, e o general Dr. Ivan dos Santos, presidente da Cruz Vermelha Brasileira, demonstrando a expertise desse rito veiculado pela Instituição. O rito institucional também é um ato de comunicação, quer no sentido de sua expressão, quer na notificação com autoridades que esse alguém ou algo é o que deve ser (BOURDIEU, 1998).

O braçal foi uma das representações objetais mais significativas utilizadas pelas enfermeiras da Cruz Vermelha Brasileira, o mesmo constituiu um dos símbolos explorados pela Instituição para inculcar na sociedade sua visibilidade e definir sua identidade. Nesse sentido, Bourdieu ilumina afirmando que a luta pelo reconhecimento

do grupo ou da instituição é oriundo da luta pela definição de sua identidade (BOURDIEU, 1998).

Essa representação objetal era de uso obrigatório, conforme o artigo nº 75 do Regulamento da Cruz Vermelha Brasileira funcionava como carteira de identidade de livre trânsito em tempos de guerra entre as partes envolvidas, no sentido de neutralidade (PORTO, 2007). Assim, o braçal representava a autorização para o livre acesso das enfermeiras da Cruz Vermelha Brasileira, nos campos de confrontos ou calamidades, para a prestação de assistência aos feridos.

Ademais, o rito para sua entrega teve o efeito de consignação estatutária, à medida que instituiu a nova ordem estabelecida, evidenciando o poder das autoridades (BOURDIEU, 1998), nesse caso da Cruz Vermelha Brasileira.

Vale ressaltar que outra autoridade presente no *fac-símile* foi a Srª Washington Luis, como mencionado anteriormente, primeira dama brasileira devido à sua condição de esposa do presidente do Brasil à época, senhor Washington Luis, que governou o país durante os anos de 1926 a 1930 quando neste último foi deposto de seu cargo antes do fim de seu mandato pela Revolução de 1930 comandada pelo seu sucessor Getúlio Vargas (FAUSTO, 2011).

A Srª Washington Luis é a pessoa, que no momento do *click* fotográfico, coloca o braçal em uma das alunas, ato entendido como permissão para prestar assistência aos feridos. Esta permissão possivelmente estava sendo fornecida de forma simbólica por quem ela representava, o Presidente da República. Nessa perspectiva, a primeira dama retratava simbolicamente o masculino em seu corpo feminino, não sendo por acaso a

ocultação de seu nome - Sofia Oliveira de Aguiar e Pais de Barros, explicado por Bourdieu na obra denominada Dominação Masculina (2003).

Assim, a Cruz Vermelha Brasileira simbolizava em seus ritos institucionais um elevado status de poder com a autoridade máxima da nação, representada por sua esposa.

Nessa perspectiva, observa-se com a aluna que recebeu o braçal, uma bandeira, que em virtude da presença de um círculo e o tom escuro, infere-se ser a bandeira brasileira, aliado ao fato das autoridades estarem no momento da entrega, desprovidas de chapéus em possível respeito ao pavilhão nacional.

Observa-se ainda no *fac-símile,* como também no próximo a ser analisado, a semelhança do posicionamento das enfermeiras, seja na entrega do braçal como também para o recebimento da medalha Anna Nery, como no rito da eucaristia católica, na qual os católicos em perfilação se dirigem até a algum membro da Igreja Católica habilitado, para o recebimento da hóstia que tem como significado o corpo de Jesus Cristo.

Fazendo uma analogia ao rito de romaria ao túmulo, pela Escola de Enfermeira do Departamento Nacional de Saúde Pública, que teve como um dos significados a inferência na tentativa de santificar Anna Nery perante a sociedade, foi também entendível que no contexto de entrega do braçal e medalha Anna Nery, a Cruz Vermelha Brasileira estava santificando os momentos pela presença do véu usado por suas formandas, por seus posicionamentos em perfilação de eucaristia católica, e por demonstrar esse conjunto em forma de rito institucional, que conforme Bourdieu (1998) santifica um estado de coisas, tudo como forma de fortificar seu poder.

Ao se prosseguir no rito de formatura da Cruz Vermelha Brasileira, o *fac-símile* de nº 6 revela a entrega à aluna mais distinta, ou seja, aquela que obteve um maior destaque no curso, uma medalha intitulada "Dona Anna Nery".



Fac-símile nº 6 – Aspecto do salão em que as enfermeiras que terminaram o curso e entrega da Medalha D. Anna Nery à aluna mais distinta. (REVISTA DA SEMANA, 07/06/1930).

Esse *fac-símile* é do tipo instantâneo, revelando pessoas assistindo à entrega da medalha D. Anna Nery, num formato irregular, centralizado, sentido horizontal.

Observa-se um grupo de muitas pessoas – mulheres e homens. Das mulheres visíveis, algumas em trajes sociais (chapéu e vestido), outras uniformizadas (véu, vestido de manga comprida com a cruz no peito, meias e sapatos claros e uma segurando uma bandeira da Instituição). Os homens trajavam ternos escuros e outros em trajes militares. Ao fundo parede e ao chão, corbelha de flores. Próximas à parede, observa-se a presença de algumas enfermeiras profissionais.

Dentre as formandas, mais uma vez, o *fac-símile* traz a presença de uma enfermeira negra, que está segurando possivelmente a bandeira da Cruz Vermelha devido ao tom escuro e a característica institucional de representação do país.

Os homens em trajes militares podem ser entendidos como uma das autoridades explícita presente no rito institucional, necessário para se sancionar e ratificar o momento do rito institucional.

A medalha, nesse contexto, pode ser compreendida, além de um artefato de metal, como um símbolo representativo de conquista de mérito como diferencial de honra e distinção das demais alunas. Destarte, essa medalha traz também um forte símbolo de poder formado na sociedade daquela época, conforme relatado na seção 3 desse estudo: Anna Nery, mito da enfermagem brasileira, considerada a autoridade implícita no contexto.

A Cruz Vermelha Brasileira tentou correlacionar o "*habitus*' adquirido por Anna Nery, em sua atuação na Guerra do Paraguai, com o de formação de enfermeiras, de maneira a se beneficiar dos lucros simbólicos deixados pela Mãe dos Brasileiros. Nessa perspectiva, a correlação do "*habitus*" estava sendo feita de Anna Nery para suas enfermeiras, através da entrega de uma medalha possuidora de alto poder simbólico instituído na sociedade. Para tanto, a Instituição mais uma vez fez uso simbólico de Anna Nery, fortalecendo e ratificando seu mito com mais essa homenagem.

A senhora Washington Luiz também é mais uma das autoridades que aparece no *fac-símile* C, que pelo traje infere-se ser a próxima à escada, em comemoração ao dia da enfermeira, inaugurando as novas dependências do Instituto Médico Cirúrgico num dos

pavilhões da Cruz Vermelha Brasileira e que na página da *Revista da Semana* encontra-se entre o *fac-símile* nº 5 e 6.



Fac-símile C - A senhora Washington Luiz inaugurando as novas dependências do Instituto Médico Cirúrgico (...) da comemoração do Dia da Enfermeira (REVISTA DA SEMANA, 07.06.1930).

Assim a disposição desse rito, na revista, pode ser percebida como função de imposição, por meio de sua competência técnica e social, sendo um ato de magia social (BOURDIEU, 1998), em outras palavras, um ato mágico para consagrar e ratificar, por meio do rito com presença de autoridades, o poder simbólico da Cruz Vermelha na sociedade brasileira, visto que na manchete do dia 07.06.1930, somente a Cruz Vermelha realizou homenagem à enfermeira para a sociedade (Anexo b).

Cabe ressaltar que, esse poder também pode ser observado na matéria veiculada no ano anterior (25.05.1929 – Anexo A), que apesar das comemorações à enfermeira brasileira ter sido realizada pelas duas Escolas de Enfermagem, e a análise dos *fac-símiles* ter ocorrido pelo esquema de localização da imagem, na diagramação imagética observam-se as Enfermeiras da Cruz Vermelha na parte superior da página da Revista,

enquanto que, as do Departamento Nacional de Saúde Pública, abaixo delas; entendido como posição hierárquica veiculada pela mídia, mera coincidência?

Apesar do primeiro *fac-símile* analisado, nessa seção, ter sido o ritual da romaria ao túmulo de Anna Nery promovido pelas enfermeiras do Departamento Nacional de Saúde Pública, a Cruz Vermelha Brasileira, quantitativamente, veiculou um maior número de imagens para as homenagens à enfermeira, demonstrando mais uma vez, seu poder perante a sociedade.

Outra ratificação desse poder da Instituição, inculcado na sociedade, ocorreu na legenda trazida pela revista em referência à romaria ao túmulo de Anna Nery. Como se pode perceber, apesar de ser a Escola de Enfermagem do Departamento Nacional de Saúde Pública realizando a homenagem e que intitulou o rito como romaria, foi a designação dada pela Cruz Vermelha Brasileira em 1925 (visita) veiculada pela revista.

Outro ponto importante foi a presença de flores em grande quantidade, como pode ser observado em todos os *fac-símiles*, nos ritos institucionais da Cruz Vermelha Brasileira que pode ser entendido como fartura simbólica e riqueza da Instituição, potencializando seu poder e prestígio na sociedade.

As imagens analisadas, em síntese, evidenciaram em diversos momentos, dados que em estudos anteriores já teriam iluminado com suas assertivas. Entretanto, com a presente análise, dados novos foram articulados, o que possibilitou por verossimilhança, outras versões e interpretações, como por exemplo, o poder de enunciação para as comemorações do dia da enfermeira.

SEÇÃO 5

EFEITOS SIMBÓLICOS DAS COMEMORAÇÕES A ENFERMEIRA VEICULADAS NA IMPRENSA ILUSTRADA EM 1929 E 1930 PARA A ENFERMAGEM BRASILEIRA

A seção anterior analisou os ritos institucionais realizados pela Escola Prática de Enfermeiras da Cruz Vermelha Brasileira (EPECVB) e Escola de Enfermeiras do Departamento Nacional de Saúde Pública (EEDNSP) em comemoração a enfermeira brasileira e que foram veiculados na imprensa ilustrada em 1929 e 1930.

Muito mais que isso, em uma análise perscrutada, as entrelinhas demonstram a imprensa ilustrada – *Revista da Semana* - como um *campo* de disputa, no qual os envolvidos, cada um a sua maneira, apresentaram à sociedade seus diferentes ritos, símbolos e emblemas. Como estratégia de distinção Bourdieu ilumina esse fato com seu conceito de *campo* referindo-se a certos espaços de posições sociais nos quais determinados tipos de bem é produzido, consumido e classificado (NOGUEIRA & MARTINS NOGUEIRA, 2009).

Ao retornarmos as origens das duas Escolas de Enfermagem, a Escola Prática de Enfermeiras da Cruz Vermelha Brasileira foi inaugurada em 1916, com sede na Cruz Vermelha Brasileira – Rio de Janeiro, e optou pelas enfermeiras tanto voluntárias como as profissionais como suas agentes mensageiras, capazes, através de seus atributos de bondade e caridade, reproduzirem a crença simbólica da Instituição de cunho internacional para a Sociedade (PORTO, 2007; NETO, 2011).

Quatro anos após foi criado no país o Departamento Nacional de Saúde Pública sob a Direção do médico Carlos Chagas, que em 1922 instituiu o Serviço de

Enfermeiras nomeando como superintendente Ethel Parson, e no ano seguinte (1923), a concorrente da EPECVB, a Escola de Enfermeiras do Departamento Nacional de Saúde Pública (EEDNSP) (PORTO, 2007).

A concorrência aludida ocorreu em função da EPCVB até o surgimento da EEDNSP já ocupar certa posição dominante em virtude da crença reproduzida. Outra inferência pode ter sido em virtude das dificuldades que a primeira Escola de Enfermagem do Brasil (Escola Profissional de Enfermeiras e Enfermeiros) encontrava desde sua criação em 1890 até este período, para o prosseguimento do curso de enfermagem (MOREIRA & OGUISSO, 2005).

Assim, ocupando uma posição de dominação no *campo* social, a Escola Prática de Enfermeiras da Cruz Vermelha Brasileira começou a adotar estratégias conservadoras para manter sua estrutura atual – como o uso dos lucros simbólicos de Anna Nery - em detrimento ao surgimento da Escola de Enfermeiras do Departamento Nacional de Saúde Pública.

Contudo, esta última poderia ter adotado duas estratégias. A primeira consistiria em aceitar a estrutura hierárquica já presente no *campo*, reconhecendo sua inferioridade como uma aproximação ou não, a conversão ou não da dominante. Entretanto, a opção foi à segunda estratégia, na qual Bourdieu chamou de movimentos heréticos (NOGUEIRA & MARTINS NOGUEIRA, 2009), ou seja, houve por parte da Escola uma tentativa de contestação e subversão das estruturas hierárquicas vigentes no *campo*, como também ocorreu no uso de Anna Nery.

Desta forma, com o entendimento de que com a ocupação de um determinado espaço social, um tipo de bem é produzido, consumido e classificado, quais foram esses artefatos intencionalmente criados, pelas Escolas, que podem ser observados nos ritos institucionais veiculados em comemoração a enfermeira brasileira na luta para manter sua posição hierárquica (EPECVB) e para sua ocupação, no caso da EEDNSP?

Acredita-se que o uniforme foi um deles, com vistas à dominação ideológica e, consequentemente, dominação social. Mas como compreender esse raciocínio?

De acordo com Peres e Barreira (2003), o uniforme é um tipo específico de vestimenta para determinada categoria de indivíduos que os identifica como pertencentes a um grupo ou Instituição, como é o caso das Escolas de Enfermagem. Ele funciona como objeto disciplinador, uma vez que padroniza as atitudes e comportamentos de quem o veste, seja ele uniforme militar, religioso, escolar ou profissional.

Nessa perspectiva, os uniformes daquelas que representavam ambas as Escolas foram formas utilizadas para demonstrar a distinção entre elas, necessárias para a formação de suas identidades, como também, possivelmente para que a sociedade pudesse identificar qual Instituição representava, pois elas eram os seus efeitos. Esta distinção também ocorreu internamente com as alunas e enfermeiras. Entretanto, a diferença foi além dos diversos modelos dos vestidos. As alunas e enfermeiras de cada Escola ostentavam outras representações objetais e aliado a isso, suas *hexis* corporais e *habitus* aproximados de Anna Nery coadunaram como forma possível de manipulação simbólica da mente social.

Esse entendimento está apoiado nas concepções de Bourdieu, quando afirma que as representações objetais, coisas ou atos, estratégias interessadas de manipulação simbólica tendentes a determinar a representação (mental) que os outros podem construir a respeito tanto dessas propriedades como de seus portadores (BOURDIEU, 1998).

Sobre esse fato, Mercedes Neto (2011) asseverou que o uso das representações objetais foi um tradutor do tipo ideal de profissional de enfermagem da Instituição e também responsáveis pela reprodução da crença simbólica da Cruz Vermelha Internacional na sociedade brasileira, pois as representações objetais ostentadas pelas alunas e enfermeiras se faziam ver e crer a Instituição, que estava sendo representada (NETO, 2011).

Nessa premissa, Peres e Barreira (2003) afirmam que não se identifica um indivíduo uniformizado pelo seu nome, e sim pela instituição que ele representa.

Assim, entende-se quando o pesquisador Fernando Porto (2007), em sua obra, intitula as enfermeiras como agentes mensageiras, ou seja, aquelas encarregadas de enviar a mensagem da Instituição através de seus atos e atitudes à sociedade, que foi complementado por símbolos e posturas próprias, maneira de inculcação na mente social pela imagem da enfermeira brasileira e as Instituições que representavam.

Desta forma, o uniforme foi o bem produzido no *campo* de luta entre as Escolas e consumido pela sociedade sempre que havia a veiculação dos ritos institucionais pela imprensa ilustrada, que apesar desse estudo somente ter como foco de análise os veiculados em comemoração às enfermeiras, outros também foram publicados. Mas, e

sobre a classificação desse bem produzido nesse *campo* de luta simbólica sinalizado por Bourdieu? Qual ou quais representações objetais foram hierarquizados como objeto de manipulação para se conseguir poder e prestígio?

Para responder, foi necessário o retorno aos *fac-símiles* tratados neste estudo, o qual foi verificado, que no geral eles eram compostos por vestidos, véu, gorro, touca, avental, braçal e a cruz, e que cada escola tinha suas representações objetais próprias, como pode ser observado no quadro 4 descrito abaixo.

Quadro 4: Representações objetais utilizadas por alunas e enfermeiras nos Ritos Institucionais em comemoração a Enfermeira

Corpo	Composição dos Uniformes	Quantitativo EEDNSP	Quantitativo EPECVB	Significados Específicos EEDNSP	Significados Específicos EPECVB
Cabeça	**Véu**	**0**	**38**	**Véu:** Não se aplica.	**Véu:** representação objetal utilizada pelas enfermeiras voluntárias, entendido como elemento simbólico de dominação das mulheres e do seu corpo; escondia o poder simbólico emitido pelos cabelos, caracterizando a dominação masculina e aproximando a imagem da enfermeira à santidade.
	Gorro	**0**	**01**	**Gorro:** Não se aplica.	**Gorro:** elemento simbólico utilizado com o mesmo entendimento acima, porém pelas enfermeiras profissionais. Cabe ressaltar que ambos demonstram a distinção entre os dois tipos de enfermeiras formadas pela Cruz Vermelha

Cabeça	**Touca sem friso**	**26**	**0**	**Touca sem friso:** fez parte do uniforme da escola desde a primeira turma e possuía grande valor simbólico, sendo recebida em cerimônia festiva, após a aprovação das alunas nas provas e exames preliminares (quatro meses de estágio probatório), indicando que estavam prontas a iniciar o trabalho de assistência hospitalar.	Brasileira. **Touca sem friso**: não se aplica.
	Touca com friso	**7**	**0**	**Touca com friso:** considerada a marca de distinção e de honra das enfermeiras.	**Touca com friso**: Não se aplica.

	Chapéu aba larga **Chapéu aba curta** **Cruz na cor vermelha**	**3** **14** **0**	**0** **0** **34**	**Chapéu:** acessório fundamental para as moças e senhoras dos anos 20 e 30. **Cruz na cor vermelha**: Não se aplica.	**Chapéu:** Não se aplica. **Cruz na cor vermelha**: forma simbólica de comunicação visual que contribuiu para a produção da crença da Instituição perante a sociedade
Tronco	**Vestido** **Saia e blusa** **Gola**	**42** **0** **50**	**20** **0** **33**	**Vestido:** Vestimenta feminina inteiriça que cobre o corpo inteiro, formada de saia e blusa em geral feitas de uma só peça de pano, era a moda feminina da época. **Gola:** acessório que traduzia a grandiosidade que oferecia a indumentária das enfermeiras,	**Vestido:** Vestimenta feminina inteiriça que cobre o corpo inteiro, formada de saia e blusa em geral feitas de uma só peça de pano, era a moda feminina da época. **Gola:** acessório que traduzia a grandiosidade que oferecia a indumentária das enfermeiras,

Tronco	**Gravata** **Cruz na cor vermelha**	**3** **0**	**0** **24**	como representação objetal, podendo-se inferir ser possuidora de status, logo, representação de poder simbólico. **Gravata:** Pode ser símbolo mais poderoso de virilidade, por representar um falo de cabeça para baixo, assim o uso da roupa masculina seria uma maneira de herdar posição privilegiada, e por isso, nos anos 20 as mulheres, que buscavam se firmar no mundo do trabalho, foram encorajadas a se vestir como homens, e por isso, a roupa feminina frequentemente tinha colarinho ou gravata de estilo masculino. **Cruz na cor vermelha**: Não se aplica.	como representação objetal, podendo-se inferir ser possuidora de status, logo, representação de poder simbólico. **Gravata:** Não se aplica**.** **Cruz na cor vermelha:** descrito a cima.

Tronco	**Avental**	**14**	**0**	**Avental:** correspondia a uma função simbólica de subalternidade, mas também cumpria a importante função de proteção e defesa, em relação à contaminação, quando em contato com os doentes.	**Avental:** Não se aplica**.**
Membros Superiores	**Manga Curta**	**11**	**0**	**Mangas:** Hierarquia entre alunas e enfermeiras. Nos dias frios, para atuar no hospital, as alunas deveriam usar blusa de lã ou flanela por baixo do vestido do uniforme.	**Manga:** elementos simbólicos que contribuem na identificação sobre o período que as roupas advêm; em relação ao uniforme das enfermeiras as **mangas curtas ou de ¾** fossem mais adequadas em virtude ao clima tropical do Rio de Janeiro do que as **longas**, usadas mais para atividades sociais, preservação da honra como também proteção de parte do corpo durante os cuidados.
	Manga ¾	**0**	**0**		
	Manga Longa	**06**	**13**		

Membros Superiores	**Braçal com Cruz Simétrica**	**0**	**1**	**Braçal com Cruz Simétrica:** Não se aplica.	**Braçal com Cruz Simétrica:** autorização para o livre acesso das enfermeiras da Cruz Vermelha Brasileira, nos campos de confronto ou calamidades, para a prestação de assistência aos feridos.
	Braçal com Cruz de Malta	**03**	**0**	**Braçal com a Cruz de Malta**: significava o amor aos homens e sua mística de servir ao próximo. A cruz rememora a maior prova de amor dada aos homens, o sacrifício mais completo pelos outros, esquecimento mais total de si mesmo.	**Braçal com Cruz de Malta**: Não se aplica.

Membros Inferiores	**Meia Clara**	**14**	**10**	**____**	**____**
	Meia Escura	**5**	**2**	**____**	**____**
	Sapato Claro	**14**	**10**	**____**	**____**
	Sapato Escuro	**5**	**0**	**____**	**____**

Fonte: Revista da Semana, 1929 e 1930; FISCHER-MIRKIN, 2001; PERES, M. A. A.; BARREIRA, I. A, 2003; PORTO, 2007; NETO, 2011.

Conforme o quadro nº 4, a Escola representativa da Cruz Vermelha Brasileira veiculou nos *fac-símiles* analisados o total de 39 (trinta e nove) mulheres com atributos de enfermeira, enquanto a Escola do DNSP, 43 (quarenta e três), totalizando 82 (oitenta e duas) alunas, visitadoras de higiene e/ou enfermeiras.

Ao associar as duas Escolas, os uniformes de alunas e enfermeiras eram um conjunto formado de véu ou gorro ou touca, chapéu, algumas com cruz na cor vermelha, vestido com mangas de tamanhos diferentes, gola, laço, gravata, avental, braçal, meias e sapatos, ou seja, cada uma possuía sua própria representação.

Para o estudo, foi considerada a divisão clássica do corpo humano como pode ser observado no quadro nº 4, na qual as representações objetais ostentavam-se nos uniformes das alunas e/ou enfermeiras presentes nos *fac-símiles* em homenagem à enfermeira brasileira. Assim, conforme o gráfico nº 1, as representações das Escolas de enfermagem na parte superior do corpo foram: gorro, véu, touca, chapéu e cruz na cor vermelha.

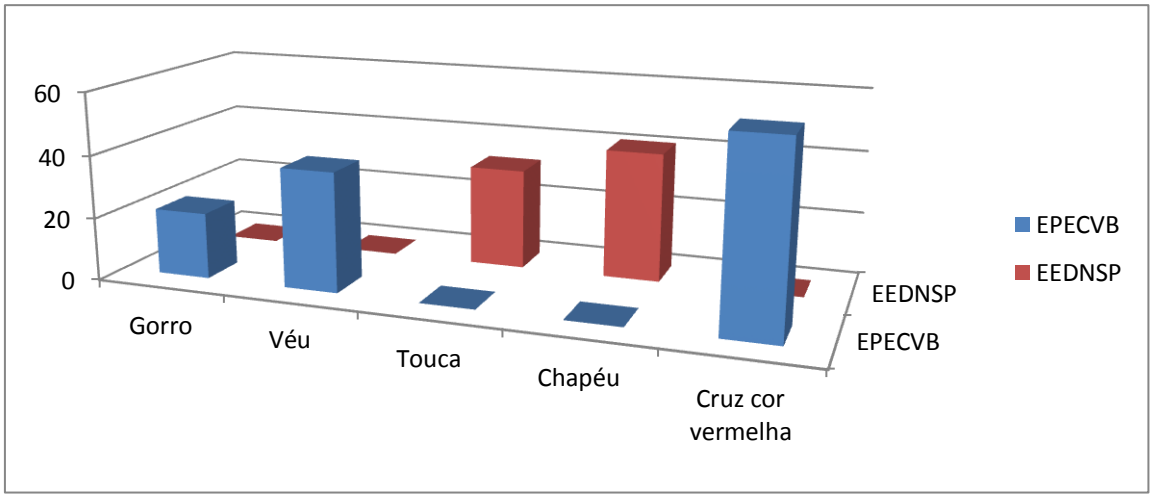


Gráfico 1 - Demonstrativo das representações objetais ostentados na parte superior do corpo (cabeça) das alunas e enfermeiras das Escolas de Enfermagem em homenagem à enfermeira brasileira. Revista da Semana, 1929 e 1930.

Cabe ressaltar que, somente foram contabilizadas as representações objetais visíveis nos *fac-símiles*. Desta forma, a Escola do Departamento Nacional de Saúde Pública demonstrou o uso da touca com e sem friso e chapéus. Para essa Instituição, os tipos de toucas possuíam significados diferentes.

A touca sem friso fez parte do uniforme da escola desde a primeira turma em 1923 e possuía elevado valor simbólico, sendo recebida em cerimônia festiva, após a aprovação das alunas nas provas e exames preliminares (quatro meses de estágio probatório), indicando que estavam prontas a iniciar o trabalho no campo. Já a touca com friso era considerada a marca de distinção de honra das enfermeiras. Os chapéus foram entendidos como acessórios fundamentais da moda nos anos 1920 e 1930 usados pelas moças e senhoras da época (PERES & BARREIRA, 2003).

Vale ressaltar que a touca foi à representação objetal distintiva tanto internamente na Instituição como externamente, em oposição ao véu utilizado pelas alunas e enfermeiras da Cruz Vermelha. Ao fato pode-se também acrescentar a origem anglo-saxonica da Escola do Departamento Nacional de Saúde Pública e por isso a não utilização do véu, diferentemente da Cruz Vermelha Internacional, de origem Suíça, de cunho católico.

Assim, de maneira distintiva, o véu foi a representação objetal utilizada pelas agentes mensageiras da Escola Prática de Enfermeiras da Cruz Vermelha, mas especificamente pelas enfermeiras voluntárias até 1918, quando finda este curso. Para Mercedes Neto (2011), o véu foi entendido como elemento simbólico de dominação das mulheres e de seu corpo; pois escondia o poder simbólico emitido pelos cabelos, caracterizando a dominação masculina e aproximando a imagem da enfermeira à

santidade. Com o mesmo sentindo o gorro foi utilizado, porém pelas enfermeiras profissionais, mostrando a distinção entre os dois tipos de enfermeiras formadas pela Cruz Vermelha Brasileira – voluntárias e profissionais[16].

Nesse contexto, pode-se verificar que mesmo com o fim do Curso de Enfermeiras Voluntárias em 1918, o véu continuou como representação objetal utilizado pela Cruz Vermelha Brasileira. Esse fato torna-se possível, ao observar os *fac-símiles* tratados nesse estudo, nos quais das 39 (trinta e nove) mulheres com atributos de enfermeira da Cruz Vermelha Brasileira visíveis nas imagens, 38 (trinta e oito) eram alunas que ostentavam o véu e 01 (uma) enfermeira profissional com o gorro.

A partir dessa percepção, os seguintes questionamentos surgiram: por que continuar com a representação de uma profissional que não seria mais formada pela Instituição? Qual a trama da Cruz Vermelha Brasileira com a continuidade do uso do véu nesse campo de luta simbólica?

O pesquisador Fernando Porto (2007) ilumina o fato afirmando que a Cruz Vermelha Brasileira ao profissionalizar a Enfermagem com a criação de seus cursos, não tinha interesse direto na expansão do ensino da enfermagem. Nas entrelinhas, o interesse em jogo era divulgar uma nova Instituição instalada no Estado para sociedade, com repercussões internacionais de ajuda aos feridos de guerra e calamidades. Assim,

[16] O Curso de Enfermeiras Voluntárias foi criado pela Cruz Vermelha Brasileira no período inicial da I Guerra Mundial em 1914 e tinha como objetivos formar Enfermeiras com a finalidade de prestar auxílio aos feridos e doentes em tempo de guerra ou em caso de calamidade nacional. Entretanto, com o término do confronto internacional em 1918, finda a formação de enfermeiras voluntárias, permanecendo somente o curso de Enfermeiras Profissionais iniciado em 1916, no Comitê de Damas da Cruz Vermelha. A Cruz Vermelha Brasileira identificou a necessidade de profissionalizar as enfermeiras voluntárias para o trabalho no serviço privado. Esse último curso culminou com a criação da Escola Prática de Enfermeiras da Cruz Vermelha. (NETO, 2011).

necessitava-se de uma estratégia para fortalecer, no Brasil, a crença adquirida pela Instituição em outros países.

A mulher foi o objeto dessa estratégia, na qual a mesma era vestida de enfermeira. Assim, com a iminência do Brasil em participar da I Guerra Mundial, surgiu a oportunidade da Cruz Vermelha Brasileira utilizar as enfermeiras para cuidarem dos feridos oriundos desse conflito e demonstrar para a sociedade sua atuação.

Desta forma, as enfermeiras voluntárias foram as primeiras a representar a Instituição nesse jogo de interesse. A bondade e a caridade, a partir desse momento, faziam parte do *habitus* secundários das enfermeiras, pois elas eram o efeito da Instituição que procurava instalar seu poder e prestígio na sociedade.

Entretanto, elas por si só não foram objetos suficientes para a Cruz Vermelha Brasileira atingir seus objetivos, e na perspectiva de que todo o poder necessita de uma simbologia (BOURDIEU, 1998), foi necessário adicionar a agente mensageira, símbolos capazes de marcar na mente social a lembrança institucional. Assim, o véu com a cruz compunha os uniformes das enfermeiras, o que leva a crer que havia a intenção de aproximação à religiosidade, pois as santificando, a bondade e caridade estariam implícitas em suas ações.

A demonstração de caridade e bondade que as enfermeiras eram compelidas a transmitir pode ser observada na arte plástica veiculada na imprensa ilustrada, denominada “Mãe do Mundo” (*fac-símile* D), na qual uma mulher com atributos de enfermeira da Cruz Vermelha (véu e cruz) com um olhar infinito de súplica segura em seus braços uma pessoa doente e que se aproxima ao cunho religioso devido a sua

semelhança com a obra de Michelangelo denominada de Pietá – Virgem Maria que tem nos braços o corpo de Cristo.



Fac-símile D: Mãe do Mundo, Revista da Semana 1918.

Imagem bem semelhante, em um selo, também foi veiculada pela empresa de Correio e Telégrafo Brasileiro para a série III Conferência Pan-americana da Cruz Vermelha, em 1935 no Rio de Janeiro (*fac-símile* E), e essa imagem pode ser vista até os dias atuais no alto da Torre do Palácio da Cruz Vermelha Brasileira – Órgão Central – Rio de Janeiro (*fac-símile* F).



Fac-símile E: Selo da série III Conferência Pan-americana da Cruz Vermelha no Rio de Janeiro.



Fac-símile F: Torre do Palácio da Cruz Vermelha Brasileira – Órgão Central – Rio de Janeiro.

Diante do exposto, pode-se crer que a estratégia, bondade, caridade, véu, cruz e religiosidade, formou-se um conjunto acertado pela Instituição, e que rendeu e rende lucros simbólicos até nos dias atuais e talvez essa seja uma das possíveis explicações da continuidade do uso dessa representação objetal pelas formandas a enfermeiras da Cruz Vermelha Brasileira, pelo seu forte valor simbólico.

Com esse entendimento, foi-se em busca de imagens de Anna Nery pelo fato da Instituição utilizá-la, ou melhor, usar seus lucros simbólicos obtidos na guerra do Paraguai, com o intuito de verificar a existência de possível correlação e no monumento em homenagem à Anna Nery (*fac-símile* G), da década de 1950, pela Cruz Vermelha, observa-se que ela encontrava-se com um véu. Coincidência?



Fac-símile G: Estátua de Anna Nery

Com um olhar além da perspectiva de disputa simbólica, a estratégia de santidade (uso do véu pelas alunas da Cruz Vermelha e romaria ao tumulo de Anna Nery pela escola do Departamento de Saúde Pública) articulada ao heroísmo de Anna Nery pode também ser entendida como forma de se conseguir na sociedade, à época, mulheres de boa família para os cursos de enfermeiras oferecidos pelas Escolas de Enfermagem, sendo assim uma práxis estruturante das Instituições de Ensino.

Retornando aos elementos que compõem o uniforme, o vestido longo esteve presente nas 62 (sessenta e duas) mulheres visíveis com atributos pessoais de enfermeira em todos os *fac-símiles*. A Escola de Enfermeiras do Departamento Nacional de Saúde Pública, representada por 42 (quarenta e duas) delas, foi aquela que

trouxe mais variações na composição dos vestidos, devido aos diferentes acessórios, tais como: gravata, laços, gola e avental, como se observa no gráfico 2.

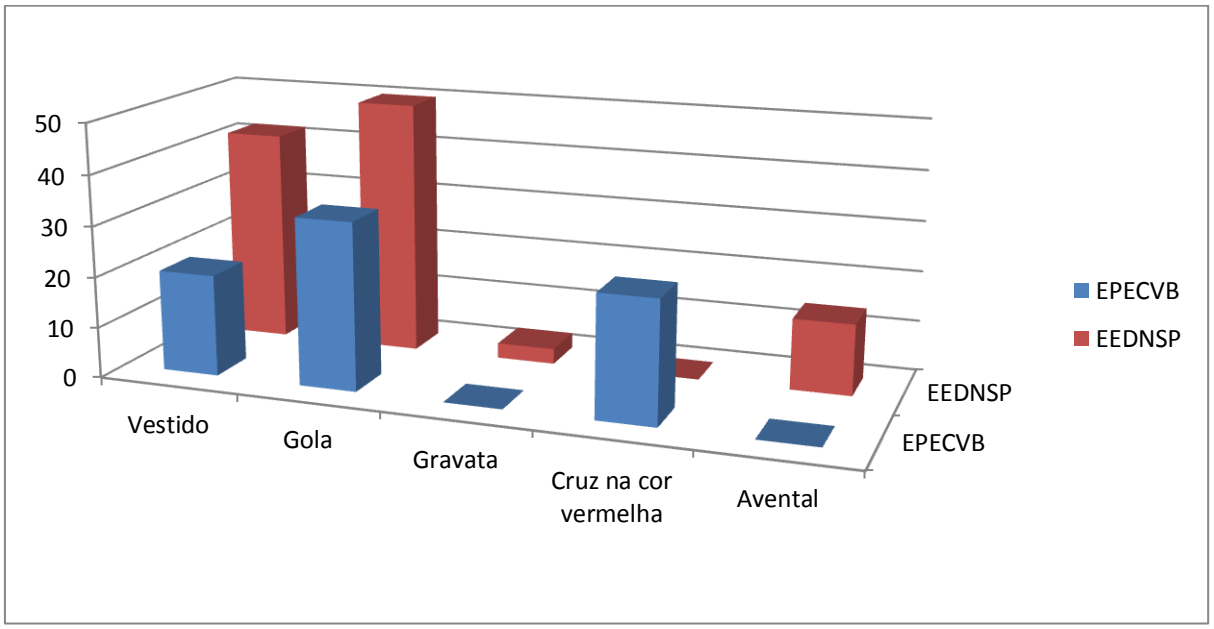


Gráfico 2 - Demonstrativo das representações objetais ostentados na parte média do corpo (tronco) das alunas e enfermeiras das Escolas de Enfermagem em homenagem à enfermeira brasileira. Revista da Semana, 1929 e 1930.

Para a Escola, a gola representava a tradução da grandiosidade, na qual se pode inferir uma forma de *status*, sendo assim uma representação de poder simbólico (NETO, 2011). Em contrapartida, o avental correspondia a uma função simbólica de subalternidade e por isso era utilizado pelas alunas, cumprindo a importante função de proteção e defesa, em relação à contaminação, quando em contato com os doentes (PERES & BARREIRA, 2003).

O uso da gravata pode ser traduzido como o símbolo mais poderoso de virilidade, por representar um falo de cabeça para baixo, assim o uso da roupa masculina seria uma maneira de herdar posição privilegiada e por isso nos anos 1920, as

mulheres, que buscavam se firmar no mundo do trabalho, foram encorajadas a se vestir como homens e por isso a roupa feminina frequentemente tinha colarinho ou gravata.

Dentre os elementos acima citados somente o vestido e a uso de gola também estavam presentes nos uniformes da Escola Prática de Enfermeiras da Cruz Vermelha Brasileira. Como acessório diferencial presente na região peitoral das formandas estava a cruz, como pode ser observado no gráfico 2, a mesma utilizada em seu véu, através da qual se pode inferir que santidade e bondade, além de estarem presentes na mente das formandas guiando a razão humana, também estava em seus corações.

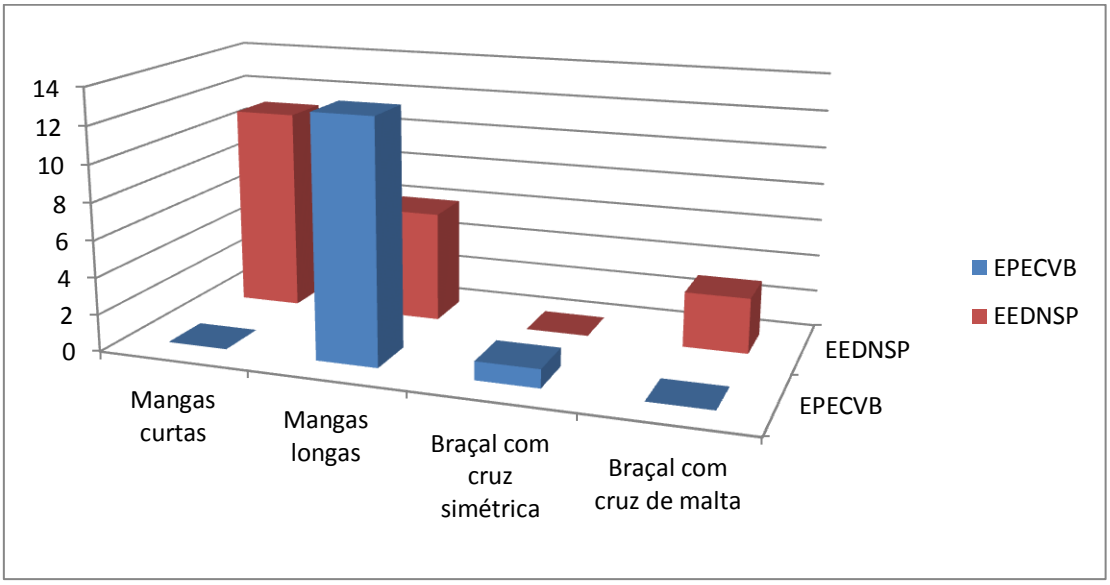


Gráfico 3 - Demonstrativo das representações objetais ostentados nos membros superiores das alunas e enfermeiras das Escolas de Enfermagem em comemoração a enfermeira brasileira. Revista da Semana, 1929 e 1930.

Como se pode observar, o gráfico nº 3, revela o uso de mangas longas dos vestidos das alunas da Cruz Vermelha Brasileira, usados mais para atividades sociais, a preservação da honra como também a proteção de parte do corpo durante os cuidados. A cruz, também, pôde ser observada nas formandas da Cruz Vermelha Brasileira. Tratava-se do Braçal, representação objetal que qualificava as enfermeiras da Instituição

autorizadas para a prestação dos cuidados aos feridos nos confrontos. Assim, o símbolo da cruz formava a tríade no uniforme – razão, emoção, ação - na qual os dois primeiros guiariam as mãos (ação) para o cuidado manual.

A Escola de Enfermeiras do Departamento Nacional de Saúde Pública também utilizou, nas mangas longas dos uniformes das enfermeiras de saúde pública e das visitadoras de higiene, o braçal com a forma geométrica da Cruz de Malta, que para a Escola significava o amor aos homens e sua mística de servir ao próximo. A cruz rememora a maior prova de amor dada aos homens, o sacrifício mais completo pelos outros, esquecimento mais total de si mesmo.

Além das mangas longas, havia também em alguns uniformes da Escola, mangas curtas usadas possivelmente por serem mais adequadas ao clima tropical do Rio de Janeiro.

Cabe destacar que as representações objetais referentes aos sapatos e meias foram excluídas da análise, por se tratarem de elementos que necessitam de aprofundamento específico, mas que acredita-se não ter prejudicado o entendimento proposto no estudo. Desta forma, se assume a lacuna deixada, mas por prudência, trata-se de possível objeto de estudo pelo poder simbólico que o mesmo pode revelar.

A partir dessa análise, pode-se inferir que as produções simbólicas de cada Escola podem ser classificadas e hierarquizadas. Sob esta perspectiva, os produtos distintivos ou superiores da Escola Prática de Enfermeiras da Cruz Vermelha Brasileira (RJ) continuavam sendo o véu, símbolo da cruz na cor vermelha e o braçal, enquanto que para a Escola de Enfermeiras do Departamento Nacional de Saúde Pública, o

destaque foi para a touca e o avental. Essas produções Institucionais se faziam perceber, pensar e se comunicavam com a sociedade.

Em relação ao véu e a touca cabe mais uma consideração; a explicação hierárquica dessas representações objetais, também, pode ser analisada pelo local onde são utilizadas: a cabeça, parte do corpo guiadora das ações do ser humano, pois nela habita a razão. Razão essa que se encontra com a cruz presente no véu da Escola da Cruz Vermelha Brasileira, o que leva a crer que seria uma razão guiada pela santidade, uma força para se perceber a Instituição?

A percepção Institucional se fazia além de todas as suas produções. Apoiava-se nas relações sociais que cada Instituição possuía, ou melhor, ao seu *capital social*. Bourdieu sinaliza que os indivíduos podem se beneficiar dessas relações e que o volume desse capital social está relacionado à quantidade desses contatos (NOGUEIRA & MARTINS NOGUEIRA, 2009). Assim, não ingenuamente as Escolas em seus ritos apoiavam-se nas autoridades (Sr. Washington Luiz, Anna Nery e etc.) para serem notadas e se fazerem reconhecer pelos agentes do *campo*.

Estas considerações se tornaram necessárias para o entendimento final da trama entre as Escolas de Enfermagem ao alcançarem seus objetivos, que foram extraídos por uma sequencia lógica e cronológica, fruto da união das seções anteriores e o início desta.

Fazendo uma retrospectiva dos achados anteriores expostos até o momento, observa-se que a Guerra do Paraguai ocorrida em 1864, pode ser considerada a

responsável pelo que, mais tarde, tornou-se objeto de disputa, pois a mesma revelou para a sociedade brasileira, Anna Nery.

Anna Nery tornou-se um mito em virtude do recebimento de diversas homenagens que não cessaram com sua morte em 1880, visto que a Escola Prática de Enfermeiras da Cruz Vermelha Brasileira ratificou o mito já presente da Mãe dos Brasileiros, ao usar seu *habitus* adquirido no conflito internacional, transformando-a em símbolo de poder da enfermagem brasileira e de forma não ingênua continuava com as diversas homenagens a ela.

As homenagens perpassaram pela proposta de ereção de um monumento a Anna Nery (1918), sendo a mesma transformada em precursora da Instituição e pioneira da enfermagem no país (1919), discursos de exaltação (1924) e visita ao túmulo de Anna Nery (1925). Entretanto, no interim dessas homenagens a Escola do Departamento Nacional de Saúde Pública (1926) apropria-se da homenagem de visita ao túmulo iniciada pela Cruz Vermelha Brasileira, porém com a denominação de romaria, na qual essa ação foi entendida, neste estudo, como o início da disputa pelo símbolo de poder que Anna Nery representava e que se fez perceber que o motivo da luta simbólica entre as Escolas de Enfermagem não era somente estabelecer a imagem da enfermeira brasileira como sinalizou o Dr. Fernando Porto em sua tese de doutoramento (2007), mas também transcorrer pelos lucros simbólicos de Anna Nery.

Esta disputa pode ser observada nas entrelinhas dos *fac-símiles* apresentados nesse estudo, nos dois anos consecutivos. Em 1929, a *Revista da Semana* mostrou mais uma vez Anna Nery recebendo uma homenagem da Escola de Enfermeiras do Departamento Nacional de Saúde Pública com a romaria ao seu túmulo. A Cruz

Vermelha apresentou para a sociedade as formandas da Escola Prática de Enfermeiras, ou seja, suas novas soldadas que utilizavam o véu, representação objetal que fazia parte do uniforme das enfermeiras voluntárias e que foram extintas há onze anos e que foi também utilizada por Anna Nery.

Nos *fac-símiles* veiculados também em comemoração a enfermeira brasileira em 1930, é visível perceber a continuidade na prestação de homenagens a Mãe dos Brasileiros, com a entrega de um símbolo (medalha) à melhor aluna, que pode ser entendido **da**[17] melhor (a pioneira, do mito, do símbolo) **para**[18] a melhor (aluna, agente mensageira da instituição, a Cruz Vermelha Brasileira).

Vale ressaltar um dado importante sobre o *corpus* documental desse estudo. Sinalizo para a data de publicação dos *fac-símiles* pela *Revista da Semana* 25/05/1929 e 07/06/1930. As publicações ocorreram bem posteriormente ao dia 12 de maio - data do nascimento de Florence Nightingale, na qual internacionalmente comemora-se o dia do enfermeiro – já que as publicações da *Revista da Semana* ocorriam semanalmente.

Esse fato foi remetido primeiramente ao conhecimento da data de nascimento (13 de dezembro) de Anna Nery, mas não trouxe significados ao contexto até aqui apresentado, porém ao se deparar com o dia e mês de seu falecimento – 20 de maio, e ao perceber que as comemorações a enfermeira brasileira foram veiculadas em datas posteriores a esse dia, essas informações fizeram crer que, as comemorações foram em razão ao dia do falecimento de Anna Nery e que, provavelmente, tal fato justifica os *fac-símiles* H e I, que tratam do texto visual " O dia da Enfermeira", pois possivelmente

[17] Grifo do pesquisador
[18] Grifo do pesquisador

o dia referido foi 20 de maio, sendo assim mais uma homenagem prestada à Anna Nery. Assim, de acordo com a zona de visualização da imagem, o texto visual é o primeiro da manchete a ser captado pela visão humana, porém seus significados somente foram possíveis de desvendar a partir de todo o conhecimento até aqui construído.



Fac-símile H: Revista da Semana, 25/05/1929.



Fac-símile I: Revista da Semana, 07/06/1930.

Contudo, forte era a presença e uso do mito Anna Nery nos anos de 1929 e 1930 na sociedade. Homenagens continuavam sendo realizadas pelas Escolas de Enfermagem, até mesmo na tentativa da instituição de uma data fixa a ela, o que pode demonstrar que a continuidade no fortalecimento do mito e a utilização dele, ainda permaneciam rendendo lucros de poder e prestígio para aqueles que conseguiam se apropriar, e por isso a assiduidade na disputa de Anna Nery.

Os fatos sinalizados até o momento (Anna Nery, mito, símbolo, poder, prestígio, data da publicação dos *fac-símiles* próximos ao dia 20 de maio – falecimento da Mãe dos brasileiros, comemorações a enfermeira brasileira trazendo, explícita e implicitamente, homenagens e possivelmente a instituição de um dia comemorativo a Anna Nery) conduzem a crer que, na década de 1930 essa ratificação do mito Anna Nery se perpetuou, tendo como efeito para a enfermagem brasileira a publicação do Decreto nº 2.956 de 10 de agosto em 1938, no qual o chefe do poder executivo à época, o presidente Getúlio Vargas, impõe a sociedade o dia 12 de maio como aquele do

enfermeiro brasileiro e mais, que nessa data deviam ser prestadas homenagens especiais à memória de Anna Nery, em todos os hospitais e escolas de Enfermagem do País. Anna Nery mais uma vez estava presente a ser, obrigatoriamente, lembrada todos os anos.

Os Ritos Institucionais das Escolas passaram a ser, a partir desse momento, um ato explícito de comemorações a Anna Nery, diferentemente do período do estudo que em alguns casos não estava tão claro.

Com o entendimento, até aqui exposto, depreendeu-se que houve forte influência por parte das Escolas de Enfermagem, junto ao presidente da época, ao decretarem a continuidade das homenagens. Na verdade, as entrelinhas revelam que a intenção era instituir um dia próprio a ela. Mas será que esse dia também foi pretendido com um tom de feriado nacional?

Esse questionamento torna-se verossímil em relação ao conhecimento do significado de feriado já descrito em linhas anteriores. É válido lembrar que as duas Escolas de Enfermagem, pelos descritos nas seções anteriores aproximaram ou tentaram aproximar Anna Nery do cunho religioso (Romaria e uso do Véu), e relativo ao motivo civil, o que também se fazia possível em virtude de Anna Nery ter se revelado como cuidadora do Exército Brasileiro.

Com ou sem a intenção de estabelecer um feriado, nota-se que o dia 20 de maio não foi mencionado no Decreto. Entretanto, coincidentemente ou não, dois anos após a publicação do Decreto, a Escola de Enfermagem Anna Nery (antiga Escola de Enfermeiras do Departamento Nacional de Saúde Pública), por ato de sua diretora Lays

Netos dos Reis, institui a Semana da Enfermagem Brasileira, na qual o dia do padecimento de Anna Nery é aquele que encerra essa semana de mais de 7 dias, o que leva a crer que, a Escola não se sentiu satisfeita em somente prestar homenagens à sua patrona; Anna Nery merecia mais que isso, sendo possível a assertiva da intenção da Escola nos ritos institucionais veiculados pela *Revista da Semana* de 1929 e 1930, intitulada "O dia da Enfermeira", foi de marcar o dia de padecimento de Anna Nery, como forma de tornar ainda mais público os votos de estima e consideração a essa personagem mitificada na sociedade brasileira e que rendeu e rende à Escola de Enfermagem Anna Nery elevados lucros simbólicos.

Outro entendimento que pode ser dado trata-se da luta simbólica das duas Escolas nas páginas da *Revista da Semana*, pois a EEDNSP pelo exposto, apesar de sua influência até 1931, precisou ser decretada Escola Padrão pelo Decreto 20.109/1931 com argumentação do padrão elevado do ensino da enfermagem, gerando a pergunta: Quais outros interesses simbólicos se encontravam em jogo? Questionamentos que não cabem respostas por esse estudo. Por outro lado, eles contribuíram para a sustentação das argumentações apontadas pelos resultados aqui obtidos na perspectiva simbólica.

Cabe ressaltar que somente na década de 1960, o presidente da República, senhor Juscelino Kubitschek, pelo Decreto nº 48.202, de 12 de maio, instituiu oficialmente a Semana da Enfermagem Brasileira, o que pode ser entendido como forma de grande esforço ao longo de duas décadas da Escola de Enfermagem Anna Nery em fixar uma data comemorativa dedicada à sua patrona.

Para tanto, como síntese do entendimento apreendido pelos resultados, se ensaiou um esquema sinóptico, como possível representação simbólica explicativa, apresentado a seguir.

Esquema sinóptico sobre a influência de Anna Nery nas comemorações da enfermeira em 1929 e 1930 e seus efeitos para a enfermagem brasileira.

1960: Decreto nº 48.202 – Institui oficialmente a Semana da Enfermagem Brasileira (12 a 20 de maio).

1940: Escola de Enfermagem Anna Nery (antiga EEDNSP) estabelece a Semana da Enfermagem Brasileira de 12 (nascimento de Florence) a 20 de maio (falecimento de Anna Nery).

1938: Decreto nº 2.956 institui o dia 12 de maio como dia do Enfermeiro Brasileiro nas quais homenagens a Anna Nery deveria ser prestada.

Em vida

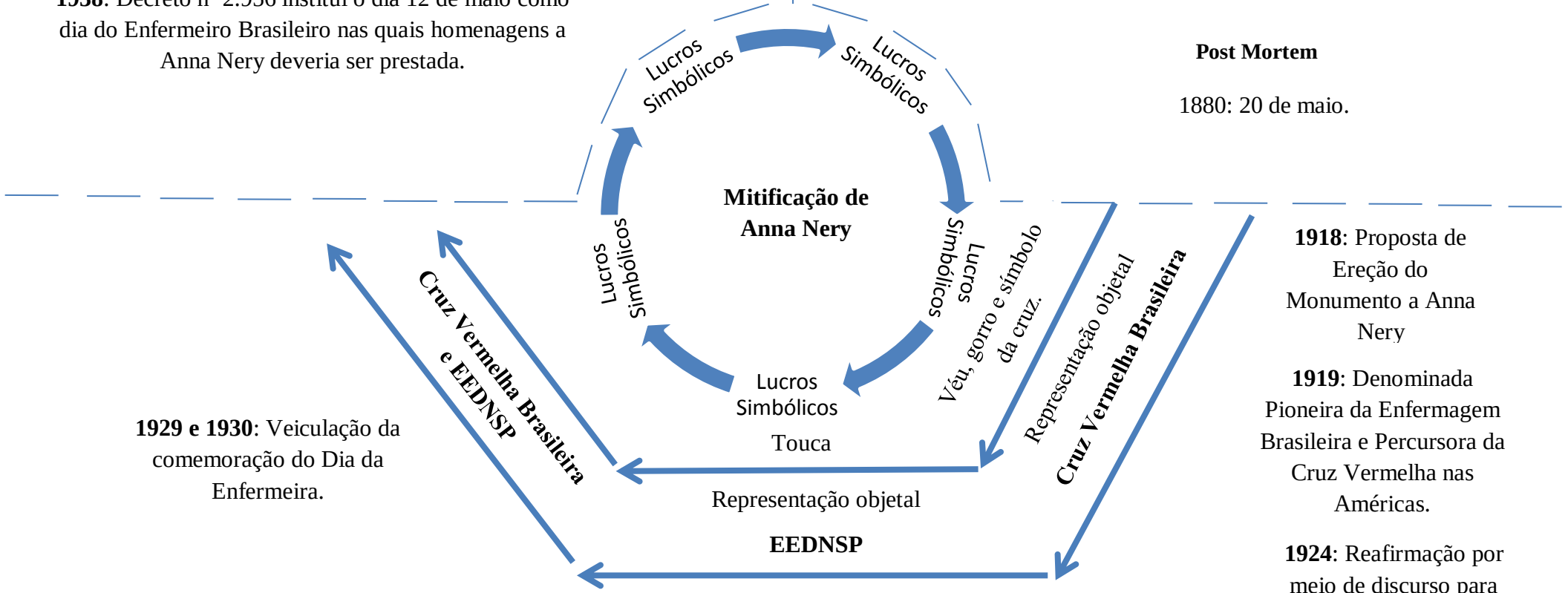
Marco: Guerra do Paraguai (1864-1870).

1870: Retorno ao Brasil

Homenagens Públicas.

Post Mortem

1880: 20 de maio.



1929 e 1930: Veiculação da comemoração do Dia da Enfermeira.

1918: Proposta de Ereção do Monumento a Anna Nery

1919: Denominada Pioneira da Enfermagem Brasileira e Percursora da Cruz Vermelha nas Américas.

1924: Reafirmação por meio de discurso para ereção do monumento.

SEÇÃO 6

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Difícil talvez seja a melhor expressão para definir como foi à elaboração dessa pesquisa. A dificuldade encontrada foi por tratar de um assunto objeto de várias outros estudos, inclusive do meu orientador, que foi Anna Nery. Tinha pleno conhecimento que trataria dela de modo diferente dos outros pesquisadores, afinal os olhares e conhecimentos de cada um são diferentes, mas minha intenção era trazê-la sob uma nova perspectiva, um novo ponto de vista, e não com aquela imagem de matriarca e cuidadora; até que me deparei com as imagens que aqui foram analisadas.

Num primeiro olhar dos *fac-símiles*, pude observar a presença marcante de Anna Nery nos Ritos Institucionais promovidos pelas Escolas de Enfermagem através da romaria a seu túmulo e medalha com seu nome para a aluna mais distinta, e de maneira não inocente percebi que algo a mais estaria nas entrelinhas daquelas imagens sobre ela e que precisaria conhecer aquela linguagem, decifrar os signos para trazer o conhecimento dos fatos ocultos dessa personagem e por isso a seção 3 foi elaborada.

Essa seção inicia-se demonstrando o Império, República e mulheres elitizadas homenageando e se beneficiando dos lucros simbólicos adquiridos no conflito internacional por Anna Nery, com o intuito de fortalecer suas políticas e conceito na sociedade respectivamente.

Continuando com os achados dos vários estudos sobre Anna Nery, houve o conhecimento que essas homenagens prestadas se desmembraram na formação de um mito poderoso na sociedade, o mito Anna Nery. Muito mais que homenageá-la, aos

poucos com as pesquisas sobre a Mãe dos Brasileiros, a trama tornava-se clara: a Escola Prática de Enfermeira da Cruz Vermelha Brasileira e Escola de Enfermeiras do Departamento Nacional de Saúde Pública, ambas criadas em 1916 e 1923 respectivamente disputavam entre si o mito Anna Nery para usá-la em benefício próprio devido ao seu forte poder simbólico já instituído na sociedade por outros seguimentos sociais. A disputa também ocorreu na prestação de diversas homenagens a Mãe dos Brasileiros que foram veiculados na imprensa ilustrada.

A meu ver foi um golpe de maestria das Escolas ratificarem para a sociedade o mito, usar seu *habitus* secundário adquiridos no conflito internacional, e transformá-la em símbolo de poder, tudo com o intuito de angariar poder, visibilidade e prestígio. E esses devem ter sido o valor de ter Anna Nery para si, valor esse objeto de disputa entre elas, demonstrando que não havia somente uma luta entre as Escolas pela imagem da Enfermeira brasileira, como também uma luta simbólica pelo legado deixado por Anna Nery, pela estima que ela representava, ou seja, tê-la para si era sinônimo de domínio no campo da enfermagem.

Numa briga de forças simbólica, Anna Nery foi intitulada pioneira da enfermagem no Brasil e precursora da Cruz Vermelha e por outro lado patrona da Escola do Departamento Nacional de Saúde Pública (DNSP). Entretanto, o fato mais marcante dessa luta simbólica foi quando a visita ao seu tumulo passou a ser realizada pela Escola do DNSP, em 1926, e que continuou, como pode ser visualizado nos *fac-símiles* dessa pesquisa.

Esses *fac-símiles* também foram reveladores da necessidade da Escola do Departamento Nacional de Saúde Pública em demonstrar suas diferenças perante as

demais. A distinção entre elas era necessária para que a sociedade conseguisse identifica-la. Para isso os uniformes de alunas e enfermeiras apresentavam diferentes representações objetais como touca com e sem friso, chapéus, avental, braçal dentre tantos outros, na qual suponho que esse quantitativo propiciou certa confusão como ocorreu com os estudos consultados para essa pesquisa, quem dirá para a sociedade a época.

Assim, a junção da homenagem a Anna Nery em romaria ao seu túmulo com todas aquelas representativas do Departamento Nacional de Saúde Pública foi uma das formas de estampar para a sociedade sua proximidade, vocação e respeito ao mito brasileiro.

Apesar de ter sido a iniciadora da trama de visita ao túmulo da Mãe dos Brasileiros, mesmo não mais realizando, a Cruz Vermelha Brasileira, de maneira inteligente permaneceu com suas homenagens, aproximando-se de Anna Nery, trazendo de volta o véu como parte dos uniformes de suas formandas, pois essa representação objetal era usada pela Mãe dos Brasileiros e mais, usavam o seu *habitus* adquirido e o "passava" para sua melhor aluna, igualando-a a Anna Nery. Ademais, o uniforme das enfermeiras e alunas dessa Escola não traziam grandes diferenças, e por isso causava impacto pelo símbolo da cruz na cor vermelha nele presente e que na atualidade continua inculcado na mente social.

Tudo isso foi visualizado pela sociedade através da imprensa ilustrada por meio de ritos institucionais, entendido como forma de consagrar, ratificar para a sociedade aquela Escola que se fazia crer em Anna Nery, sendo veiculados na *Revista da Semana*. Isso demonstrou o quanto a imagem pode ser reveladora de fatos ocultos na história, na

qual talvez depoimentos orais e/ou escritos não fossem capazes de retratar com tantos detalhes os acontecimentos ocorridos.

Esses ritos veiculados, além de trazerem explicita e implicitamente Anna Nery no comando, trouxe também presença de autoridades importantes, forma de dar maior poder de *status* para a Instituição que a homenageava.

Até esse momento ficou entendível a trama organizada pelas Escolas na luta pela hierarquia na Enfermagem Brasileira conseguida através de poder e a visibilidade na sociedade. Porém, o título, trazido para o espetáculo ritualístico das Escolas de Enfermagem nos *fac-símiles* analisados nessa pesquisa, causava certo questionamento pelo fato do dia do enfermeiro ter sido instituído 8 (oito) anos após a veiculação da manchete intitulada "O dia da enfermeira" de 1930, e os signos presentes naquele *campo* de luta simbólica nas páginas da *Revista da Semana* continuavam a apontar para Anna Nery.

A data do seu padecimento (20 de maio) foi o significante necessário para o significado da grande homenagem implícita realizada pelas Escolas de Enfermagem a Anna Nery: estabelecer um dia no calendário brasileiro para a heroína de guerra de maneira à "enfermerizar" de vez Anna Nery e por isso "O dia da enfermeira" foi o título veiculado para os ritos institucionais das Escolas de Enfermagem.

Esse ato possivelmente foi o desdobramento do requerido pelo Jornalista d`Escragnole Dória, em 1924, que solicitou a sociedade para que no dia 20 do mês de maio fossem feito homenagens à beira do túmulo de Anna Nery pelo seu passamento, que as Escolas além de tomarem para si a obrigação dessa homenagem pelos seus

interesses implícitos e observando os lucros simbólicos desse ato, tentaram dar um passo maior, veiculando o dia Anna Nery junto aos seus ritos institucionais.

Assim, as Escolas de enfermagem tentavam nacionalizar o dia do enfermeiro comemorando seu dia com a data de passamento de Anna Nery com o entendimento que aquele que morre realizou tudo por aquela sociedade.

Anos após, de maneira pouco deturpada e diferentemente do que havia sido pensado inicialmente, esse ato teve como possível efeito a publicação do Decreto nº 2.956 em 1938, que instituiu o Dia do Enfermeiro brasileiro, porém esse dia não foi o de passamento de Anna Nery. O dia do enfermeiro foi 12 de maio em referência a Florence Nightingale, mas que nesse dia Anna Nery deveria ser homenageada.

O Decreto revela a figura de uma nacional (Anna Nery), no início do Estado Novo de Getúlio Vargas, como uma internacional americana (Florence Nightingale) demonstrando que para se institucionalizar um dia, todos os aspectos simbólicos são pensados para se definir uma data, diferentemente das comemorações anteriores a sua oficialização.

Nas comemorações brasileiras em 1929 e 1930 possivelmente a data pensada para o dia do enfermeiro, pelas Escolas de Enfermagem, foi 20 de maio em homenagem a Anna Nery, mas o Presidente da República à época de maneira diferente institucionalizou o dia do enfermeiro com outra data e personagem da história da enfermagem, trazendo o poder de cunho internacional.

Cabe destacar que possivelmente a negativa na escolha do dia da morte de Florence (13 de agosto) ocorreu por ser tratar de um mês que no país comemora-se o dia

dos pais e por existir a superstição com o número 13 que é considerado por muitos como de má sorte. Associado a esse dia, a sexta-feira do dia 13 de qualquer mês é considerada popularmente como o dia do azar. Assim não caberia comemorar o dia do enfermeiro nessa data. Diferentemente do mês de maio, que no Brasil é um mês mais feminino por ser comemorar o dia das mães, noivas, da virgem Maria e nesse contexto adequou-se perfeitamente, apesar de ser morte, o dia do falecimento da Mãe dos Brasileiros.

A obrigatoriedade das homenagens a Anna Nery estabelecida pelo Decreto não teve grande diferença para as Escolas que sempre homenagearam Anna Nery, ratificando seu mito e lucrando com seus feitos pela sua ação na guerra do Paraguai. Porém, essas homenagens precisavam de um tom inovador de maior força simbólica, e exaltar o dia 20 de maio, talvez, fosse o grande triunfo de força, visibilidade, poder e prestígio na sociedade, e assim o fez a Escola de Enfermagem Anna Nery na década de 1940, enunciando a Semana da Enfermagem Brasileira, instituindo o dia 12 de maio como data de abertura do evento em referência ao nascimento de Florence Nightingale e o dia 20 do mesmo mês pelo passamento de Anna Nery encerrando a Semana com mais de 7 dias. Essa atitude da Escola foi entendida como uma forma de manifestar sua insatisfação pelo Decreto, não ter feito menção ao dia de sua patrona.

Entretanto, o dia 20 de maio não tem seu desfecho nessa década, esse dia volta à cena em 1960 com a instituição legal através do Decreto nº 48.202 da Semana da Enfermagem Brasileira, legalizando o dia 20 para o seu encerramento, ato sancionado, à época pelo Presidente Juscelino Kubistchek.

Anos após, foi à vez do Conselho Federal de Enfermagem, pela Resolução COFEN 294/2004, trazer a baila o dia 20 maio como forma de homenagear os Técnicos e auxiliares de enfermagem com esse dia. Esse signo por algum momento trouxe como significado uma comparação da dita primeira enfermeira a esse grupo, que na atualidade compõe a equipe de enfermagem e que hierarquicamente são subordinados ao enfermeiro. Os significados a Anna Nery estariam mudando? Ou essa seria uma forma de enaltecer esse grupo por sua importância na enfermagem, fazendo com que eles também lucrem com os feitos de Anna Nery? Esses questionamentos, deixo para que futuros pesquisadores possam responde-los.

Desta forma, o dia da enfermeira veiculada nas páginas da *Revista da Semana* de 1929 e 1930 perpassou por uma luta simbólica entre as Escolas de Enfermagem em se apropriar de Anna Nery; pelas homenagens para fortalecer o mito e mais em instituir um o dia da enfermeira em referência a Mãe dos Brasileiros e que teve como possíveis efeitos no final da década de 1930, a legalização do dia do enfermeiro pelo Decreto nº 2.956, na iniciativa em 1940 da Escola de Enfermagem Anna Nery em criar a Semana da Enfermagem e na sua legalidade somente duas décadas após pelo Decreto 48.202 de 1960.

Para finalizar, é fato, por tudo que aqui foi apresentado, que muitos membros da sociedade usaram os lucros simbólicos da personagem Anna Nery para se beneficiar, devido ao seu heroísmo, cuidado aos feridos e poder, por ter tornado-a como um símbolo e mito brasileiro. Deixar de visualizar Anna Nery por uma questão emocional era necessário para se avançar nas pesquisas sobre a História da Enfermagem e começar a entender os porquês, através dessa nova perspectiva, sobre fatos e acontecimentos que

ocorreram na profissão e que continuam a ocorrer, atualmente, com a continuidade nas homenagens a Anna Nery. Os atores da cena podem até mudar de nome e de lugar, mas os lucros simbólicos permanecem sendo usados, como eu o utilizei para escrever essa dissertação e com ela conquisto o título de Mestre em Enfermagem.

REFERÊNCIAS

AQUINO, R. S. L. et al. **História das sociedades –** das sociedades modernas às sociedades atuais. 31. ed. Rio de Janeiro: Ao livro técnico, 1995.

BATISTA, D. O. **O mito Anna Nery e a enfermagem brasileira.** Dissertação [Mestrado em Enfermagem]. Escola de Enfermagem Anna Nery/Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2005.

BOURDIEU, P. **Esquisse d´une théorie de la pratique; precede de trois études d`ethnologie kabyle**. Paris: Seuil, 1972.

_____. **Questões de sociologia**. Rio de Janeiro: Marco Zero, 1983.

_____. Razões práticas – Sobre a teoria da ação. São Paulo: Papirus, 1996.

_____. **A Economia das trocas linguísticas –** o que falar quer dizer. São Paulo (SP): EDUSC, 1998.

_____. **A Dominação Masculina**. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2003a.

_____. **O poder simbólico**. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2003b.

_____. **Coisas ditas**. São Paulo: Brasiliense; 2004.

CARDOSO, M. M. V. N. **Anna Nery**: a trajetória de uma heroína. [Dissertação [Mestrado em Enfermagem]. Escola de Enfermagem Anna Nery/Universidade Federal do Rio de Janeiro. Rio de Janeiro, 1996.

CONSTITUIÇÕES BRASILEIRAS. Brasília: Câmara dos Deputados, Coordenação de Publicações, 2005. 16 p. (Série Cadernos do Museu nº 4). Disponível em: <http://www2.camara.gov.br/a-camara/conheca/museu/publicacoes/arquivos-pdf/Constituicoes%20Brasileiras-PDF.pdf>. Acesso em: 12 out. 2012.

COURY, A. F. **Fatos e fotos da Cruz Vermelha Brasileira na Gripe Espanhola: a imagem pública da enfermeira (1918).** Dissertação [Mestrado em Enfermagem]. Escola de Enfermagem Alfredo Pinto/Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro. Rio de Janeiro, 2010.

DÁVILA, J. **Diploma de brancura** – política social e racial no Brasil 1917-1945. São Paulo: Editora UNESP, 2006.

DESLANDES, A.K.M. **Cuidado e enfermeiras na Revista da Semana no âmbito da Reforma Sanitária.** Dissertação [Mestrado em Enfermagem]. Escola de Enfermagem Alfredo Pinto/Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro. Rio de Janeiro, 2012.

ELIADE, M. **Mito e realidade**. São Paulo: Perspectiva, 2002.

HOLANDA, A .B. **Mini Aurélio Século XXI Escolar:** O minidicionário da língua portuguesa. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2001.

FISCHER-MIRKIN, T. **O Código do vestir** – os significados ocultos da roupa feminina. Rocco Rio de Janeiro. 2001.

FONSECA, E. F. R.; PORTO, F. **Fac-símile na pesquisa em história da enfermagem obstétrica: Inauguração da capela da Pró-Matre (1923)**. Revista de pesquisa cuidado é fundamental, Rio de Janeiro, v. 2, n. 4, p. 1495-1505, out/dez. 2010. Disponível em: <http://www.seer.unirio.br/index.php/cuidadofundamental/article/view/1315/pdf_236>. Acesso em 17 out. 2012.

FAUSTO, B. **História concisa do Brasil**. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 2011.

HOBSBAWN, E.; RANGER, T. **A invenção das tradições**. São Paulo: Paz e Terra, 2008.

KOSHIBA, L.; PEREIRA, D. M. F. **História do Brasil**. 7. ed. São Paulo: Atual, 1996.

KOSSOY, B. **Fotografia e história**. São Paulo: Ateliê Editorial, 2001.

LENZA, P. **Direito Constitucional Esquematizado**. 13ª Ed. rev., atual. e ampl. São Paulo: Saraiva, 2009.

LIMA, F. J. **Ana Néri**: heroína da caridade. São Paulo: Nova Época, 1977.

LIMA, T. G. F. M.; BAPTISTA, S. S. **Circunstancia de criação das escolas de enfermagem do estado do Rio de Janeiro**. Revista Escola de Enfermagem Anna Nery, Rio de Janeiro, v. 4, n. 2, p. 197-208, ago. 2000.

MAUAD-ANDRADE, A. M. S. **Sob o signo da imagem. A produção fotográfica e o controle dos códigos de representação social da classe dominante do Rio de Janeiro da primeira metade do século XX.** Tese [Doutorado em História]. Rio de Janeiro (RJ): Universidade Federal Fluminense, Niterói, 1991.

MOREIRA, A.; OGUISSO, T. **Profissionalização da Enfermagem Brasileira**. Rio de Janeiro: Guanabara Koogan, 2005.

MUSEU HISTÓRICO NACIONAL. **Galeria Virtual:** Caricaturas de Rian. Disponível em: < http://www.museuhistoriconacional.com.br/>. Acesso em 05 jul. 2013.

NETO, M. O. **A produção da crença na imagem da enfermeira da Cruz Vermelha Brasileira no período da Primeira Guerra Mundial (1917-1918).** Dissertação

[Mestrado em Enfermagem]. Escola de Enfermagem Alfredo Pinto/Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro. Rio de Janeiro, 2011.

NOGUEIRA, M. A.; MARTINS NOGUEIRA, C. M. **Bourdieu & a educação.** Belo Horizonte (BH): Autêntica, 2009.

ÓRIA, R. **Apresentação**. *In*: Datas comemorativas e outras datas significativas. Brasília: Câmara dos Deputados, Edições Câmara, 2012. 175 p. (Série ações de cidadania: nº 15. Disponível em: <http://www. bd.camara.gov.br/bd/handle/bdcamara/10008> . Acesso em 21 out. 2012.

PAIXÃO, W. **História da Enfermagem**. Rio de Janeiro: Editora Bruno Buccini, 1969.

PEREIRA, J. H**. Curso básico de teoria da comunicação**. Rio de Janeiro: Quartet, 2012.

PEREIRA NETO, A. F. **Ser médico no Brasil –** O presente no passado. Rio de Janeiro: Fiocruz, 2001.

PERES, M. A. A.; BARREIRA, I. A. **Significado dos uniformes de enfermeiras nos primórdios da enfermagem moderna**. Revista Escola de Enfermagem Anna Nery, v.7, n.1, p. 25-38, abr. 2003. Disponível em: <http://www.redalyc.org/redalyc/pdf/1277/127717968004.pdf>. Acesso em 27 out. 2012.

PIETROFORTE, A V. **Semiótica Visual** – os percursos do olhar. São Paulo: Contexto. 2004.

PORTO, F. **Os ritos institucionais e a imagem pública da enfermeira brasileira na imprensa ilustrada: o poder simbólico no *click* fotográfico (1919-1925).** Tese [Doutorado em Enfermagem] Escola de Enfermagem Anna Nery/Universidade Federal do Rio de Janeiro. Rio de Janeiro, 2007.

_____. **Enfermagem: Cruz Vermelha Brasileira e Anna Nery (1935-1956).** Escola de Enfermagem, Universidade de São Paulo. São Paulo, 2009. [Relatório de Pesquisa de pós-doutorado].

PORTO, F.; OGUISSO, T. **Anna Justina Ferreira Nery**. In: PORTO, F.; AMORIM, W. História da Enfermagem. São Paulo: Yendis, 2010. p. 01-09.

_____. **Nome da "Mãe dos Brasileiros"**. Revista Enfermagem em Foco, v. 2, p. 77-80, 2011. Disponível em: <http://revista.portalcofen.gov.br/index.php/enfermagem/article/view/87/73>. Acesso em 25 nov. 2012.

_____. **Os elementos simbólicos do monumento a Anna Nery no Rio de Janeiro, Brasil.** Revista Gaúcha de Enfermagem, v.32, n.4, p. 719-26, 2011b.

PORTO, F.; SANTOS, T. C. F. **A Enfermeira Brasileira na Mira do *Click* fotográfico (1919-1925)**. In*:* PORTO, F.; AMORIM, W. História da Enfermagem. Rio de Janeiro: Editora Águia Dourada, 2007. p. 25-187.

_____. **A romaria ao túmulo de D. Anna Nery (1925-1926): uma tradição inventada pela enfermagem brasileira**. Revista de Pesquisa: Enfermeria global, v.4 n.2, p. 1-11, 2005. Disponível em: <http://revistas.um.es/eglobal/article/download/483/483>. Acesso em 02 set. 2012.

_____. **Triangulação dos dados na pesquisa em história da enfermagem**. Revista de enfermagem o cuidado é fundamental, Rio de Janeiro, v.10, n.1, p. 25-27, 2006.

POSSOLO, A. **Curso de Enfermeiros**. Rio de Janeiro: Leite Ribeiro & Maurillo, 1920.

SANTOS, G. F. **O livro do Enfermeiro e da Enfermeira**, 1928.

SANTOS, T. C. F.; BARREIRA I. E.; SAUTHIER, J. A **fotografia como fonte primária na pesquisa em história da enfermagem**. Revista Escola de Enfermagem Anna Nery, Rio de Janeiro, v.3, n.1, p. 72-84, abr. 1999.

SAUTHIER, J.; BARREIRA, I. A. **As enfermeiras norte-americanas e o ensino da enfermagem na capital do Brasil: 1921-1931**. Rio de Janeiro: Escola de Enfermagem Anna Nery/Universidade Federal do Rio de Janeiro, 1999.

SEGALEN, M. **Ritos e rituais contemporâneos**. Rio de Janeiro: Fundação Getúlio Vargas, 2002.

SILVA, R. S. **Diagramação** – o planejamento visual gráfico na comunicação impressa. São Paulo: Summus, 1985.

TABOADA, Gisele; NERY, João Elias; MARINHO, Maria Gabriela. **A Revista da Semana em Perspectiva**. THESIS, São Paulo, ano I, v.2, 2º semestre, p. 18-31, 2004.

TRIVIÑOS, A. N. S. **Introdução à Pesquisa em Ciências Sociais –** A Pesquisa Qualitativa na Educação. São Paulo: Atlas, 1994.

LEGISLAÇÕES

BRASIL. **Lei de 9 de setembro de 1826**. Marca os dias de festividade nacional em todo o território. Coleção das Leis do Império do Brasil, Rio de Janeiro (DF), 1826. Disponível em: <http://www2.camara.gov.br/legin/fed/lei_sn/1824-1899/lei-38600-9-setembro-1826-567169-publicacaooriginal-90570-pl.html>. Acesso em 22 out. 2012.

_____. **Decreto nº 155-B de 14 de janeiro de 1890**. Declara os dias de festa nacional. Consolidação das Leis da República dos Estados Unidos do Brasil, Rio de Janeiro (DF), 1890a. Disponível em: <http://www6.senado.gov.br/legislacao/ListaPublicacoes.action?id=64198>. Acesso em: 12 out. 2012.

_____. **Decreto nº 791 de 27 de setembro de 1890**. Crêa no Hospicio Nacional de Alienados uma escola profissional de enfermeiros e enfermeiras. Consolidação das Leis da República dos Estados Unidos do Brasil. Rio de Janeiro (DF), 1890b. Disponível em: <http://www6.senado.gov.br/legislacao/ListaTextoIntegral.action?id=53774>. Acesso em: 11 out. 2012.

_____. **Decreto nº 3 de 28 de fevereiro de 1891.** Declara de festa nacional o dia 24 de fevereiro. Consolidação das Leis da República dos Estados Unidos do Brasil, Rio de Janeiro (DF), 1891. Disponível em: <http://www2.camara.gov.br/legin/fed/decret/1824-1899/decreto-3-28-fevereiro-1891-503824-publicacaooriginal-1-pe.html>. Acesso em: 22 out. 2012.

_____. **Decreto nº 4.497 de 19 de janeiro de 1922**. Declara feriado nacional o dia 25 de dezembro. Consolidação das Leis da República dos Estados Unidos do Brasil, Rio de Janeiro (DF), 1922. Disponível em: <http://www2.camara.gov.br/legin/fed/decret/1920-1929/decreto-4497-19-janeiro-1922-568077-publicacaooriginal-91471-pl.htm>. Acesso em: 22 out. 2012.

_____. **Decreto nº 4.859 de 26 de setembro de 1924**. Declara feriado nacional o dia 1º de maio. Consolidação das Leis da República dos Estados Unidos do Brasil, Rio de Janeiro (DF), 1924. Disponível em: <http://www2.camara.gov.br/legin/fed/decret/1920-1929/decreto-4859-26-setembro-1924-567741-norma-pl.html>. Acesso em 21 out. 2012.

_____. **Decreto nº 19.488 de 15 de dezembro de 1930**. Declara os dias de festa nacional. Consolidação das Leis da República dos Estados Unidos do Brasil, Rio de Janeiro (DF), 1930. Disponível em: <http://www2.camara.gov.br/legin/fed/decret/1930-1939/decreto-19488-15-dezembro-1930-508040-republicacao-85201-pe.html>. Acesso em: 22 out. 2012.

_____. **Decreto nº 20.109 de 15 de junho de 1931**. Regula o exercício da enfermagem no Brasil e fixa as condições de equiparação das Escolas de Enfermagem. Consolidação das Leis da República dos Estados Unidos do Brasil, Rio de Janeiro (DF), 1931. Disponível em: <http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/decreto/1930-1949/D20109.htm>. Acesso em: 14 out. 2012.

_____. **Decreto nº 20.931 de 11 de janeiro de 1932.** Regula e fiscaliza o exercício da medicina, da odontologia, da medicina veterinária e das profissões de farmacêutico, parteira e enfermeira, no Brasil, e estabelece penas. Consolidação das Leis da República dos Estados Unidos do Brasil, Rio de Janeiro (DF), 1932a. Disponível em: <http://www.jusbrasil.com.br/legislacao/116714/decreto-20931-32>. Acesso em: 14 out. 2012.

_____. **Decreto nº 2.956 de 10 de agosto de 1938.** Institui o Dia do Enfermeiro. Coleção das Leis da República dos Estados Unidos do Brasil, Rio de Janeiro (DF), 1938. Disponível em: <http://www.novo.portalcofen.gov.br/decreto-n-2956-de-100838_4172.html>. Acesso em: 21 out. 2012.

_____. **Decreto nº 48.202 de 12 de maio de 1960**. Institui a Semana da Enfermagem. Diário Oficial [da] República Federativa do Brasil, DF, 1960. Disponível em: http://www2.camara.leg.br/legin/fed/decret/1960-1969/decreto-48202-12-maio-1960-387670-publicacaooriginal-1-pe.html. Acesso em: 30 abr. 2013.

_____. **Lei número 9.610 de 19 de fevereiro de 1998**. Altera, atualiza e consolida a legislação sobre direitos autorais e da outras providências. Diário Oficial [da] República Federativa do Brasil, DF, 1998. Disponível em: <http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/L9610.htm >. Acesso em: 21 out. 2012.

_____. **Resolução Cofen 294 de 15 de outubro de 2004**. Institui o Dia Nacional do Técnico e Auxiliar de Enfermagem. Diário Oficial [da] República Federativa do Brasil, DF, 2004. Disponível em: <http://novo.portalcofen.gov.br/resoluo-cofen-2942004_4330.html>

FONTES

CRUZ VERMELHA BRASILEIRA. **Histórico da Cruz Vermelha Brasileira (1908-1923)**. Órgão Central. Rio de Janeiro (RJ), 1923.

_____.**Histórico do Movimento Internacional da Cruz Vermelha**. Comitê Internacional da Cruz Vermelha. Rio de Janeiro (RJ), s/d.

_____.A estátua á Ana Nery. Revista da Cruz Vermelha Brasileira. Rio de Janeiro (RJ). Janeiro-março. 1952: 14.

DEPARTAMENTO NACIONAL DE SAÚDE PÚBLICA. **Centro de Documentação**-Mód. A, cx 08, Documento n° 12, 1926.

REVISTA DA SEMANA. **Mãe do Mundo**. Revista da Semana, Rio de Janeiro, p. 06, 1918, p.6

REVISTA DA SEMANA. **Capa**. Revista da Semana, Rio de Janeiro, 1920.

REVISTA DA SEMANA. **O Dia da Enfermeira**. Revista da Semana, Rio de Janeiro, p. 29, 25 maio 1929.

REVISTA DA SEMANA. **O Dia da Enfermeira**. Revista da Semana, Rio de Janeiro, p. 16, 7 jun 1930.

Selo da série III Conferência Pan-americana da Cruz Vermelha no Rio de Janeiro. Disponível em < http://www.pinkland.com.br/b__c88__0_____.html>. Acesso em: 30 abr. 2013.

Torre do Palácio da Cruz Vermelha Brasileira – Órgão Central – Rio de Janeiro. Disponível em <http://www.cruzvermelhani.org.br/site/cruz-vermelha/cruz-vermelha-brasileira.html>. Acesso em 30 abr. 2013.

APÊNDICE A

Matriz de Análise

1. **Dados de Identificação**
    - Local do acervo:
    - Nome da revista ilustrada:
    - Número de exemplar:
    - Página que se encontra a imagem fotográfica:
    - Data da publicação do exemplar da revista:
    - Título ou manchete que acompanha a fotografia:
2. **Dados para o Plano de Expressão**
    - Crédito da imagem fotográfica:
    - Relação texto imagem:
    - Legenda:
    - Tipo de foto:
    - Formato:
    - Plano:
    - Sentido:
    - Localização da imagem na página:
3. **Dados para o plano de Conteúdo**
    - Local retratado:
    - Pessoas retratadas:
    - Tema da imagem retratada:
    - Atributos:
        - Pessoais:
        - Paisagem:

4. **Dados Complementares obtidos de outra imagem fotográfica**.

    - Origem da informação
    - Informação complementar

Fonte: PORTO & SANTOS, 2007.

ANEXOS

ANEXO A



O Dia da Enfermeira foi commemorado com a visita ao tumulo de d. Anna Nery, de que se vêem dois aspectos, e com a entrega de diplomas ás alumnas que concluiram o curso, da qual publicamos a gravura que se vê ao alto, sob um grupo em que figuram as novas Legionarias da Caridade.

Revista da Semana, O Dia da Enfermeira, 25/05/1929, p. 29.

ANEXO B



Revista da Semana, O Dia da Enfermeira, 07/06/1930, p. 16.